

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE (UNICENTRO – PR)**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**O DESABROCHAR DAS MULHERES DA PRIMAVERA: UMA HISTÓRIA  
DE PROTAGONISMO E CONTRADIÇÕES – GUARAPUAVA - PR**  
**(2003 -2013)**

Irati

2017

**KARINA DE FATIMA VISENTIN BOCHNIA**

**O DESABROCHAR DAS MULHERES DA PRIMAVERA: UMA HISTÓRIA  
DE PROTAGONISMO E CONTRADIÇÕES – GUARAPUAVA – PR  
(2003 -2013)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração “História e Regiões”, da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO-PR.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>: Nádia Maria Guariza.

Irati

2017

Catálogo na Fonte  
Biblioteca da UNICENTRO

BOCHNIA, Karina de Fátima Visentin.

B664d O desabrochar das mulheres da primavera: uma história de protagonismo e  
contradições – Guarapuava - PR (2003 -2013) / Karina de Fátima Visentin Bochnia. –  
Irati, PR.: [s.n], 2017.

131f.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Nádia Maria Guariza

Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. Área de concentração: História e Regiões. Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR.

1. Dissertação – mulher. 2. Religião – religiosidade. 3. Relação do poder. I. Guariza,  
Nádia Maria. II. UNICENTRO. III. Título.

CDD 305.4



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP  
Programa de Pós-Graduação em História - PPGH  
Área de Concentração - História e Regiões

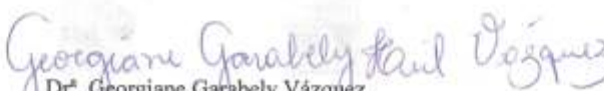


### TERMO DE APROVAÇÃO


**Karina de Fátima Visentin Bochnia**

**“O Desabrochar das Mulheres da Primavera: uma história de protagonismo e contradições –  
Guarapuava - PR (2003 - 2013)”**

Dissertação aprovada em 25/07/2017, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

  
Dr.<sup>a</sup> Georgiane Garabely Vázquez  
Universidade Estadual de Ponta Grossa,  
Titular

  
Dr.<sup>a</sup> Rosemeri Moreira  
Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Titular

  
Dr.<sup>a</sup> Nadia Maria Guariza  
Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Irati - PR  
2017

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é resultado da colaboração conjunta de cada um dos agentes envolvidos em interessados em dar suporte para que fosse realizado. Sem a colaboração de cada um, não seria possível completar esta trajetória. Agradeço primeiramente a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – (CAPES), por depositar confiança, incentivar e tornar possível o encaminhamento desse estudo, bem como as demais pesquisas na área das Ciências Humanas.

Agradeço à minha orientadora Nádia Maria Guariza, que primeiramente aceitou acompanhar o meu trabalho, me deu suporte tanto intelectual quanto emocional em algumas vezes, se disponibilizou a realizar leituras de todos os meus textos, os corrigiu inúmeras vezes e me proporcionou leituras e aprendizado essenciais para minha formação como mestranda.

À professora Rosemeri Moreira, uma das profissionais pela qual tenho muita admiração desde a graduação em História em 2007, quando atuava como colaboradora do departamento de História no Campus Santa – Cruz, na Unicentro; a ela que desde aquele período já mostrava a excelência do seu trabalho e foi uma das maiores incentivadoras na realização desta pesquisa, meus agradecimentos.

Ao grande professor Ariel José Pires, que também foi professor na graduação, pessoa pela qual possuo enorme admiração e que mesmo aposentado disponibilizou seu tempo a realizar leituras do meu trabalho, me concedeu energias, me amparou psicologicamente, não me cobrou nada em troca e me fez mais uma vez realizar o processo cognitivo do meu ofício enquanto professora, agradeço imensamente.

Agradeço também à Georgine Garabely Heil Vázquez, pela dedicação à leitura do texto e pelas contribuições muito bem vindas ao arremate final desse trabalho.

Aos professores Jó e Luciana Klanovcz, dos quais tive a grande oportunidade de ser aluna durante o mestrado, e muito mais do que isso, os quais mostraram que a reflexão e o debate em relação à nossa área se fazem muito além do espaço institucional, sendo pessoas maravilhosas tanto dentro quanto fora da Universidade, sempre agindo com determinação acima de tudo, e dando exemplo para todos nós, meu profundo agradecimento.

Agradeço ainda ao professor Vanderlei Sebastião de Souza, intelectual invejável, que sempre tive interesse em conhecer desde que começou a trabalhar na Unicentro em 2013, pelo seu caráter como intelectual crítico das Ciências Humanas e também como grande profissional, por meio do qual foi possível agregar maior conhecimento e aos professores

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira e Marcio Fernandes, dos quais tive a imensa oportunidade de ser aluna nas disciplinas de Língua, literatura e diálogo com as artes, no Programa de Pós – Graduação em letras PPGL na Unicentro, Campus Santa Cruz.

Não poderia deixar de agradecer também à professora Cerize Nascimento Gomes, que foi uma das pessoas que me acompanhou na graduação, tanto em História em 2007, como em Ciências Sociais em 2014, que me ouviu, me incentivou e me deu suporte nessa pesquisa e em outros momentos pessoais: uma pessoa incrível.

Aos professores Alcelmo Schorner e Oséias de Oliveira que estiveram empenhados na coordenação do curso, sempre prontos a responder todas às dúvidas referentes aos processos burocráticos do Programa de Pós Graduação em História – (PPGH); à Cibele Zwar que atua na Secretaria do PPGH e que sempre atendeu prontamente, respondendo às dúvidas em relação ao prosseguimento do curso e à Aline Beatriz Dorochinski, estagiária do PPGH responsável na organização dos documentos do programa, meu obrigado.

Aos meus colegas, os quais foram também pessoas fundamentais na continuação do mestrado, nos debates em sala de aula, nas leituras dos textos iniciais, nas aulas de seminário da professora Luciana Klanovcz, e mesmo fora de sala de aula, quando foi possível estabelecermos contato, nos apoiando e incentivando-nos uns aos outros, pessoas maravilhosas que marcaram essa etapa de minha caminhada, e que serei eternamente grata por tê-los como amigos: Carla Rigo, Handressa Louanne Rossi, Jaíne Menoncin, Maycon Zanin, Marcela Cristiane Cavalheiro Miranda Francescon, Melody Forcelini, Tiago Bomfim e Wagner Fiuza. Agradeço carinhosamente por cada um de vocês e desejo que todos sejam completamente realizados em suas carreiras.

Agradeço à Adriana Cunha, que me incentivou no projeto inicial desta pesquisa; à Talles Faleiros Lemos, por me responder muitas dúvidas em relação aos documentos conciliares da Igreja Católica; à Aline, Edilza, Priscila, Neoci, Rosiele e a todas as mulheres do *Movimento de Mulheres da Primavera*, que se disponibilizaram a conceder dados, materiais, e responder dúvidas na realização desta pesquisa, mulheres empoderadas que foram a grande motivação na realização desse trabalho.

Agradeço à minha mãe Roseli Terezinha Visentin Bochnia, que me concedeu a vida e se dedicou a me ensinar a viver em paz e harmonia; mesmo que nem sempre as possibilidades nos tenham favorecido, sempre me ensinou que a humildade é o princípio mais valioso. Ao meu marido Fernando Hamad, que foi a pessoa que sempre me incentivou a caminhar em busca de minhas realizações e esteve ao meu lado em todos os momentos, obrigada por acreditar em mim; aos meus irmãos Marcos Marcelo Bochnia e Raphael Bochnia, que são

grandes exemplos, sempre me apoiaram em todos os momentos e às minhas cunhadas que acompanharam o meu estado de espírito durante o desenrolar dessa pesquisa, meu muito obrigado.

A todas as pessoas que dedicaram minutos, horas e dias para que esse trabalho se efetivasse de fato, agradeço imensamente, pois sem a colaboração de cada um essa pesquisa não seria a mesma, graças à dedicação de todos e todas foi possível a realização desta pesquisa.

*“É preciso antes de tudo, acabar com o respeito pela vida privada: é o começo e o fim da alienação social. Um grupo analítico, uma unidade de subversão desejante não tem mais vida privada: ele está ao mesmo tempo voltado para dentro e para fora, para sua contingência, sua finitude e para seus objetivos de luta. O movimento revolucionário deve, portanto, construir para si uma nova forma de subjetividade que não mais repouse sobre a família e a vida conjugal.” Félix Guattari.*



## RESUMO

Essa dissertação discorre sobre o protagonismo das representantes do Movimento de Mulheres do bairro Primavera (MMP) na cidade de Guarapuava, como agentes políticas inseridas na prática de suas religiosidades. O MMP, ao se legitimar como movimento social, passou a utilizar-se de princípios defendidos pelos Movimentos Feministas assumindo-se como tal; ao mesmo tempo, elegeu vereadora uma de suas representantes, passando a utilizar de posicionamentos políticos divergentes em suas bases, mas que estrategicamente assumiram uma proposta política convergente no período. Fatos que se tornaram possíveis analisar por meio dos pressupostos teóricos defendidos por Joan Scott e Michel Foucault. O recorte temporal desta pesquisa compreendeu o período entre 2003, início das atividades do grupo de mulheres, até 2013, ano em que a vereadora passou a atuar como Vice-Prefeita da cidade de Guarapuava, ocupando também o cargo de Secretária Municipal de Políticas Públicas para as mulheres. Para cumprir o itinerário da pesquisa, foi utilizada a metodologia da entrevista oral, bem como uma vasta documentação como atas, livros, fotografias, *blog* e panfletos do movimento, diretrizes nacionais da *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* (CNBB), documentos conciliares do Vaticano, documentos paroquiais, livretos de formação de estudos bíblicos, relatórios de atividades e manuais de estudo do *MMP*.

Palavras-Chave: Religiosidade. Gênero. Relações de Poder.

## **ABSTRACT**

The present dissertation is about the protagonism of the Primavera branch Women Movement (MMP - Portuguese abbreviation) representatives in the city of Guarapuava as political agents within their religious practices. The MMP, as turning to a social movement, started using principles defended by Feminist Movements, assuming itself as one of them; at the same time, it had one of its representatives elected in the municipal elections with some political contradictories positions in its basis, what strategically assumed a convergent political proposal in that period. Those facts were possible to analyze through theoretical assumptions defended by Joan Scott and Michel Foucault. The time cut from the present research is between 2003, which is the beginning of the women group activities and 2013, which is the year when the councilor became the deputy-mayor in Guarapuava, holding the position of Women Public Policies Municipal Secretary. In order to fulfill the itinerary of the research, it was used the oral interview methodology, as well as a huge documentation as writing records, books, photographs, the movement blog and folders, national headlines from the Brazilian Bishops National Conference (CNBB – Portuguese abbreviation), Vatican conciliar documents, parish documents, biblical studies formation books, activities reports and the MMP study handbook.

Keywords: Religiosity. Gender. Power Relations.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MMP -	Movimento de Mulheres do Bairro Primavera
ACIG -	Associação Comercial de Guarapuava
CEBI -	Centro de Estudos Bíblicos
CEBs -	Comunidades Eclesiais de Base
CEFEP -	Centro Nacional de Fé e Política Dom Hélder Câmara
CEFURIA -	Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araujo
CELAM -	Conselho Episcopal da América Latina
CIMI -	Conselho Indigenista Missionário
CJP -	Comissão de Justiça e Paz
CNBB -	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CODAE -	Conselho Diocesano de Assuntos Econômicos
COPAE -	Conselho Paroquial para Assuntos Econômicos
COPERSOL -	Cooperativa Paranaense de Reciclagem
CPC -	Conselho Pastoral Comunitário
CPT -	Comissão Pastoral da Terra
DSI -	Doutrina Social da Igreja
EDFP -	Escola Diocesana de Fé e Política
FDS -	Fundo Diocesano de Solidariedade
LGBTTT -	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAB -	Movimento dos Atingidos pelas Barragens
MMC -	Movimento de Mulheres Camponesas
MMM -	Marcha Mundial das Mulheres
MPA -	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST -	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONGs -	Organizações não Governamentais

OSC -	Organizações da Sociedade Civil
OSC -	Organização da Sociedade Civil
PDT -	Partido Democrático Trabalhista
PFZ -	Programa Fome Zero
PHS -	Partido Humanista da Solidariedade
PJR -	Pastoral da Juventude Rural
PMDB -	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMM -	Pastoral das Mulheres Marginalizadas
PPB -	Partido Progressista Brasileiro
PPS -	Partido Popular Socialista
PRP -	Partido Republicano Progressista
PSDB -	Partido da Social Democracia Brasileira
PT -	Partido dos Trabalhadores
PT do B -	Partido Trabalhista do Brasil
PTB -	Partido Trabalhista Brasileiro
RCC -	Renovação Carismática Católica
RECID -	Rede de Educação Popular
SOF -	Sempre Viva Organização Feminista
TCE-PR -	Tribunal de Contas do Estado do Paraná
UBM -	União Brasileira das Mulheres
UBS -	Unidade Básica de Saúde
UTFPR -	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## LISTA DE FOTOGRAFIAS E IMAGENS

<b>Figura 1 -</b>	4º Encontro das Mulheres que Lutam e sonham.....	66
<b>Figura 2 -</b>	10º Romaria da Mulher.....	67
<b>Figura 3 -</b>	Gerações no Movimento.....	67
<b>Figura 4 -</b>	Capa da coletânea de materiais dos cadernos de formação da Pastoral da Juventude Rural do Brasil.....	79
<b>Figura 5 -</b>	1ª Romaria da Mulher - Bairro Primavera .....	82
<b>Figura 6 -</b>	Imagem das mulheres do MMP no dia em que foi realizada a limpeza do Rio Xarquinho.....	86
<b>Figura 7 -</b>	Folheto do 1º Encontro das mulheres que Lutam e Sonham, realizado pelo mandato da vereadora Eva.....	89
<b>Figura 8 -</b>	Panfleto de coleta de assinaturas do abaixo assinado para a construção de creches em Guarapuava.....	96
<b>Figura 9 -</b>	10ª Romaria da Mulher: Direitos da Mulher na lei e na Vida 10 anos de história .....	109

## SUMÁRIO

Lista de fotografias e imagens.....	13
Lista de abreviaturas e siglas.....	10
<b>Introdução.....</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo 1</b>	
O SURGIMENTO DO MOVIMENTO DE MULHERES DA PRIMAVERA..	27
1.1 A cidade e o bairro.....	27
1.2 Os discursos de fundação.....	33
1.3 O projeto político do bem comum .....	43
1.4 As representantes do MMP e o viés religioso .....	53
<b>Capítulo 2</b>	
O MMP COMO MOVIMENTO SOCIAL: DA RELIGIOSIDADE À PERCEPÇÃO DE AÇÃO.....	59
2.1 Movimento social, associativismo ou organização da sociedade civil?.....	60
2.2 As primeiras romarias da mulher: do místico ao religioso (2004 - 2007).....	72
2.3 O feminino como agente de pressão: das ações às reivindicações (2008- 2012).....	85
<b>Capítulo 3</b>	
AS MANEIRAS DE SER E PERTENCER A UM GRUPO DE MULHERES.	100
3.1 Uma aliança partidária sob as relações de poder.....	100
3.2 A 10ª romaria da mulher: aquela que é posta sob as cores do arco-íris.....	107
3.3 Do pluralismo feminista às vozes femininas.....	112
<b>Considerações finais.....</b>	<b>122</b>
<b>Fontes Orais.....</b>	<b>125</b>
<b>Referências .....</b>	<b>126</b>

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema envolvendo o *Movimento de Mulheres do Bairro Primavera*<sup>1</sup> (MMP) como objeto de pesquisa, surgiu principalmente de dois fatores: primeiro, de uma conversa informal nos bancos da Universidade, após contato em 2013, com uma das representantes do grupo; segundo, pela influência do debate efervescente sobre questões de gênero que ocorria naquele período, tanto na Universidade, quanto na rede pública e privada de ensino. Acrescente-se a isso, o contexto da crise política brasileira de então, que provocou a articulação, através das redes sociais, de grandes movimentos de rua.

O grupo chamou a atenção também pelo fato de ser criado e organizado por mulheres moradoras da periferia<sup>2</sup> da cidade de Guarapuava-PR, que se utilizou de um discurso religioso.

Ainda, para dar vazão a essa escolha do objeto de pesquisa, também foi importante o diálogo estabelecido com uma das mulheres atuante da Marcha Mundial das Mulheres, que proporcionou um maior amadurecimento na intenção da pesquisa.

O MMP passou a ter maior visibilidade na cidade no momento em que colaborou com a eleição para vereadora, em 2009, de uma de suas fundadoras e, principal representante do grupo. Posteriormente, essa mesma pessoa foi eleita para o cargo de vice-prefeita, fato inédito na política local.

Importante destacar no contexto deste trabalho que, destarte o grupo ter surgido com um discurso de “esquerda”, a vereadora, para ser eleita vice-prefeita, compôs com um grupo político tradicional da política local, que, ao longo do tempo vem se alternando no poder, com outros grupos igualmente conservadores.

O grupo, durante sua gestação, promovia debates articulando as particularidades de cada participante, bem como a relação delas como sujeitos atuantes no espaço público e religioso. Uma das atividades de grande visibilidade organizada pelo MMP é a realização anual da *Romaria da Mulher*, que se constitui de uma peregrinação pelas ruas da cidade, atividade de cunho religioso, em que procuram empregar elementos políticos de alcance para a comunidade do referido bairro.

---

<sup>1</sup> A partir daqui ao referir-se ao Movimento de Mulheres da Primavera, será utilizado a sigla MMP.

<sup>2</sup> O conceito de periferia é compreendido de acordo com Roberto Lobatto Corrêa: “A periferia urbana tem sido usualmente considerada como aquela área da cidade que em termos de localização situa-se nos arredores do espaço urbano”. Para compreender a organização do MMP no espaço urbano de Guarapuava – PR utilizou-se para essa análise o conceito de periferia como área urbanizada no limite do espaço urbano contínuo. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/12551/11859>. Acesso em 14/08/2017.

Esta dissertação procura, portanto, analisar o protagonismo do MMP na construção de um grupo, que se reconhece feminista, e que se coloca como agente político na cidade de Guarapuava – PR. Acredita-se que esta iniciativa seja necessária, visto que, por se tratar de uma cidade conservadora e, que conforme Marcia da Silva é composta por uma rede social de poder, de atores que transitam de um grupo a outro, sendo: “[...] um grupo seletivo de políticos e empresários locais que se “auto-ajuda” para a manutenção do poder ou para a sua conquista, mesmo que as relações sejam bem mais amplas, como é o caso dos políticos e suas vinculações com os eleitores”<sup>3</sup>. Uma cidade que agrega ainda, elementos de uma cultura de padrão patriarcal, expondo fortemente uma estrutura social machista, sexista, racista e homofóbica, que se reflete nos dados da violência contra as mulheres, os quais serão apontados no decorrer deste texto, bem como nas relações singulares e plurais que ecoam nas vozes e silenciamentos das mulheres entrevistadas ao longo deste trabalho.

Portanto, parte-se do pressuposto de que, ao denominar-se como protagonistas de um movimento social feminista e principalmente político, as mulheres do MMP, ao se autodenominarem como atuantes de um movimento social construíram uma representação enquanto grupo. Nesse sentido, em linhas gerais, os objetivos específicos dessa dissertação visaram, primeiramente, analisar de que forma formou-se o discurso de surgimento do grupo, articulando a representação deste enquanto atuante da Igreja Católica; Segundo: observar como o grupo procurou se legitimar como movimento social em favor das mulheres e por fim compreender o modo como o MMP utilizou das relações estabelecidas entre as participantes e mulheres que atuavam como membros da paróquia Nossa Senhora de Fátima, em função do que elas consideraram como ações e reivindicações políticas. Articulações analisadas por meio de um aporte/teórico metodológico, que se concebe como fundamental.

Ao analisar o MMP sob a perspectiva de gênero, tornou-se necessário compreender o uso do conceito como categoria analítica, o qual corresponde aos pressupostos defendidos pela historiadora Joan Scott, a qual assinala a definição a partir de duas premissas, inter-relacionada: a primeira refere-se “ao gênero como um elemento que se constitui em relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. A segunda é que o conceito seria uma primeira forma de dar significado às relações de poder”<sup>4</sup>, assim, as relações sociais foram analisadas no MMP por meio do modo como elas organizaram o grupo, principalmente

---

<sup>3</sup> SILVA, Marcia da. *Noções Introdutórias da formação de “territórios conservadores de poder”*: o exemplo de Guarapuava/PR- Brasil. X Colóquio Internacional de Geocrítica. Diez años de cambios em el mundo, em la geografía em y em las ciencias sociales, 1999-2008. Barcelona, 26 - 30 de mayo de 2008 Universidad de Barcelona. Disponível em: [www.ub.edu/geocrit/-xcol/220.htm](http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/220.htm). Acesso em 20/08/2017.

<sup>4</sup> SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, n.2. Porto Alegre, jul./dez.1990. p. 22.



pela maneira como o estruturaram como mulheres atuantes da Igreja Católica. Além disso, o conceito referente às relações de poder, destacadas pela historiadora, foi analisado conforme as principais administradoras do grupo foram estabelecendo relações sociais e políticas entre os membros da paróquia Nossa Senhora de Fátima, moradores do bairro e os principais partidos políticos de Guarapuava, por meio da inserção do movimento em um Projeto Político elaborado, principalmente, pela influência de um padre que atuou na paróquia, no ano de 2007 em diante.

Outros elementos constitutivos das relações sociais foram elencados por Joan Scott nas pesquisas que analisam a categoria gênero, fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos; foi à análise de que gênero resulta em quatro elementos relacionados entre si: primeiramente os símbolos, que culturalmente evocam representações múltiplas como os exemplos de Eva e Maria, que permitem analisar as representações simbólicas, suas modalidades e contexto que se inserem. O segundo elemento se configura nos conceitos normativos que colocam em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, limitando e contendo as suas possibilidades metafóricas, dessa forma, a asserção normativa depende do que é aceito, negado ou rejeitado, e das possibilidades de confrontações em determinados contextos. O terceiro aspecto, apontado por Scott, diz respeito ao objetivo da pesquisa histórica que é explodir a noção de fixidade, descobrindo a natureza do debate ou da repressão, elevando a aparência de uma permanência eterna na representação binária dos gêneros. Quanto ao quarto aspecto, a pesquisa deve, de acordo com a historiadora, observar sobre o que “diz respeito à identidade subjetiva”<sup>5</sup>. Fatores analisados nessa pesquisa, por meio do contato com os objetos dentro do recorte temporal analisado no MMP.

Assim conforme Scott, o/a pesquisador/a que analisa o conceito de gênero deve o observar enquanto categoria de análise, e que este, propõe uma transformação sob a perceptiva do conhecimento tradicional, acrescentando novas temáticas e incluindo novos discursos, analisando a natureza dessas relações. Nesse sentido foi necessário compreender como ocorreram essas relações buscando o significado. E necessário observar o sujeito individual bem como a organização social, articulando a natureza de suas inter-relações, ambos são cruciais para compreender como funciona a categoria e como ocorre a mudança”<sup>6</sup>.

Dessa forma, ao analisar a organização das mulheres do MMP em seus aspectos gerais, além de procurar observar as implicações do conceito de *gênero* como *categoria* de

---

<sup>5</sup>Idem.

<sup>6</sup>Idem.

análise por meio das relações estabelecidas, tornou-se necessário também, compreender o sentido do conceito de *Representações Coletivas*, definido por Roger Chartier:

Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade<sup>7</sup>.

As representações ocorrem como em diferentes lugares e temporalidades as realidades sociais se constroem; em meio a delimitações, classificações e divisões. E por mais que se tornem naturalizadas, são passíveis de serem modificadas pelos grupos sociais, pois são construídas historicamente através das relações de poder estabelecidas entre eles. Nesse sentido, a produção de discursos referente às realidades é determinada pelas condições históricas que lhe constroem. Por esse motivo, a importância de se trabalhar na perspectiva da história cultural, pois desse modo é possível compreender as classificações e exclusões que constituem a configuração social a ser analisada, no caso dessa pesquisa, a maneira como se constituíram essas variantes dentro do MMP.

Concomitantemente ao conceito de representação analisado por meio dos modos como as participantes do MMP agiram, sobretudo nas relações de poder, tornou-se necessário observar, de acordo com Foucault, como ocorreu dentro da temporalidade proposta por essa pesquisa, o exercício de poder no âmbito do movimento. Assim, o conceito sobre as relações constituídas de poder, foi compreendido por meio das definições dos discursos de verdade, nas quais os mecanismos de poder se utilizam de linguagens, comportamentos e valores os quais aprisionam os sujeitos<sup>8</sup>, pois:

cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade, isto é, os tipos de discurso que aceita e faz funcionar como verdadeiros..., os meios pelo qual cada um deles é sancionado, as técnicas e procedimentos valorizados na aquisição da verdade; o *status* daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista das revistas*. São Paulo, V. 11, n° 5, Jan/abril, p. 173 a 191, 1991. p. 183.

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 12-13.

<sup>9</sup> Idem.

Dessa forma, ao analisar o grupo de mulheres, foi também importante observar os modos pelos quais ocorreu o funcionamento dos discursos constituídos de *verdade* que permearam as relações entre o grupo e os envolvidos (a), percebendo como estes foram aceitos e compreendidos pelos sujeitos, tanto nas relações coletivas quanto em suas subjetividades.

Nesse sentido, foi imprescindível inferir o conceito de *subjetividade* que, segundo Deleuze e Felix Guattari,

[...] não é dada; ela é objeto de uma incansável produção que transborda o indivíduo por todos os lados. O que temos são processos de individuação ou de subjetivação, que se fazem nas conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais o indivíduo e seu contorno seriam apenas uma resultante. Assim, as figuras da subjetividade são por princípio efêmeras, e sua formação pressupõe necessariamente agenciamentos coletivos e impessoais<sup>10</sup>.

Na medida em que se observou a maneira como cada um dos entrevistados (a) relataram suas experiências e pontos de vista a respeito do MMP e sua relação com o grupo, bem como a forma como o movimento assumiu posições diversas em sua construção, a percepção da subjetividade se tornou essencial para a compreensão da maneira como ocorreram as inter-relações entre os sujeitos e a coletividade. Pois, para Guattari a subjetividade atua em favor de uma perspectiva coletiva sendo ela individual e que resulta de “um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies”<sup>11</sup>. Assim a coletividade “diz respeito à própria heterogeneidade de vetores que a compõe”<sup>12</sup>, atuando também politicamente, na lógica do sistema capitalista.

Para analisar essas questões e explorar a memória como fonte histórica, foi fundamental a compreensão de que esta é uma representação construída no tempo e no espaço. Conforme Myrian Sepúlveda dos Santos não se pode ignorar que no processo da sua construção, sempre há elementos determinantes que se encontram fora do alcance da vontade e do poder reflexivo dos indivíduos. Sendo também incompleta, pois há de acordo com ela, uma infinidade de experiências vividas por indivíduos e grupos sociais que se encontram em contínua transformação. Ainda há que se considerarem as tensões e disputas que resultam em lembranças e esquecimentos diferenciados de acontecimentos vivenciados, fatos que são

<sup>10</sup> ALLIEZ, E. (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000. p.451-462. p. 453.

<sup>11</sup> GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. p. 340

<sup>12</sup> Idem.

analisados nessa pesquisa, por meio das entrevistas com as participantes e pessoas ligadas de uma forma ou outra ao MMP. Assim,

Nossa capacidade de pensar, agir e transformar o mundo, seja ela estratégica, normativa ou reflexiva, necessita sempre considerar seus limites. Pois há nestes processos aspectos que, por mais que os incorporemos, nos antecedem e sobre os quais não temos total controle<sup>13</sup>.

Para a autora, nos últimos anos a memória deixou de ser considerado um fenômeno de construção individual, passando a ser compreendida como elemento constitutivo do processo de construção de identidades coletivas<sup>14</sup>.

Na visão do historiador Michel Pollack a memória é um elemento que constitui o sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, sendo também um fator importante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. A construção dela se produz em referência aos outros, e aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade, se fazendo por meio da negociação direta com outros. De acordo com ele: “Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo”<sup>15</sup>. É importante destacar ainda, que para Pollack ela sofre flutuações em função do momento em que ela é articulada, e que ela está sendo expressa. Nesse sentido, para o autor as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. O que não deixou de ser observado nesse trabalho ao contatar com as fontes, pois, existem deferentes temporalidades na constituição das memórias, pois o processo de entrevistas com as pessoas que de uma maneira ou outra, estiveram relacionadas ao MMP se iniciou no ano de 2014 se estendendo até 2017.

Dessa maneira, se tornou imprescindível evidenciar o momento em que se estabeleceu o recorte dessa pesquisa, a periodização 2003 – 2013 por meio da qual, se concebeu a necessidade de compreensão desse trabalho sob a perspectiva da história do tempo presente. A qual, de acordo com Marieta de Moraes Ferreira:

O pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio

---

<sup>13</sup> SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: Alguns problemas teóricos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - v. 13 n. 38. p. 7 a 13.

<sup>14</sup> Idem, p. 02.

<sup>15</sup> POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. p. 204.

importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história<sup>16</sup>.

Para a historiadora, a história do tempo presente possibilita o estudo de novas temáticas aos pesquisadores que trabalham os mais variados períodos, permitindo ainda compreender as relações da ação voluntária, a consciência e os constrangimentos dos homens, limitando-os. Constituindo-se, assim, como um local privilegiado de reflexão dos mecanismos de incorporação social por indivíduos de uma mesma formação social<sup>17</sup>.

Sobre a noção de tempo presente, Erick Hobsbawm destacou: “não sabemos o que moldará o futuro, embora eu não tenha resistido à tentação de refletir sobre parte desses problemas, na medida em que eles surgem dos escombros do período que acaba de chegar ao fim”<sup>18</sup>. Dessa forma, conforme o autor embora o presente se finda em passado, esperamos um mundo melhor, mais justo e mais viável.

Por conseguinte, se estabeleceu como um dos métodos de análise, as entrevistas orais semiestruturadas, favorecendo a exploração e detalhamento a respeito das formas em que as mulheres do MMP articularam a organização social dentro e fora do grupo, e ainda, como compreenderam a importância das ações do grupo como parte do que denominaram de movimento social, se reproduzindo de forma transfigurada no campo das posições sociais, os conflitos da vida cotidiana e do local de convivência, bem como a exploração das fronteiras entre o coletivo e o subjetivo.

As entrevistas foram elaboradas por meio do contato necessário para o encaminhamento da pesquisa; utilizou-se como corpus documental atas, livros, fotografias, *blog* e panfletos do movimento, diretrizes nacionais da *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* (CNBB), documentos conciliares do Vaticano, documentos paroquiais, livretos de formação de estudos bíblicos, relatórios de atividades e manuais de estudo do MMP.

Por meio da relação com as fontes se fez necessário, o entendimento de que não existe objetividade em qualquer uma delas, por mais que, conforme Alessandro Portelli: a sacralidade da escrita nos leve a esquecer isso<sup>19</sup>. Assim para o autor:

---

<sup>16</sup> FERREIRA. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, n.3, p.111-124, maio/jun.2000, p. 10.

<sup>17</sup> Idem, p.11.

<sup>18</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* – São Paulo: Companhia de Letras, 1995. Editora Schwarcz.1995, p. 20.

<sup>19</sup> PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Revista Projeto História*. São Paulo. v.14, fevereiro, 1997. p. 35.

o conteúdo da fonte escrita é independente das necessidades e hipóteses do pesquisador; é um texto estável, que não pode ser apenas interpretado. O conteúdo das fontes orais, por outro lado, depende largamente do que os entrevistadores põem em termos das questões, diálogos e relações pessoais<sup>20</sup>.

Nesse sentido, foi necessário estabelecer uma relação entre ambas às fontes tanto orais quanto escritas; a análise dependeu do inter cruzamento entre elas, com a finalidade de confrontá-las e observar os diferentes pontos de vista em cada situação. Em relação à busca dos relatos que se fez, é necessário esclarecer que, conforme Portelli, estes são envolvidos pela própria subjetividade dos entrevistados, que se situam juntamente à pessoa do historiador, sem o qual não haveria entrevista<sup>21</sup>.

Compreende-se, portanto, que os indivíduos, enquanto agentes ativos podem construir seu ambiente diante infinitas maneiras, uma vez que possuem autonomia pessoal, volitiva, afetiva e subjetiva, atuando em um contexto social que perpassa nossos atos, sonhos, delírios, obras e comportamentos. De acordo com Loreley Garcia, “a história deste sistema está na história de vida pessoal”<sup>22</sup>.

No entanto, segundo Portelli: “[...] a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os ‘lados’ existem dentro do contador. E não importa o que suas histórias e crenças pessoais possam ser, historiadores e ‘fontes’ estão dificilmente do mesmo lado”<sup>23</sup>. Dessa forma, o confronto entre ambos é o que torna a metodologia da história oral interessante.

Para o encaminhamento desse trabalho, foram realizadas 20 (vinte) entrevistas entre sujeitos envolvidos direta ou indiretamente com o MMP. Entre essas, é necessário deixar claro que uma das entrevistadas: a freira Léia, sentiu a necessidade de conceder entrevista duas vezes, visto que por se tratar de uma pessoa de 84 anos o processo de ativação da memória se tornou mais lento, o que exigiu algumas vezes o empenho de redirecionamento ao foco da entrevista.

Uma das mulheres que atuou no MMP até o ano de 2013 e a partir deste ano, passou a trabalhar na área de Assistência Social na Secretaria da Mulher, não se sentiu a vontade na concessão de entrevista e não explicou o porquê, o que se inferiu na compreensão de que na existência de discordâncias entre as participantes, a mesma optou pelo silenciamento preservando a manutenção de um discurso coeso entre o grupo. Já três das principais

---

<sup>20</sup> Idem, p. 35.

<sup>21</sup> Ibid. p.37.

<sup>22</sup> GARCIA, Loreley. Era uma vez... o uso da história oral nos estudos de gênero. *Mneme revista de Humanidades*. Caicó. V. 05. nº . 11, jul./set. de 2004. p. 552.

<sup>23</sup> PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral...Op cit p. 39.

representantes e organizadoras do MMP optaram por conceder uma entrevista coletiva às vésperas do processo final da escrita, o que auxiliou na compreensão do dinamismo de construção da memória coletiva do grupo;

Na identificação dos entrevistados optou-se pela manutenção dos nomes e sobrenomes de figuras públicas e codinomes para identificação dos demais entrevistados (as). Os codinomes foram escolhidos pela responsável da pesquisa; Para todas as entrevistas, foi utilizado um termo de autorização para gravação de voz e publicação de informações para fins científicos, assinado por cada sujeito envolvido. Sob a responsabilidade da pesquisadora foram realizadas todas as transcrições utilizadas no decorrer do texto. Para que se possa compreender parte da relação de cada sujeito entrevistado com o MMP, faz-se necessário apresentar brevemente uma biografia de cada um.

Ana Paula Silva concedeu entrevista em 2016; havia trancado a graduação em pedagogia, tinha um filho de 1 (um) ano, era casada, se autodeclarou branca e possuía 34 (trinta e quatro) anos. Participou do MMP por um período de 3 (três) anos. No momento da entrevista, não participava do movimento desde 2010.

Ana Terra Schran concedeu entrevista em 2017; possui mestrado em Pedagogia, é casada, se autodeclara branca, tem 28 anos. No momento da entrevista estava grávida e não estava participando do grupo; foi uma das principais organizadoras do MMP.

Cláudia Souza concedeu entrevista em 2014; estava cursando a graduação de Serviço Social, era pedóloga, casada, possuía uma filha de 14 (catorze) anos, se autodeclarou branca, possuía 40 (quarenta) anos. Participou ativamente do MMP até 2014.

Elaine de Pádua concedeu entrevista em 2017; é auxiliar de produção, solteira, tem 4 (quatro) filhos, sendo que a mais nova tem 8 anos; não citou a idade dos demais. A entrevistada se autodeclara parda e tem 39 anos. É participante do MMP, mas no momento da entrevista estava afastada devido aos horários de trabalho, conforme ela.

Claudio Cesar de Andrade concedeu entrevista em 2017; foi presidente do partido que elegeu a candidata Eva Schran de Lima ao cargo de vereadora no ano de 2008 pelo Partido Humanista da Solidariedade (PHS). Tem 54 (cinquenta e quatro) anos, é doutor em história e professor universitário; é casado, se autodeclara pardo, tem um filho de 24 (vinte e quatro) anos e sua relação com o MMP ocorreu pelo envolvimento partidário.

Ester de Lima concedeu entrevista em 2016; professora da Rede Municipal de Ensino, casada, tinha 4 (quatro) filhas, a mais velha com 24 (vinte e quatro), a mais nova com 12 (doze) anos; se autodeclarou branca e possuía 54 (cinquenta e quatro) anos. Foi uma das

primeiras organizadoras da Romaria da Mulher em 2004, no entanto, a partir de 2007, deixou de participar do MMP, pois, de acordo com ela, este se tornou muito político.

Eva Schran de Lima, concedeu entrevista individual em 2014, e coletiva junto a 2 (duas) organizadoras do MMP em 2017; é contadora, foi vereadora da cidade de Guarapuava, eleita em 2008 como representante do MMP e como vice - prefeita em 2012; possui uma filha de 33 (trinta e três) anos, que é também uma das organizadoras do movimento; se autodeclarou branca e tem 52 anos. É fundadora e uma das principais representantes do MMP.

Giovana Santos concedeu entrevista em 2017; é técnica - agrícola, casada, tem 4 (quatro) filhos, o mais velho com 35 (trinta e cinco) anos e o mais novo com 17 (dezesete); se autodeclara branca e tem 64 anos. Participou de algumas Romarias da Mulher, mas nunca participou do grupo; quem participava de acordo com ela, era uma de suas filhas, que tem 32 (trinta e dois) anos.

Hulda Lia Fransner conhecida popularmente como Irmã Lia, concedeu duas entrevistas em 2017 após 2 (dois) dias da concessão da primeira entrevista, retornou ligação para avisar que havia esquecido de comentar algumas coisas; no período ela morava em Prudentópolis. A freira atua na Congregação das Irmãs Vicentinas na Província Sul do Paraná, lecionou as disciplinas de matemática e geografia na congregação e atualmente trabalha na área de nutrição com pastorais sociais da instituição; se autodeclarou branca e tem 84 (oitenta e quatro) anos. Realizou cursos no Centro de Estudos Bíblicos CEBI a partir de 2001 na área da teologia feminista; é considerada, pelas fundadoras do grupo, uma das principais influenciadoras para que acontecesse o despertar em relação às discussões das mulheres.

Judite Schran concedeu entrevista individual em 2014 e no coletivo do MMP em 2017; é técnica contábil e possui graduação em direito; tem 2 (dois) filhos, o mais velho com 28 (vinte e oito) e a mais nova com 20 (vinte); é casada, se autodeclarou branca, tem 49 anos. Considera-se uma das principais responsáveis pela fundação do MMP e articuladora das Romarias da Mulher.

Lisandro Vieira concedeu entrevista em 2017, foi candidato a vereador pelo PC do B em 2008; é assessor do Deputado Federal Aliel Machado, filiado ao partido REDE sustentabilidade; possui graduação em história, tem duas filhas, uma de 7 (sete) e outra de 3 (três) anos; é casado, se autodeclarou branco e tem 39 anos. Sua relação com o MMP foi de aproximação partidária em 2008.

Marcela Cavalheiro concedeu entrevista em 2017; atua como educadora social possui graduação em pedagogia, tem um filho de 10 (dez) anos, é casada, se autodeclarou branca e



tem 34 (trinta e quatro) anos. Trabalhou como secretária na paróquia Nossa Senhora de Fátima e é participante do MMP; atualmente está afastada do grupo, segundo ela por estar muito ocupada com o curso de pós - graduação.

Melody Obal concedeu entrevista em 2014; Atualmente é auxiliar administrativa na Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres em Guarapuava – PR. Possui ensino médio completo. Tem quatro filhos, não revelou a idade de todos, no entanto, comentou que a mais nova tem 22 (vinte e dois anos); é viúva, se autodeclarou parda e tem 47 (quarenta e sete) anos. É considerada pelo MMP o braço direito de Eva e é uma das organizadoras do grupo.

Pamela Schran concedeu entrevista em 2016; era técnica em contabilidade e possuía graduação em jornalismo; assumiu em 2017 o cargo de Secretária, o qual pertencia a Eva até 2016, na Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres em Guarapuava – PR. Se autodeclarou parda, era casada e possuía 30 anos. Sendo uma das principais organizadoras do MMP.

Roselaine Holanda concedeu entrevista individual em 2014 e coletiva em 2017, juntamente com Eva e Judite; cabeleireira, ensino médio completo, tinha uma filha de 23 (vinte e três) anos, casada, se autodeclarou parda e tinha 35 (trinta e cinco) anos. Frequentou curso de formação junto com Eva e Melody, na Escola Diocesana de Fé e Política (EDFP). Foi filiada ao Partido Humanista da Solidariedade até 2016; posteriormente passou a fazer parte do PC do B e atua na organização do MMP.

Rosinéia Reis concedeu entrevista em 2017; dona de casa, ensino médio completo, tem 2 (dois) filhos, o mais velho com 25 (vinte e cinco) e a mais nova com 20 (vinte) anos; é casada, se autodeclarou branca e tem 42 (quarenta e dois) anos. Atuou no período de 2001 a 2006 como ajudante nas pastorais da paróquia Nossa Senhora de Fátima; nunca participou diretamente do MMP, no entanto conforme ela, de vez em quando ajudava na organização das Romarias da Mulher.

Sercio Ribeiro Catafesta concedeu entrevista por meio da segunda tentativa em 2017; na primeira em 2014, não aceitou. Padre possui mestrado em Ciência Jurídica e era colaborador da Mitra Diocesana de Guarapuava – PR; se autodeclarou branco e tem 53 anos. Atuou como pároco na paróquia Nossa Senhora de Fátima no bairro Primavera em Guarapuava – PR; foi professor da Escola Diocesana de Fé e Política (EDFP) de 2006 a 2010, e, de acordo com algumas entrevistadas, foi o principal motivador do *Projeto Político Pelo Bem Comum*, o qual será abordado no desenvolvimento do texto.

Vanderléa Carollo concedeu entrevista em 2016; dona de casa, tinha 2 filhas, a mais velha com 18 (dezoito anos) e a mais nova com nove (nove); era casada, se autodeclarou

branca e possuía 42 (quarenta e dois) anos. A entrevistada nunca participou do MMP; era atuante nas pastorais da paróquia Nossa Senhora de Fátima e vez ou outra, segundo ela mesma, auxiliava levando bolo nos cafés das Romarias da Mulher.

Após esta breve apresentação dos entrevistados, prossegue-se com a exposição dos encaminhamentos de cada capítulo.

No primeiro capítulo a intenção foi analisar como ocorreu o processo de criação do denominado MMP, com o objetivo de compreender como o grupo construiu os discursos de fundação e como buscou legitimar-se como atuante na Igreja Católica, conquistando assim uma visibilidade dentro da paróquia Nossa Senhora de Fátima, seus membros chegando a participar como coadjuvantes em um processo político desencadeado pelo padre que atuou na paróquia.

O segundo capítulo traz a apresentação da maneira pela qual as representantes do movimento se denominaram como atuantes de um Movimento Social e buscaram atuar em ações junto à comunidade; abordou-se também questões em relação às Romarias da Mulher através das quais o grupo procurou conquistar a visibilidade dos moradores do bairro, não somente por meio da religiosidade, mas também se apropriando, aos poucos, de expressões mais próximas aos movimentos feministas e da conquista de direitos para as mulheres.

Com o terceiro capítulo buscou-se entender a maneira como as representantes do MMP tentaram transparecer a representação da 10ª Romaria da Mulher, considerada por elas como uma das romarias mais polêmicas. Assim, foram organizados por elas simbologias e significados, cada vez mais políticos, no sentido dos direitos das mulheres. Realizou-se ainda, a discussão sobre os encaminhamentos que levaram a vereadora Eva a ocupar em 2013 o cargo de vice-prefeita da cidade de Guarapuava, junto a um dos principais grupos tradicionais da cidade. Por fim, a análise se dedicou a observar as entrevistas de mulheres que estabeleceram contato com o MMP entre 2003 e 2013, com o objetivo de perceber as maneiras como elas se compreenderam na atuação do grupo, e nessa medida, como observaram a utilização da terminologia feminismo.

## Capítulo 1

### O SURGIMENTO DO MOVIMENTO DE MULHERES DA PRIMAVERA

O movimento de mulheres moradoras do bairro Primavera chamou a atenção, nesta pesquisa, por ser um grupo de mulheres que passou a ter visibilidade na cidade de Guarapuava/PR a partir do ano de 2009, momento em que foi lançada e eleita uma das suas representantes como candidata a vereadora da cidade. Posteriormente, em 2012, a vereadora passou a ocupar o cargo de vice-prefeita, atuando junto ao prefeito da cidade, candidato oriundo de família de políticos tradicionais da cidade.

A eleição como vereadora da representante do Movimento de Mulheres chamou a atenção da cidade, pois, desde o ano de 1976 até 2017<sup>24</sup>, apenas nove mulheres ocuparam o cargo de vereadora na cidade, e principalmente por a candidata ter sido eleita, e na sequência, ter sido convidada a ocupar o cargo de vice-prefeita, fato inédito na política local. Dessa forma, tornou-se necessário compreender como esse grupo de mulheres se compôs e estruturou uma organização que deu bases de sustentação para o mandato da candidata.

Nesse sentido, será abordado neste primeiro capítulo, o processo de construção do grupo denominado Movimento de Mulheres da Primavera (MMP). Para tanto, nesse primeiro momento o capítulo está assim dividido: primeiramente, faz-se uma apresentação sobre as características do local em que o MMP se originou; em um segundo momento, analisou-se a maneira como foram elaborados os discursos sobre o surgimento do grupo. Posteriormente foi investigado um dos primeiros projetos em que o MMP esteve envolvido, o *Projeto Político Pelo Bem Comum*, o qual muito contribuiu como ponte política para a eleição como vereadora da representante do movimento no ano de 2009. Por fim, observou-se a maneira como o MMP buscou se legitimar como representante de um grupo religioso, agindo com finalidades políticas.

#### 1.1 A cidade e o bairro

Ao se fazer referência ao *Movimento das Mulheres da Primavera* (MMP) é necessário, primeiramente, apontar as principais características sobre a localidade em que o movimento se insere: o Bairro Primavera, localizado na cidade de Guarapuava (PR).

---

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.correiodocidadao.com.br/guarapuava/representatividade-feminina-e-de-apenas-duas-vereadoras/>> Acesso em: 11 jun. 2017.

Dessa forma, é necessário também situar o contexto vivenciado pelas integrantes do MMP, no que se refere aos aspectos econômicos, sociais e políticos da cidade de Guarapuava, entre os períodos de 2000 e 2010<sup>25</sup>. Assim, conforme Márcia da Silva, em 2000 a cidade de Guarapuava mantinha-se economicamente por meio da agricultura de subsistência, a qual se destinava à produção primária, e possuía como principal atividade a exploração da madeira<sup>26</sup>. Exploração esta que se concentrava nas mãos de grandes proprietários de terras. Conforme Sandra Lourenço de Andrade Fortuna, estes seriam os responsáveis pela “[...] elevada concentração de terras na região”<sup>27</sup>, o que, para essa autora, se tornou motivo da contenção de transformações sociais, com exceção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e dos remanescentes escravos quilombolas denominados *Paiol de Telha*, que ofereceram resistência<sup>28</sup>. Nesse sentido, parte dos empregos diretos e indiretos da cidade dependem de atividades econômicas ou provenientes ou da estrutura latifundiária ou da agricultura de subsistência.

Em relação à população da cidade, esta possuía segundo o Censo referente ao ano 2000 o percentual de 155.161 habitantes residentes na área urbana. Desse total, 78.720 eram mulheres, enquanto 74.273 eram homens. Não foram disponibilizadas informações sobre o sexo do restante (2.168) da população. Entretanto, em 2010, o número da população residente era de 167.328 pessoas, sendo que 81.797 eram do sexo masculino e 85.531 eram do sexo feminino. Das 85.531 mulheres, apenas 33.747 foram classificadas no que se chama de População Economicamente Ativa em idade apta a exercer uma atividade econômica. Destas, 30.811 estavam ocupadas, sendo que pouco mais da metade trabalhava em empregos formais, totalizando 18.453 trabalhadoras com carteira assinada. O rendimento médio das guarapuavanas em 2010 era de 36,1% menor que o dos homens<sup>29</sup>.

Outro fato relevante para se compreender a motivação das mulheres do MMP na discussão de temáticas, principalmente após 2009, e que serão analisadas no segundo

---

<sup>25</sup> Periodização na qual foram encontradas informações disponibilizadas que mais se aproximaram do recorte temporal dessa pesquisa (2004 - 2013).

<sup>26</sup> SILVA, Márcia da. *Territórios conservadores de poder no centro-sul do Paraná*. 263 f. Tese de doutorado em Geografia. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, maio de 2005, p. 116.

<sup>27</sup> FORTUNA, Sandra Lourenço de Andrade. As estratégias de enfrentamento da violência doméstica: um estudo sobre Guarapuava. *Ex aequo* n. 24 Vila Franca de Xira 2011. Disponível em: <[www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=29&uf=41>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

capítulo, se refere à violência contra a mulher em Guarapuava; de acordo com o mapa da violência de 2012, o Estado do Paraná ocupou a 3ª posição no *ranking* nacional, com a taxa de 6,4 homicídios femininos por 100 mil mulheres, sendo que Curitiba ficou na 4ª posição como a capital mais violenta do País, com 10,4 homicídios para cada 100 mil mulheres. Guarapuava ocupou a 96ª posição no *ranking* brasileiro de violência contra a mulher e a 11ª no Paraná, de um total de 85.531 da população feminina. Em 2012, foram 8,2 homicídios a cada 100 mil mulheres<sup>30</sup>; somente entre os anos de 2013 e 2014 foram assassinadas 13 mulheres no município<sup>31</sup>, o que coloca o município na posição de um dos mais violentos do país em relação às mulheres.

A tradicionalista cidade de Guarapuava, baseada economicamente na monocultura para exportação em grandes áreas de terras, por um lado, e, por outro, na agricultura de subsistência. Destacou-se pela agressividade e o machismo estereotipado pelas relações binárias de gênero, refletidas em uma prática visivelmente imbricada e corporificada, sobretudo nas mulheres.

Apesar de os avanços do movimento feminista no Brasil, a partir da década de 1970, terem contribuído para afirmar a presença das mulheres na esfera pública, afirmando seu protagonismo político e denunciando as desigualdades e violências vividas por elas<sup>32</sup>, a ocupação das mulheres em espaços públicos ou considerados espaços de poder fez com que estas se tornassem visíveis, em um espaço cultural ainda marcado pelo padrão patriarcal. Assim, mesmo que muitas mulheres tenham oferecido resistência a esse padrão e, enfrentado as infinitas violências cotidianas, a mudança cultural se faz ainda a passos lentos e se mostra ainda não resistente ao machismo.

Nesse sentido, ao buscar compreender as maneiras pelas quais o MMP se compôs e estruturou-se enquanto grupo, inserindo uma mulher como representante política do local em que pertenciam, é necessário também compreender brevemente alguns dados antecedentes à conjuntura do período.

Para se analisar o contexto político-partidário do período de 2000/2004, este último marcado pelo surgimento do MMP, é importante que se demonstrem alguns dados eleitorais da época, pois como foi destacado na introdução, uma das motivações dessa pesquisa foi

---

<sup>30</sup> Disponível em: <[http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2013/relatorio\\_cpmi\\_mulher-](http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2013/relatorio_cpmi_mulher-)>. Em Guarapuava no mês de outubro, todo ano é feita a campanha do Outubro Rosa em prol das mulheres vítimas do câncer, de acordo com Priscila Schran de Lima, no ano de 2013 o mês foi chamado de Outubro Vermelho em memória às cinco mulheres assassinadas somente no referido mês. Disponível em: <<http://eventos.ufpr.br/enpecom/enpecom2015/paper/download/71/20>>. Acesso em: 25 fev. 2017>.

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>. Acesso em 24 fev. 2017.

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br>. Acesso em 11 set. 2017.

compreender como ocorreu o processo de visibilidade do denominado movimento, o qual teve destaque dentro do contexto político do município principalmente a partir do ano de 2009, ano em que a representante do MMP ocupou a cadeira de vereadora na cidade.

De acordo com Daniel Cirilo Augusto, “[...] há um poder político familiar que se reproduziu ao longo de muitos anos e até os dias atuais, com mandatos passados de pai para filhos ou parentes”<sup>33</sup>. Conforme o autor, a história recente da política partidária em Guarapuava mostra que, a partir de 1988, direta ou indiretamente, três famílias mantiveram-se no poder: Carli, Silvestri e Mattos Leão. Fato que se mantém atualmente.

O candidato Fernando Ribas Carli foi eleito pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) no ano de 1988; posteriormente, em 1992, assumiu o cargo o candidato Cesar Franco, que se elegeu pelo mesmo partido<sup>34</sup>. Apesar da vitória de César Franco, Fernando Ribas Carli esteve indiretamente à frente da prefeitura, uma vez que ele foi o principal articulador da campanha do candidato a prefeito. Em relação ao contexto desse período, foi perguntado ao entrevistado Cláudio Cesar Andrade como foi que ocorreu a alternância no poder após 1991, quando Ribas Carli havia encerrado o mandato. De acordo com ele,

[...]em 95, foi uma Zebra total, ninguém queria enfrentar o Fernando Carli, porque ele estava encerrando o mandato do Cesar Franco, certo? o Cesar Franco estava entregando o mandato, não tinha reeleição e o Fernando queria voltar, e ele estava com 90% na preferencia dos votos, em 95 então ninguém quem iria enfrentá-lo, era o então Vitor Hugo, o Vitor Hugo conseguiu ser o candidato, apoiado pelo Nivaldo, apoiado pelo pessoal do Mattos Leão, então ele ganhou as eleições<sup>35</sup> (Grifo meu)

Posteriormente, em 1996, o candidato Vitor Hugo Ribeiro Burko acabou sendo eleito pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), tendo sido o mais votado com o apoio da família Matos Leão e do ex-prefeito Nivaldo Krüger<sup>36</sup>.

No ano 2000, o candidato Vitor Hugo foi reeleito, porque, ainda de acordo com o entrevistado, “ele estava com a máquina administrativa nas mãos”. Em 2004, Fernando Ribas Carli foi para o Partido Progressista Brasileiro (PPB) e disputou as eleições contra o então deputado federal Cesar Augusto Carollo Silvestri, que era do Partido Popular Socialista

<sup>33</sup> AUGUSTO, Daniel Cirilo. Eleições, grupos de poder e partidos políticos: Considerações sobre a Geografia do voto no município de Guarapuava/PR. *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, v.7, n.19, p. 51-72, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.observatorium.ig.ufu.br>>. Acesso em: 20 fev. 2017. Este artigo fornece uma visão detalhada sobre a atuação partidária e a visão dos principais candidatos que disputaram o poder municipal em Guarapuava nas eleições de 2008.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Cláudio Cesar Andrade. Entrevista concedida em 24/01/2017. Guarapuava, PR.

<sup>36</sup> Nivaldo Passos Kruguer foi eleito prefeito de Guarapuava em 1963 pela coligação do Partido Republicano Progressista (PRP) e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/nivaldo-passos-kruger>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

(PPS), e com os candidatos Belarmino Antonio Baccin, do Partido dos Trabalhadores (PT) e José Marcos dos Santos, pelo Partido Trabalhista do Brasil (PT do B).

Naquele ano venceu as eleições o candidato Fernando Ribas Carli, com uma votação expressiva de 42.649 votos.<sup>37</sup> Dessa forma, foi em um contexto político de disputa pela manutenção das três famílias no poder político em Guarapuava que se deu o embrião do MMP.

Faz-se necessário, portanto, analisar alguns dados referentes à religião professada pela maioria dos habitantes da cidade de Guarapuava, pois como se destacou inicialmente, foi através do denominado *Projeto pelo Bem Comum*, elaborado pela Igreja Nossa Senhora de Fátima que a candidata do MMP, adentrou no cenário político da cidade. Sobre esse aspecto, foram encontrados dados referentes ao ano de 2010<sup>38</sup>, os quais apontaram que nesse período, 131.584 indivíduos da cidade eram católicos, enquanto que 29.032 habitantes eram membros da religião evangélica e 822 habitantes da religião espírita<sup>39</sup>.

É importante compreender que os dados são relativos, na medida em que os indivíduos podem se declarar membros de outras religiões, mesmo não sendo praticantes. Também é compreensível que algumas pessoas se declarem católicas para não passarem pelo constrangimento de não terem religião. Também pode ocorrer omissão de informação referente a outras religiões, como budismo, candomblé, confucionismo, umbanda, xintoísmo, etc. Isso porque, na medida em que se declaram como praticantes de outras religiões, os indivíduos são passíveis de ser considerados de maneira preconceituosa pelos demais. É possível observar que os dados não forneceram informações sobre as demais religiões, mesmo havendo espaços na cidade de Guarapuava que são locais de manifestações de fé destas religiões. Feitas essas observações iniciais, serão analisadas as características do bairro em que surgiu o MMP.

O Bairro Primavera está localizado nas margens da PR 466 e da BR 277<sup>40</sup>, entre o Parque das Araucárias e o rio Cascavel, popularmente conhecido como rio Xarquinho, na região leste da cidade. O bairro possui uma economia impulsionada pelo comércio, indústria e empresas de prestação de serviços, principalmente, pelo comércio de peças e utilidades de

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://www.eleicoes2012.info/candidatos-prefeito-guarapuava-pr/>> Acesso em: 20 fev. 2017. Sobre a posterior sucessão dos candidatos na prefeitura até o período de 2013 (período do recorte da pesquisa) o leitor será informado ao longo do texto.

<sup>38</sup> Em relação ao ano de 2000 não foram disponibilizadas informações referentes à religiosidade da população da cidade de Guarapuava pelo IBGE.

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=410940&idtema=16&search=parana|guarapuava|sintese-das-informacoes>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

<sup>40</sup> Localização disponível em: <<http://mapasapp.com/mapa/parana/guarapuava-pr/6131-primavera/>>. Acesso em: 24 fev. 2017.

carros e caminhões. Isto se deve ao fato de localizar-se na confluência entre duas rodovias, sendo considerado pela população da cidade um bairro de periferia. Também se encontra no bairro a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

A população do bairro Primavera em 2010, segundo o censo do IBGE, era de aproximadamente 6.468 habitantes, sendo 3.118 de homens e 3.350 de mulheres<sup>41</sup>. Segundo o censo realizado pela Paróquia Nossa Senhora de Fátima em 2013, os adeptos da religião católica no bairro somavam 10.854 pessoas, sendo 89 adeptos de outras religiões e 1.121 de religiões não cristãs, totalizando 12.064 moradores no bairro<sup>42</sup>.

Ao ser perguntada sobre a estatística referente aos moradores do bairro Primavera, uma agente comunitária que trabalha na Unidade Básica de Saúde (UBS) respondeu que havia, em média, quatro moradores por cada casa no bairro e que na estatística feita em 2016 através dos cadastros dos moradores, havia uma média de 7000 moradores no bairro; de acordo com ela, “[...] isso sem contar que sempre há alguns que se mudam e outros que falecem [...]”<sup>43</sup>. Dessa forma, os dados referentes à população do bairro não se mostram exatos, porém a estatística fornecida pela UBS do ano de 2016 se mostrou mais próxima ao número de habitantes informados pelo IBGE, em 2010.

O Bairro possuía, em 2010, uma Unidade Básica de Saúde, quatro igrejas - sendo uma católica e três evangélicas -, três escolas, sendo uma Estadual (Colégio Estadual Professor Leni Marlene Jacob), e duas Municipais (Abílio Fabriciano de Oliveira e Professora Carlita Guimarães Pupo).

As profissões exercidas pelas mulheres moradoras do bairro eram variadas, como: advogadas, assistentes sociais, babás, cabeleireiras, caixas de supermercados, catadoras de batatas, contadoras, empresárias, donas de casa, empregadas domésticas, jornalistas, manicures, professoras, pedagogas, entre outras. No MMP a variação geracional das participantes atuantes vai de 18 até 60 anos, existindo uma composição de três gerações, entre avós, filhas e netas, e de várias etnias. Feitas as considerações iniciais para compreensão da localidade em que o movimento se insere, será analisado a seguir o processo de construção do MMP, partindo de um material analítico composto por entrevistas com as fundadoras, atas, *blog* do movimento e jornais.

---

<sup>41</sup> Disponível em: <[http://populacao.net.br/populacao-primavera\\_guarapuava\\_pr.html](http://populacao.net.br/populacao-primavera_guarapuava_pr.html)>. Acesso em: 18 ago. 2016.

<sup>42</sup> Informação sobre a estatística do bairro concedida pela secretária Neuci Aparecida Mroczko, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, em 16/08/2016.

<sup>43</sup> Informação concedida em 13/02/2017, pela agente comunitária Sirlei da UBS do bairro Primavera.



## 1.2 Os discursos de fundação<sup>44</sup>

Ao procurar compreender o processo de surgimento do MMP, com o conseqüente envolvimento do pároco da igreja Nossa Senhora de Fátima, buscou-se abordar a conjuntura por meio da metodologia da história oral. Dessa forma, ao ser entrevistada, uma das fundadoras do MMP<sup>45</sup>, denominada Judite, esta procurou demonstrar o envolvimento que possuía com a comunidade e a sua relação de proximidade com o referido pároco<sup>46</sup>.

Judite relatou que em um dia, numa *roda de chimarrão*, em data próxima a oito de março de 2003, Dia Internacional da Mulher, algumas mulheres do bairro Primavera conversavam sobre a data comemorativa e problematizavam também sobre o fato de todo ano apenas ganharem bombons nas missas de celebração. Segundo ela, este fato fazia com que se perdesse o sentido da data. Nesse momento, um carro de som publicitário, passeava pela cidade anunciando propagandas e promoções do comércio para o Dia da Mulher, o que foi o impulso para o início de um debate entre as integrantes do bairro sobre a necessidade das mulheres terem uma presença mais atuante na sociedade<sup>47</sup>.

Na retrospectiva da entrevistada, sobre o momento de fundação do MMP, elas refletiam sobre como o comércio se aproveitava dessas datas para vender e lucrar, estimulando o consumo, o que fazia com que o significado de luta em relação ao Dia da Mulher acabasse se perdendo. Na visão dela, foi o padre quem as instigou a refletirem sobre o assunto e a proporem alguma forma de engajamento social. A data de 08 de março simbolizava para Judite um dia de luta; nesse sentido, a comemoração habitual tornava o momento apenas um evento do comércio. Ao questionarem o pároco, ela comentou que este respondeu com uma provocação, afirmando que elas não faziam nada para mostrar ao povo que seria o contrário<sup>48</sup>. Foi neste momento que elas se sentiram, segundo a entrevistada,

---

<sup>44</sup> Os discursos são compreendidos nessa pesquisa de acordo com Michael Foucault, o qual supõe que em toda sociedade a produção do discurso: “[...] é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Os discursos são um sistema de significados que determinam uma organização funcional, estruturando um imaginário social, e é acima de tudo um instrumento de desejo que legitima o poder. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 07-09.

<sup>45</sup> Judite Schran é técnica contábil e possui graduação em direito; tem 2 (dois) filhos, o mais velho com 28 (vinte e oito) e a mais nova com 20 (vinte); é casada, se autodeclarou branca, tem 49 anos. Considera-se uma das principais responsáveis pela fundação do MMP e articuladora das Romarias da Mulher.

<sup>46</sup> O pároco atuou na Paróquia Nossa Senhora de Fátima dos anos 2001 até o início de 2011, ano em que foi convidado pelo bispo Wagner para atuar como Economista Administrador e membro do Conselho Diocesano de Assuntos Econômicos (CODAE), presidido pelo bispo.

<sup>47</sup> Judite Schran. Entrevista concedida em 18/03/2014. Guarapuava – PR.

<sup>48</sup> Judite Schran. Entrevista concedida em 18/03/2014. Guarapuava – PR.

*incomodadas* e tiveram o desejo de fazer alguma coisa para modificar a situação, o que as impulsionou a tomarem uma atitude, que veio de forma imediata:

daí eu falei assim: é de fato nós não fazemos, mas de hoje em diante nós vamos fazer. Daí ele falou: mas vão fazer o quê? Eu falei: não sei. Mas como nós estávamos sempre participando das romarias da terra, eu no impulso, falei assim: nós vamos fazer a romaria da mulher (ênfase na voz), nossa primeira romaria<sup>49</sup>.

Essa romaria teve como modelo a Romaria da Terra, uma manifestação religiosa que acontece periodicamente em todo o Brasil, organizado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT).<sup>50</sup> Ela é composta por uma caminhada acompanhada pela cantoria de músicas religiosas, envolvendo temáticas que dizem respeito ao contexto social em que a comunidade (pequenos agricultores, movimentos sociais, sem terras e etc.) está inserida<sup>51</sup>.

Conforme Judite, a partir do momento em que ocorreu a ideia de realizar a Romaria da Mulher, elas começaram a conversar entre si e foram compartilhar a ideia com as mulheres das pastorais em que estavam envolvidas. Ao receberem a aprovação das demais colegas, voltaram a procurar o padre, pois não tinham ideia de como organizar uma Romaria; foi aí que o pároco sugeriu a elas que procurassem uma freira que na época era envolvida com pastorais sociais e com as Romarias da Terra<sup>52</sup>.

Para o Pe. Sécio, a ideia para a realização da Romaria da Mulher ocorreu na casa da mãe de uma das fundadoras: “[...] nas vésperas do dia da mulher, decidimos começar a pensar na possibilidade de realizar a Romaria da Mulher, e foi de suma importância, mais tarde surgiu o Movimento de Mulheres<sup>53</sup>”. Assim, o olhar do padre difere da visão da fundadora, pois enquanto na ótica dela a fundação do movimento aconteceu por meio da discussão a respeito do dia da mulher, na visão do pároco, o movimento surgiu posteriormente à realização da Romaria e que a possibilidade da concretização desta, não foi a partir somente da ideia da fundadora, mas de uma decisão coletiva que incluiu ele e as fundadoras. Tanto na

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://www.cptnacional.org.br/index.php/sobre-nos/historico>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

<sup>51</sup> O conceito e o aprofundamento do assunto sobre as romarias estão detalhados no segundo capítulo dessa dissertação.

<sup>52</sup> Atualmente a freira tem 84 anos e é uma das precursoras no trabalho com as pastorais sociais na CPT e no movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST) no Paraná.

<sup>53</sup> A citação retirada do livro é uma declaração do padre referente à Romaria da Mulher na paróquia Nossa Senhora de Fátima. MARINHO, Francisco Fernandes. *História da paróquia Nossa Senhora de Fátima*. Guarapuava: Celeiro do Livro, 2012, p. 130.

perspectiva de Judite quanto na do padre, foi por meio de discussões entre ele e as mulheres que se pensou na possibilidade da ação das Romarias da Mulher.

Outra fonte sobre o surgimento do movimento foi o registro ata do MMP, descrito da seguinte forma:

[...] surgiu como resposta à indignação das mulheres com situações que as oprimiam e com o fim de ajudar-se mutuamente, começaram a reunir-se orientadas pela irmã (...), e a realizar a romaria da mulher, essa ideia surgiu de forma normal, numa roda de chimarrão, às vésperas do dia oito de março de 2003, conversavam sobre o dia da mulher e questionavam-se sobre o real sentido do dia da mulher, pois o comércio coloca esta data apenas para homenagens, mas, cientes de que este dia representa o despertar para a realidade, surgiu então um desafio: o que as mulheres estão fazendo para mudar essa realidade? E passaram anualmente a realizar a romaria da mulher desde março de 2004 e organizadas as mulheres do bairro buscaram formação e informação sobre os seus direitos e para a conquista dos seus espaços na sociedade<sup>54</sup>.

Foi possível perceber que, em relação ao relato da fundadora e do padre, a descrição em ata coloca que as reuniões do movimento iniciaram orientadas pela freira antes da realização da Romaria, que foi idealizada em uma roda de chimarrão entre as mulheres do MMP; nota-se que no registro, realizado seis anos após o ocorrido, elas não mencionaram a participação do pároco, diferindo da memória de Judite e da descrição do próprio pároco.

A freira, a quem o documento se refere, faz parte da congregação das irmãs vicentinas e relatou<sup>55</sup> que no início de seu trabalho “como irmã religiosa, ela lecionava matérias como: geografia e matemática, mas nunca gostou de ficar em sala de aula, pois gostava de atuar no contato direto com as pessoas, em trabalhos práticos com as pastorais sociais”. Como possuía bens materiais recebidos de herança, nunca dependeu financeiramente da instituição, então ela resolveu “passar por uma experiência de trabalhar na organização dos acampamentos do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra na cidade de Chopinzinho/PR. Foi despejada junto com o acampamento”; isso segundo ela, há 32 anos. Ela lembra que após o ocorrido, reuniram-se com a direção das Irmãs da Caridade em Curitiba e

---

<sup>54</sup> Livro Ata nº 01 Movimento de Mulheres da Primavera, p. 01, 02/06/2009. Guarapuava, PR.

<sup>55</sup> Lia. Entrevista concedida em 01/02/2017. Prudentópolis – PR.

em 1985 fizeram um projeto no qual ela recebeu autorização da Instituição, a fim de fazer cursos de formação e auxiliar nas organizações das pastorais sociais em todo o Paraná, principalmente na Comissão Pastoral da Terra (CPT) <sup>56</sup>. Ou seja, apesar de não depender financeiramente da instituição, observou-se que de acordo com a sua hierarquia, o trabalho realizado pela freira deveria ser amparado e regulamentado sob os princípios da Igreja Católica.

Conforme Pamela<sup>57</sup>, uma das entrevistadas responsáveis pelo MMP,

A figura dessa irmã foi de fundamental importância para o surgimento do MMP, pois a experiência com movimentos sociais e o envolvimento com as comissões pastorais da terra [CPT] fazia dela uma das pessoas indicadas para iniciar um trabalho com as mulheres em um processo semelhante ao desenvolvido na CPT <sup>58</sup>.

Segundo a freira, antes de iniciar a organização das mulheres, o padre havia feito a ela um pedido: de que ela desenvolvesse um trabalho de estudo bíblico na comunidade, pois naquele período ela trabalhava pela escola de assessores da Bíblia com o MST. Ela comenta:

Eu tinha esse trabalho em Cantagalo no Candói, em Laranjeiras e Rio Bonito, nós estávamos com trabalho com as mulheres, trabalhando, sobretudo essa questão de Gênero e a participação das mulheres serem parte integrante. Mesmo em acampamentos lá para o interior, muitas vezes a mulher não era nem secundária, era às vezes setenária, ficava em último, todo esse serviço que devia fazer, mas quem decidia tudo... então lá começamos e, nesse sentido, o pessoal da Primavera ficou sabendo, disso daí o padre pediu para fazer o curso, de também fazer essa formação das comunidades[...] <sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> Uma das características na constituição da CPT foi a sua especificidade ecumênica. Desenvolveu suas atividades em dioceses e paróquias, onde já havia bispos, padres, pastores, freiras, agentes pastorais, assessores e lideranças de trabalhadores rurais, engajados na pastoral rural. PIRES, Ariel J. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra e a Política Social Católica: concepções, ambiguidades e permanências na luta pela terra agrícola. Assis/SP. 2001, p. 32.

<sup>57</sup> Pamela Schran concedeu entrevista em 2016; era técnica em contabilidade e possuía graduação em jornalismo; assumiu em 2017 o cargo de Secretária, o qual pertencia a Eva Schran até 2016, na Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres em Guarapuava – PR. Se autodeclarou parda, era casada e possuía 30 anos. Sendo uma das principais organizadoras do MMP.

<sup>58</sup> Lia. Entrevista concedida em 01/02/2017. Prudentópolis – PR.

<sup>59</sup> Lia. Entrevista concedida em 01/02/2017. Prudentópolis – PR.

Ao questionar o porquê do trabalho com as mulheres, ela conta que as relações de gênero eram um dos eixos trabalhados nos grupos de formação feitos por ela no Centro de Estudos Bíblicos (CEBI). O Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) foi fundado em 1979 e é um órgão vinculado à CNBB<sup>60</sup>. O primeiro curso oferecido pelo CEBI sobre gênero foi em Campinas, São Paulo no ano de 2001 sob o título: *Capacitação de Leitura de Gênero e Hermenêutica Feminista*, sendo essa a provável data do curso de formação realizado pela freira, pois um dos livros utilizados na posterior formação com as mulheres da Igreja Nossa Senhora de Fátima, demonstrado por ela no momento da entrevista, datava do ano 2000<sup>61</sup>. Por meio desse curso de formação, ela utilizou alguns textos, atuando no ano 2003 em cursos de formação bíblica com as mulheres da Igreja Nossa Senhora de Fátima no bairro Primavera, orientando-as, segundo ela, dentro da perspectiva das Comunidades Eclesiais de base (CEBs)<sup>62</sup>.

Um dos textos apontados pela Irmã Lia trabalhado nesse curso foi: *O que eu considero ser uma hermenêutica de Gênero*<sup>63</sup>. De acordo com Neiva Furlin, a hermenêutica para a leitura bíblica foi o que marcou a primeira fase da teologia feminista, em que a preocupação era dar visibilidade à mulher como sujeito capaz de ação, além da valorização da sua presença e de ação em instâncias de liderança. No entanto, a categoria gênero passou a ser adotada pelas teólogas na América – Latina, na terceira fase da produção teológica, as quais passaram a incorporar a perspectiva das teorias da desconstrução e reconstrução, propondo mudanças nas estruturas patriarcais que fundavam o cristianismo<sup>64</sup>.

Compreende-se que a definição de gênero utilizada pela freira ocorreu a partir do seu lugar, enquanto religiosa e estudiosa, e a partir da abordagem da teologia feminista, a qual parte da premissa de que os seres humanos são constituídos essencialmente pelo feminino e masculino. Nesse sentido, na perspectiva da freira, foram os encontros nos cursos bíblicos que despertaram as mulheres do MMP para questionamentos sobre a realidade em que estavam

<sup>60</sup> Informação disponível em: <<http://www.cebi.org.br/historia/>> Acesso em: 28 fev. 2017.

<sup>61</sup> VVAA. *Hermenêutica Feminista e Gênero*. São Leopoldo. Contexto. 2000.

<sup>62</sup> Gênero, Reciprocidade e Parceria é uma das oito áreas de atuação que focam os trabalhos dos integrantes do CEBI através da chamada releitura bíblica. Informação disponível em <http://www.cebi.org.br/areas-de-atuacao/>>. Acesso em: 28 fev. 2015.

<sup>63</sup> VVAA. *Hermenêutica Feminista e Gênero*. Contexto. São Leopoldo – RG, 2000.

<sup>64</sup> FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico Hegemônico. *Rever. Revista de estudos da religião*. Ano 11, nº 01. Jan/Jun 2011, p.146. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6034>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

inseridas; assim sobre as primeiras formas de organização do MMP ela comenta:

Nesse tempo, elas se organizaram em um trabalho delas, para ganhar também economicamente, e daí elas fizeram uma sala em uma casa, organizaram a casa da costura, e começaram os trabalhos de costura e, ao mesmo tempo fizeram uma horta comunitária e foram trabalhando com isto<sup>65</sup>.

A casa da costura e a chamada horta comunitária teriam sido, conforme ela, organizadas pelas mulheres que participavam das pastorais na paróquia da igreja. A partir desse momento, elas começaram a reunir-se e a organizar-se também no trabalho conforme a metodologia das CEBs, onde a religiosa orientou que fosse feita uma caminhada pelo bairro, saindo da casa da costura, marcando o espaço delas a fim de conhecer as diversas realidades existentes no bairro. Porém, ao retornar do trabalho com as pastorais sociais nas regiões próximas, ela comenta:

[...] depois, quando começaram a fazer esta organização que eu nunca fui de acordo de chamar de romaria, eu até falei que podia fazer as caminhadas de conhecimento do que existe no bairro, essa parte então entraria toda essa organização, então quando eu voltei fizeram isso em forma de romaria<sup>66</sup>.

Na ótica da freira, a conscientização das mulheres ao iniciar uma organização própria, partiu do trabalho realizado por ela nas chamadas formações bíblicas; a princípio, a orientação seria fazer uma caminhada pelo bairro: “[...] eu dizia vamos para outro lado, vamos sair da casa que é um local mais significativo aonde vocês começaram nascer como grupo de mulheres [...]”<sup>67</sup>. No entanto, quando ela retornou à paróquia, as mulheres haviam organizado a caminhada no formato de romaria, o que segundo ela, foi cooptação do pároco, a fim de inserir-se como representante em um trabalho exclusivo das mulheres.

Nesse aspecto, ao procurar desenvolver o trabalho de estudos bíblicos, através do eixo *relações de gênero*, uma das primeiras características que a freira demonstrou indicar às

<sup>65</sup> Lia. Entrevista concedida em 07/02/2017. Prudentópolis – PR.

<sup>66</sup> Idem.

<sup>67</sup> Lia. Entrevista concedida em 07/02/2017. Prudentópolis – PR.

mulheres foi à preocupação com a sobreposição da figura do padre sobre a organização delas. Segundo a sua visão, seria ela a principal responsável pelas primeiras formas de organização do grupo de mulheres que, posteriormente, veio a se tornar o *MMP*.

Na percepção da fundadora e representante do MMP Judite, foi a partir da organização da Romaria da Mulher que as mulheres passaram a se encontrar para discussões e que, aos poucos, foram sentindo a necessidade de se encontrarem mais, uma vez que nessas reuniões é que conversavam sobre temas referentes à realidade do bairro, como o problema de transporte público e da falta de creches. Foi a partir desse momento que elas sentiram a necessidade de passar a se reunir quinzenalmente para discutirem os problemas vivenciados por cada uma <sup>68</sup>. Percebe-se no discurso de Judite, a necessidade em colocar que foi a partir da organização da Romaria da Mulher, realizada por elas, que as mulheres passaram a discutir assuntos referentes à esfera política; quando elas iniciam discussões de realidades individuais passando às realidades coletivas e sociais do bairro.

Em relação às reuniões, havia um momento o qual Pamela chamou de partilha; para esse momento cada uma levava café, leite, chá, doce ou salgado, etc., arrumavam a mesa e faziam o que ela denomina de *a Mística*: “[...] a Mística tem o sentido de você perceber espiritualidade no teu dia a dia. A gente fazia mística valorizando o pão, por exemplo, o que é um alimento diário que dá força vital, a partilha essa coisa simples” <sup>69</sup>.

A preparação desse momento foi considerada por ela, como o ponto mais importante das reuniões, pois se configurava como um espaço de sociabilidade que estimulava a participação de outras mulheres do bairro. De acordo com Elaine<sup>70</sup>, ao iniciar sua participação no movimento: “[...] quando eu entrei foi a minha comadre que falou para mim, vamos? Eu disse: vamos. Na verdade eu fui para fazer um lanche, comecei a observar e comecei a participar” <sup>71</sup>. Perceptível o fato de que para as mulheres que não faziam parte inicialmente da organização do movimento, não era apenas a mística que chamava a atenção delas nas reuniões, e, sim, o modo como elas se reuniam para partilha do alimento.

<sup>68</sup>Judite. Entrevista concedida em 18/03/2014. Guarapuava – PR.

<sup>69</sup>Pamela. Entrevista concedida em: 10/08/2016. Guarapuava, PR.

<sup>70</sup>Elaine de Pádua concedeu entrevista em 2017; é auxiliar de produção, solteira, tem 4 (quatro) filhos, sendo que a mais nova tem 8 anos; não citou a idade dos demais. A entrevistada se autodeclara parda e tem 39 anos. É participante do MMP, mas no momento da entrevista estava afastada devido aos horários de trabalho, conforme ela.

<sup>71</sup>Elaine. Entrevista concedida em: 31/03/2017. Guarapuava – PR.

Havia uma reunião, feita a cada três ou seis meses, de acordo com a disponibilidade de cada uma das organizadoras, quando faziam um cronograma com as temáticas que deveriam desenvolver a cada reunião. Essa mística é também muito utilizada nas romarias da CPT; segundo a revista pastoral da terra, “[...] a significação da mística circunda atitudes de militância e lutas empreendidas pelo homem do campo.<sup>72</sup>” Foi possível observar que ao relacionar a mística ao sentido da militância, a CPT demonstrou uma postura de predominância do homem como o responsável pelas lutas no campo, inviabilizando a luta das mulheres<sup>73</sup>.

A aproximação de práticas semelhantes às desenvolvidas pela CPT pelas mulheres do MMP deve-se à afinidade das participantes com a freira, a qual era membro da pastoral; porém, em relação aos objetivos, estes se diferenciavam, pois enquanto o foco principal da CPT era voltado à valorização da terra, o MMP evidenciava a valorização das mulheres.

Outro item que explica a proximidade com as pastorais da terra é que, apesar da paróquia estabelecer-se em um espaço urbano, ela atendia 16 (dezesseis) igrejas que se localizavam em comunidades do interior. Além disso, havia também a aproximação das representantes do MMP com o pároco, o qual, segundo Pamela, atuava como músico nas Romarias da Terra; um fator importante na opinião da entrevistada, pois o padre tinha conhecimento sobre a atuação e organização das pastorais católicas nos espaços rurais<sup>74</sup>.

Outra entrevistada que falou sobre o surgimento do MMP foi Giovana<sup>75</sup>, a qual participou das Romarias iniciais, esta não fez parte do movimento; ela relatou que através do

---

<sup>72</sup> Revista da CPT: Terra e mística Frente ao Projeto de Exclusão. 1995. p. 32.

<sup>73</sup> Conforme a página do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), o movimento surgiu em 1995 a partir da Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, que reuniu mulheres dos movimentos de mulheres e de movimentos de mulheres mistos como: Movimentos Autônomos, Comissão Pastoral da Terra – CPT, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, Pastoral da Juventude Rural - PJR, Movimento dos Atingidos pelas Barragens – MAB, alguns Sindicatos de Trabalhadores Rurais e, no último período, o Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA. De acordo com a informação na página, a perspectiva do MMC com o feminismo é: “Consolidar o MMC, a partir da ótica feminista e camponesa é fortalecer a luta dos trabalhadores e trabalhadoras”. Disponível em <<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/44>> Acesso em: 08 fev. 2017.

<sup>74</sup> Pamela. Entrevista concedida em: 10/08/2016. Guarapuava, PR.

<sup>75</sup> Giovana Santos concedeu entrevista em 2017; é técnica - agrícola, casada, tem 4 (quatro) filhos, o mais velho com 35 (trinta e cinco) anos e o mais novo com 17 (dezessete); se autodeclara branca e tem 64 anos. Participou de algumas Romarias da Mulher, mas nunca participou do grupo; quem participava de acordo com ela, era uma de suas filhas, que tem 32 (trinta e dois) anos. Giovana. Entrevista concedida em: 01/03/2017.



chamado *Instituto Equipe*<sup>76</sup> e do *Programa Economia Solidária*<sup>77</sup> houve um trabalho de conscientização das mulheres do bairro para que elas tivessem uma renda. Esses órgãos desenvolveram o trabalho em parceria com o programa do governo Federal *Fome Zero*. De acordo com Carla Guerra Tomazini, o *Programa Fome Zero* (PFZ) foi a principal linha estratégica para as ações do governo federal entre 2003 e 2004 no Brasil, definindo-o da seguinte forma:

O programa Fome Zero estava baseado em um conjunto de ideias mais intervencionistas do ponto de vista econômico: investimentos para baratear o preço dos alimentos, intervenção na economia territorial para a dinamização da economia local, fortalecimento dos pequenos produtores, por meio da compra e venda de produtos, entre outros<sup>78</sup>.

O programa exigia, porém, um grande esforço de coordenação entre os diferentes Ministérios, Estado e Município, além do envolvimento com diferentes canais participativos nas diferentes esferas da sociedade civil. A falta de clareza em relação às formas de operacionalização e a discordância quanto aos instrumentos de participação em relação ao papel da sociedade e do Estado, foram fatores que influenciaram na crise do PFZ e no redirecionamento e unificação dos programas de transferência de renda, desembocando na criação do *Programa Bolsa Família*<sup>79</sup>.

Segundo a entrevistada Giovana<sup>80</sup>, houve a necessidade de utilizar o espaço da

<sup>76</sup>De acordo com as informações disponíveis pelo instituto: “O Instituto equipe de Equipe de Educadores Populares é uma ONG, entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade de Irati. Criado em 10/08/1994 a partir do anseio de associações de agricultores, assalariados urbanos, pastorais sociais e representantes de movimentos sociais, que buscavam fortalecer sua representação e assessoria na região”. Disponível em <<http://institutoequipe.blogspot.com.br/>> Acesso em: 17 mar. 2017

<sup>77</sup>A feira de economia popular solidária é uma das áreas de atuação do Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araujo (CEFURIA). De acordo com informações disponíveis pelo CEFURIA: “Produção cooperada, autogestão e consumo solidário fazem parte dos princípios da Feira Permanente de Economia Popular Solidária”. São parceiros do projeto: o Fundo Diocesano de Solidariedade – FDS; Rede Pinhão dos Clubes de Trocas; Comunidades Eclesiais de Base CEBs; Associação de Cozinhas e Padarias Comunitárias Fermento na Massa; Rede de Educação Popular – Recid; Projeto Brasil Local; Cooperativa Paranaense de Reciclagem – Copersol. Disponível em: <<http://www.cefuria.org.br/feira/>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

<sup>78</sup>TOMAZINI, Carla Guerra (org). Programa Fome Zero e o paradigma da segurança alimentar: ascensão e queda de uma coalizão? *Rev. Sociol. Política*. vol. 24 n.º.58 Curitiba Junho, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1678-987316245801>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

<sup>79</sup>TOMAZINI, Carla Guerra (org). Programa Fome Zero e o paradigma da segurança alimentar: ascensão e queda de uma coalizão? *Rev. Sociol. Política*. vol. 24 n.º.58 Curitiba Junho, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1678-987316245801>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

<sup>80</sup>Giovana. Entrevista concedida em: 01/03/2017.

paróquia Nossa Senhora de Fátima, porque não havia outros lugares para fazer reuniões com os moradores do bairro; a partir daí o pessoal da pastoral operária se interessou em auxiliar no programa e foi buscar formação através do Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo (CEFURIA). Diante disso, as mulheres desenvolveram as chamadas hortas comunitárias e a cooperativa da costura, e, por meio desse entrosamento houve a ideia de fazer as Romarias da Mulher, surgindo, na sequência, o movimento de mulheres propriamente dito.

Desse modo, observou-se que o enunciado de Judite esteve em consonância com a do padre e do registro em ata, ao referir-se que o surgimento do MMP partiu de uma conversa em uma roda de chimarrão. Observou-se, porém, que no registro em ata, a ênfase foi na influência da freira como figura principal no processo de surgimento do MMP, enquanto que a fundadora Judite destacou a figura do padre. A freira Lia indicou que o surgimento ocorreu a partir dos encontros bíblicos; no entanto Giovana, que não esteve inserida no MMP apontou que o surgimento do movimento partiu do desenvolvimento de programas sociais no bairro e do envolvimento das pastorais sociais da igreja. Esses fatores indicam que o processo de surgimento do MMP ocorreu em um contexto social marcado pela relação das participantes do movimento com a religiosidade e com os programas sociais estatais no período.

Foi possível, dessa forma, compreender na análise referente aos discursos de fundação do MMP a maneira como cada pessoa entrevistada construiu suas memórias<sup>81</sup> como atores no processo; de acordo com Losandro Antônio Tedeschi, “[...] a memória é matéria prima da história, e a própria realidade é marcada por elaborações, interpretações que os sujeitos fazem dela, marcadamente subjetivas<sup>82</sup>”. Em que cada sujeito, ao rememorar o surgimento do grupo, colocou por meio deste, as suas próprias vivências e sentidos.

Dessa forma, de acordo com as falas das representantes, o MMP se originou em conformidade com a relação que possuíam com a religião católica. Nesse sentido, faz-se necessário, compreender que os discursos elaborados procuraram traçar uma linearidade, pois ao se envolverem com a paróquia Nossa Senhora de Fátima, o grupo assumiu o denominado

---

<sup>81</sup> A memória é compreendida de acordo com Jacques Le Goff, para o qual a memória é a propriedade de conservar certas informações, estas se referem a um conjunto de funções psíquicas que permitem o indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. p. 366.

<sup>82</sup> TEDESCHI, Losandro Antônio. *Alguns Apontamentos sobre História Oral, Gênero e História das Mulheres*. Dourados, MS: UFGD, 2014, p. 14.

projeto político *Pelo Bem Comum* - um projeto da paróquia, que indicou uma das fundadoras, como candidata à vereadora do bairro Primavera no ano de 2008. Conseqüentemente, é importante analisar a seguir a constituição de tal projeto, na finalidade de compreender como ocorreu a eleição de uma das representantes do MMP à cadeira de vereadora na Câmara Municipal de Guarapuava – PR.

### 1.3 O projeto político do bem comum.

[...] na época foi mais assim uma reflexão da Comunidade, estava tentando achar um nome pra dar pra esse nosso movimento. Então, daí a hora que nós começamos a lançar a ideia de ter um grupo, nós tínhamos que ter um nome, daí com base nos estudos e tal, até nem lembro dizer pra você quem é que deu, quem sugeriu essa frase, mais alguém sugeriu a frase: que tal o Projeto pelo Bem Comum? E todo mundo gostou<sup>83</sup>.

O trecho da entrevista é do padre Sécio, que atuou na paróquia do bairro Primavera, no ano de 2001. Segundo seu relato, a partir das pastorais já organizadas, ele buscou junto à comunidade aprofundar o debate sobre os aspectos socioeconômico, político, religioso e ideológico, num processo que ele chama de desalienador<sup>84</sup>.

Conforme o padre a ideia de elaboração do projeto político denominado *Pelo Bem Comum* surgiu a partir das discussões em encontros e grupos de estudos bíblicos, que se realizavam com lideranças da comunidade e do interior, comunidades estas que pertenciam à Paróquia. A cada três meses, abordavam aspectos referentes à sua realidade social<sup>85</sup>. O Bem Comum é um dos princípios da Doutrina Social da Igreja (DSI), que segundo o documento *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*<sup>86</sup> é um documento conciliar do Vaticano II e define expressões como função social da propriedade, destino universal dos bens, deveres do Estado

<sup>83</sup> Padre Sécio. Entrevista concedida em 10/08/2016. Guarapuava /PR. Sécio Ribeiro Catafesta concedeu entrevista por meio da segunda tentativa em 2017; na primeira em 2014, não aceitou. Padre possui mestrado em Ciência Jurídica e era colaborador da Mitra Diocesana de Guarapuava – PR; se autodeclarou branco e tem 53 anos. Atuou como pároco na paróquia Nossa Senhora de Fátima no bairro Primavera em Guarapuava – PR; foi professor da Escola Diocesana de Fé e Política (EDFP) de 2006 a 2010, e, de acordo com algumas entrevistadas, foi o principal motivador do *Projeto Político Pelo Bem Comum*.

<sup>84</sup> Segundo o padre seria um processo de tirar as pessoas da alienação.

<sup>85</sup> Padre Sécio. Op.cit.,loc.cit.

<sup>86</sup> No capítulo IV do documento conciliar do Vaticano II: *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* encontram-se os princípios do bem comum na DSI. O documento foi escrito pelo Cardeal Ângelo Sodano, ao Papa João Paulo II.

para com o bem estar da população, participação de todos na busca do bem comum, entre outros, são chaves para entender o pensamento social da Igreja<sup>87</sup>.

De acordo com o Compêndio da DSI, o fio condutor na compreensão do termo *bem comum* é que este deveria estar acima do individualismo, dos interesses de classe e do lucro privado. O termo *bem comum* significa um conjunto de escritos e mensagens – (cartas, encíclicas, exortações, pronunciamentos, declarações) – que compõem o pensamento do magistério católico a respeito da chamada questão social<sup>88</sup>. Esses fatos demonstraram que esse projeto já se inseria nos princípios religiosos da Igreja, de acordo com os documentos conciliares.

Segundo o estatuto do *Projeto pelo Bem Comum* da paróquia Nossa Senhora de Fátima, o projeto é colocado sob o viés de uma política libertadora, a fim de eleger um candidato (a) ao cargo de vereador (a) na comunidade. A justificativa utilizada no projeto é que o mesmo é inspirado no princípio do bem comum<sup>89</sup>. O estatuto com as regras do projeto foi lançado no dia 1º de janeiro de 2002, durante a missa, ficando decidido que durante uma próxima missa seria feita a primeira consulta popular, o que aconteceria após a consulta entre pastorais, movimentos e associação de moradores do bairro, conforme Francisco Fernandes Marinho<sup>90</sup>.

O estatuto estabelecia doze critérios para a escolha do candidato (a), deixando claro que, além de serem moradores do bairro, seria necessário comprometer-se com o projeto, sendo a candidatura exclusiva do *Projeto pelo Bem Comum*. Dessa forma, o candidato não poderia tomar nenhuma iniciativa sem a aprovação da comunidade. Outro item merecedor de destaque é o que estabelece que o (a) pré-candidato (a) deveria comprometer-se a contribuir com 20% do saldo líquido de seu subsídio após eleito para formação de projetos em favor da comunidade. As demais cláusulas determinam normas para o processo eleitoral, normas para o mandato e para as funções do (a) vereador (a)<sup>91</sup>.

O projeto limitava o (a) candidato (a) a atuar sob a orientação dos princípios da comunidade religiosa, ficando o mesmo sem autonomia para projetos individuais. Após uma

---

<sup>87</sup>Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html). Acesso em: 24 ago. 2016.

<sup>88</sup> Idem.

<sup>89</sup> Estatuto que rege o Projeto Político *Pelo Bem Comum*, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima.

<sup>90</sup> MARINHO, Francisco Fernandes (org). *História da paróquia Nossa Senhora de Fátima*. Guarapuava: Celeiro do Livro, 2012, p. 147.

<sup>91</sup> Idem.

consulta via Conselho Pastoral Comunitário (CPC), com 16 comunidades rurais, 30 pastorais, com o Colégio Estadual Professor Leni Marlene, a Escola Municipal Professora Carlita Guimarães Pupo, a Escola Municipal Abílio Fabriciano de Oliveira e a Associação de Moradores do bairro foi sugerido, no ano de 2003, pela comunidade, o nome do candidato Renato Barros de Lima do Partido dos Trabalhadores (PT), que obteve 1.027 votos, o qual não foi eleito<sup>92</sup>.

A segunda tentativa de implantação do projeto político pela comunidade na paróquia Nossa Senhora de Fátima ocorreu no ano de 2007. A princípio, cinco candidatos estavam dispostos a assumir o projeto, mas posteriormente três deles desistiram, permanecendo apenas dois candidatos, entre eles a representante do MMP Eva Schran de Lima, esta comentou que seu nome foi indicado pelas mulheres do MMP durante as reuniões com a comunidade, pois essas já percebiam a necessidade de se ter uma representante do movimento na política local<sup>93</sup>.

Outro documento explorado para compreender o processo de escolha do (a) candidato (a) foi a notícia de um jornal semanal<sup>94</sup>. A matéria destacou trechos de entrevistas com os dois candidatos, ambos falavam sobre a participação no processo de consulta popular. O primeiro deu ênfase ao fato de ser cristão, antes de qualquer coisa, ressaltando a importância desse fato para assumir o compromisso como vereador, prometendo ser funcionário do projeto, escolhendo um partido que o apoiasse. A candidata representante do MMP, por sua vez, enfatizou sua atuação nos grupos de reflexão, na catequese de crianças, de jovens e adultos e nas pastorais da igreja, além de comprometer-se a se envolver com o projeto, afirmando: “decidi, trabalhar em prol do projeto e colocar à disposição de todas e todos os cuidados maternos e femininos nas relações políticas. É uma prova de confiança de mulher para mulher, porque conhecemos a nossa capacidade”<sup>95</sup>.

O modo como a candidata se reporta as eleitoras destaca as mulheres como protagonistas de ações, desenvolvendo táticas de ser notada, destacando seu papel social de mulher: como mãe e esposa devotada, aspectos de acordo com Isabel Morant Deusá se entrelaçam com a história da ideia de cidadania feminina na América Latina. As identificações maternas inspiraram também motivações femininas de base, constituindo uma

---

<sup>92</sup> Informação retirada do jornal *A Notícia do Centro-Oeste*, ano 6 n°115, Guarapuava, 18 a 24 de agosto de 2007 p. 8.

<sup>93</sup> Eva Schran de Lima. Entrevista. Concedida em: 02/04/2017. Guarapuava - PR

<sup>94</sup> *A Notícia do Centro-Oeste*, ano 6 n°115, Guarapuava, 18 a 24 de agosto de 2007 p. 9.

<sup>95</sup> *A Notícia do Centro-Oeste*, ano 6 n°115, Guarapuava, 18 a 24 de agosto de 2007 p. 9.

característica da sociedade civil latino-americana.<sup>96</sup> Além de tudo, o lugar social do qual a candidata falava era um espaço público autorizado para a participação feminina.

Em relação ao jornal, o pré-candidato deu ênfase ao compromisso de cristão com o projeto enquanto a candidata Eva realçou as suas funções na igreja enquanto mulher, defendendo e desempenhando o papel esperado pela sociedade. Nesse sentido, a atuação da candidata preservava os costumes e seu discurso voltou-se às mulheres às quais ela se dirigia. Ambos apontavam a preocupação em se colocar como servidor (a) do projeto, pois era uma das exigências esboçadas no estatuto ao impor que a candidatura deveria ser exclusiva do projeto.

De acordo com Francisco Fernandes Marinho,

Ivete, coordenadora do COPAE, vendo a necessidade do projeto propôs que os membros do COPAE se manifestassem e dissessem entre os dois pré – candidato, quem estaria mais preparado para assumir essa missão, depois da colocação de cada pessoa, chegou-se na decisão de que a Sra Eva Schran de Lima estaria mais preparada e a sugestão é a de que o irmão do Gilson e membro do COPAE, Divonei conversasse com seu irmão levando a posição do COPAE e pedisse que ele deixasse essa sua intenção de ser candidato para uma próxima vez, quando estivesse mais preparado<sup>97</sup>.

Ficou claro, portanto, que um dos principais fatores para a escolha da candidata Eva foi a sua participação à frente do Conselho Paroquial para Assuntos Econômicos (COPAE) da paróquia Nossa Senhora de Fátima, mesmo o outro pré-candidato sendo irmão de um dos membros dessa mesma organização.

No ponto de vista do padre Sérgio, não foi uma organização da paróquia em específico que indicou a candidata, mas a escolha ocorreu por meio da comunidade<sup>98</sup>. Ainda sobre a escolha partidária da representante do *Projeto do Bem Comum*, o Pároco respondeu que alguns partidos foram se apresentar à paróquia, outros o pessoal da paróquia foi atrás e foram realizados estudos com as lideranças, a fim de escolher um partido e que “[...] na época as lideranças optaram pelo P.H.S. e foi assim interessante, houve uma grande aderência a filiação partidária porque o pessoal percebeu que seria o partido condizente que mais se

<sup>96</sup>Tradução livre. DEUSA, Isabel Morant (org.). *Movimento das Mulheres numa Perspectiva Internacional*. América Latina e além. Madrid, 2003, p. 266. Título original: *Women’s Movements in International Perspective. Latin America and Beyond*.

<sup>97</sup>MARINHO, Francisco Fernandes (org.). *História da paróquia Nossa Senhora de Fátima*. Guarapuava: Celeiro do Livro, 2012, p. 148.

<sup>98</sup>Sérgio. Entrevista. Concedida em: 10/08/2017. Guarapuava - PR.

identificava com a nossa caminhada”<sup>99</sup>. De acordo com o pároco, a decisão ocorreu através do estudo feito pelas lideranças, porém entre os princípios defendidos pelo partido, se encontrou:

III. O BEM COMUM, crivo sob o qual devem ser avaliadas as mais diversas situações é o conjunto das condições concretas que visam permitir a todos os membros de uma comunidade atingir condições de vida à altura da dignidade da pessoa humana, e constitui o sentido essencial do Estado<sup>100</sup>.

Apesar de o pároco frisar que a escolha do partido teria ocorrido através de estudos das lideranças, foi possível observar a influência decisiva dele na escolha de um partido, que, aos olhos dele, estaria mais afinado com os princípios da Igreja Católica.

Ao questionar Cláudio Cesar de Andrade o qual foi presidente do Partido Humanista da Solidariedade (P.H.S.)<sup>101</sup> em 2008 sobre a escolha do partido ao Projeto do Bem Comum, este argumentou que foi o padre quem consultou os vários partidos, porque no ano de 2004, o projeto havia lançado um candidato pelo PT que não havia sido eleito, então existia a necessidade de reverter esse processo e buscar uma legenda que fosse mais competitiva: “O PHS sempre foi muito ligado a renovação Carismática, e no Paraná também, tanto que o centro do PHS no Paraná é Maringá e até hoje é dominado pela renovação carismática, só que em Guarapuava por conta do Primavera houve uma guinada”<sup>102</sup>.

Segundo Crislaine Valério de Toledo Francisco, a renovação carismática católica consiste em um movimento de dupla reação, pois ao mesmo tempo em que se opõe ao pentecostalismo fora do catolicismo, enfraquece as posições da teologia da libertação e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) dentro da própria Igreja Católica<sup>103</sup>. Ou seja, claramente a Renovação Carismática se apresentou como uma organização conservadora, que surgiu para frear o avanço da Teologia da Libertação, sobretudo no Brasil.

<sup>99</sup> Idem.

<sup>100</sup> Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-humanista-da-solidariedade-pha>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

<sup>101</sup> Em novembro de 2006, o PHS aprovou a fusão com o Partido Popular Socialista (PPS) e o PMN, visando formar uma nova agremiação que se chamaria Mobilização Democrática. O objetivo era criar um partido capaz de superar a cláusula de barreira exigida pela Lei Eleitoral nº 9.096/1995. Contudo, após o TSE considerar inconstitucional esta exigência, os partidos desistiram da fusão. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-humanista-da-solidariedade-pha>>. Acesso em: 25 ago.2016.

<sup>102</sup> Cláudio Cesar de Andrade. Entrevista concedida em: 24/10/2017. Guarapuava – PR.

<sup>103</sup> FRANCISCO, Crislaine Valério de Toledo. “Um novo jeito (conservador) de ser igreja” *Revista USP*, São Paulo (37): 232-235 Março/Maio. 1998, p. 232. Disponível em: [www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28383/30241](http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28383/30241)>. Acesso em 20 mar. 2017.

Em 2004, uma das lideranças da Renovação Carismática Católica (RCC) em Guarapuava<sup>104</sup> Madalena Nerone, foi candidata a vereadora por meio do PHS partido de base aliada ao do candidato a prefeito Cesar Silvestri do Partido Popular Socialista (P.P.S.),<sup>105</sup> membro de um das famílias e/ou grupos tradicionais da cidade.

Foi possível observar que, enquanto membro do P.H.S., o entrevistado Cláudio Cesar Andrade fez questão de deixar claro que na cidade de Guarapuava o partido assumiu uma configuração diferenciada, pois de acordo com ele, o pároco possuía um histórico de trabalho e atuação com os movimentos sociais. No entanto, a freira Lia comentou que sobre a atuação do padre Sécio na igreja:

Ele se dizia progressista, mas na prática era conservador. Quando nos reuníamos com as mulheres na prática do estudo bíblico, várias vezes ele interferiu. Elas levantavam os questionamentos, aí quando chegava o momento da partilha ele (o padre) terminava com as nossas práticas [...] <sup>106</sup>.

Ao indagar Eva Scharn de Lima sobre a filiação partidária, esta argumentou:

Eu não tinha nenhum partido, porque eu não era filiada a nenhum partido, então o próprio projeto, que conversou com vários partidos e viu um partido que não tivesse nenhuma pessoa, uma estrela, um coronel um mandatário no partido, mas que fosse assim um partido mais acessível, também por conta do projeto, que a gente queria que o projeto tivesse um pouco de autonomia e aí que se pensou, foi o projeto *Pelo Bem Comum* que escolheu o PHS. (Eva)<sup>107</sup>

É necessário destacar que a política coronelista sempre foi uma constante nos ditames políticos da cidade de Guarapuava. De acordo Vitor Nunes Leal, o coronelismo, define-se por um sistema de reciprocidade que:

[...] os chefes municipais e os coronéis, que conduzem magotes de eleitores como quem toca tropa de burros; de outro lado, a situação política dominante no Estado, que dispõe do erário, dos empregos, dos favores e da força policial que possui, em suma, o cofre das graças e o poder da desgraça. É claro, portanto, que os dois aspectos – o prestígio próprio dos ‘coronéis’ e o prestígio de empréstimo que o poder público lhes outorga – são

<sup>104</sup> A candidata fez parte da primeira diretoria da RCC em Guarapuava atuando como secretária. Disponível em <<http://diopuava.org.br/?id=1848>>. Acesso em 22 mar. 2017.

<sup>105</sup> Disponível em: <<http://eleicoesepolitica.com/candidatos-a-prefeito-2004/guarapuava-pr/>>. Acesso em 22 mar. 2017.

<sup>106</sup> Lia. Entrevista concedida em: 01/02/2017. Prudentópolis – PR.

<sup>107</sup> Eva Scharn de Lima. Entrevista concedida em: 25/05/2014. Guarapuava - PR.



mutuamente dependentes e funcionam ao mesmo tempo como determinantes e determinados<sup>108</sup>.

A manutenção do sistema coronelista no Paraná foi objeto de análise de Mônica Helena Harrich Silva Goulart, a qual o definiu que este era um sistema em que os representantes locais:

[...] tinham o controle local submetido a um revezamento familiar, no qual os membros do mesmo grupo encontrava-se em posições de liderança na Câmara Municipal como presidente, como prefeito, como camaristas, como chefes do diretório ou, então, como deputado estadual<sup>109</sup>.

Embora o período analisado por ela seja o da transição do período monárquico para o período republicano, este se assemelha em relação ao revezamento familiar do período que se analisa em Guarapuava, pois conforme Daniel Cirilo Augusto, desde a primeira eleição direta pós-ditadura militar (no final dos anos 1980), no âmbito do poder local, foram três grupos de poder que se alternaram nas melhores posições de resultados eleitorais<sup>110</sup>. A alternância se concretizou através de entes dos grupos/ famílias ou de pessoas que detinham forte ligação e, portanto, receberam apoio destes grupos/famílias<sup>111</sup>.

Conforme entrevista com o candidato a vereador no ano de 2008 Lisandro Vieira, do Partido Comunista do Brasil (PC do B), o PC do B, o P.T. e o P.H.S. fizeram coligação em Guarapuava, a fim de “[...]superar o mando das famílias tradicionais, então acho que um dos elos que fazia se juntar, era isso, pois sabia que as famílias tradicionais não davam espaços para novas lideranças”<sup>112</sup>. Além disso, de acordo com ele havia uma convergência em relação às linhas de atuação dos movimentos sociais, “[...] o PC do B atuava no movimento estudantil, muito próximo ao PT! Com toda essa base, também com os movimentos sociais e o P.H.S., vinha na construção disso, que eles chamavam de uma política do bem comum, e ai

<sup>108</sup> LEAL, Vitor. Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. 5. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986. p. 43.

<sup>109</sup> GOULART, Mônica Helena Harrich Silva. *O Coronelismo e a transição republicana do Paraná*. IX Simpósio Internacional do Processo Civilizador. Tecnologia e civilização. Ponta Grossa/PR, 2004. Disponível em: <[http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/mesa\\_debates/art24](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais9/artigos/mesa_debates/art24)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

<sup>110</sup> As famílias ou grupos são: Matos Leão, Carli e Silvestri, como se destacou anteriormente.

<sup>111</sup> AUGUSTO, Daniel Cirilo. A Percepção do eleitorado de Guarapuava-PR a cerca dos grupos de poder: Transformações e continuidades. *Revista Percurso – NEMO*, Maringá, v. 7, n. 2, p. 117- 133, 2015, p. 122. Disponível em: <[www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/download/28541/15761](http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/download/28541/15761)>. Acesso em 20 mar. 2017.

<sup>112</sup> Lisandro Vieira. Entrevista concedida em: 31/01/2017. Guarapuava – PR.

começa a se aproximar”<sup>113</sup>. Compreende-se por meio das entrevistas a maneira como os representantes dos partidos do P.H.S. e do PC do B embasaram suas falas em políticas de atuação relacionadas aos movimentos sociais.

De acordo com Brena Costa Lerbach os movimentos sociais consistiram um dos fenômenos mais estudados em meados da década de 1970 até o início da década de 1990; no entanto, na contemporaneidade tornou-se um fenômeno de difícil conceitualização, pois atualmente existe uma pluralidade de significados atribuídos ao termo, assim como os mais variados tipos de ação coletiva classificados como movimentos sociais<sup>114</sup>.

No final dos anos 1980, com o período da redemocratização e dos trabalhos da Assembleia Constituinte no Brasil, os movimentos sociais atuaram pressionando os grupos políticos, a fim de que as demandas fossem atendidas pela Constituição. Com a mudança de contexto marcada pelo advento do projeto neoliberal, nos anos que seguiram a década de 1990, os movimentos sociais se institucionalizaram passando a atuar em parceria com o Estado, sendo caracterizados, por autores mais pessimistas, como uma fase de refluxo dos movimentos sociais. Na contemporaneidade, estes passaram a serem identificados como movimentos, redes, mobilizações ou ativismos<sup>115</sup>.

Conforme a autora, a dificuldade de conceitualização ocorre por meio das mudanças no campo empírico e ideológico dos movimentos sociais que refletiram no campo teórico; dessa maneira, os fenômenos são fluídos e históricos, metamorfoseando-se; permanecendo os conflitos e lutas eles multiplicaram-se através de fóruns, seminários, debates, plenárias, enfim, em outros espaços e formas de ativismo e mobilização<sup>116</sup>. Portanto, ao debater sobre as nuances nas relações políticas partidárias em Guarapuava, os entrevistados como representantes de seus respectivos partidos buscaram pensar a atuação dos mesmos relacionando-os à necessidade de vinculá-los aos movimentos sociais.

Nesse sentido, enquanto Cláudio o representante relatou que foi o padre Sécio quem escolheu o partido, a candidata Eva enfatizou que a escolha ocorreu a partir do *Projeto do Bem Comum*. Dessa maneira, foi possível perceber que a escolha partidária do projeto inserido nos princípios religiosos esteve atrelada à escolha de um partido de uma linha conservadora. E apesar de Cláudio ter dito que, em Guarapuava o partido obteve uma configuração diferenciada por conta do projeto e, da atuação do pároco com os movimentos

<sup>113</sup> Lisandro Vieira. Entrevista concedida em: 31/01/2017. Guarapuava – PR.

<sup>114</sup> LERBACH, Brena Costa. Movimentos Sociais: Percursos Práticos e Conceituais. *Anais do Seminário Nacional da Pós - Graduação em Ciências Sociais – UFES*. v.1, n. 1 2011. Disponível em: [www.periodicos.ufes.br > Capa > v. 1, n. 1 \(2011\) > Lerbach](http://www.periodicos.ufes.br/Capa/v.1.n.1(2011)/Lerbach). Acesso em: 22 mar. 2017.

<sup>115</sup> Idem.

<sup>116</sup> Idem.

sociais. A freira afirmou que na prática o padre demonstrava atitudes conservadoras na atuação com as mulheres.

Em 2008, a escolha que definida por meio do Projeto do Bem Comum foi por um partido definido como representante da ideologia da direita e fazendo coligação eleitoral com o PT, e PC do B, um partido mais à esquerda, o que demonstrou que, nesse caso, os interesses em comum dos representantes partidários sobressaíram-se sobre as bases ideológicas partidárias.

Sobre a campanha eleitoral, um jornal mensal, com tiragem entre bairros, do mês de fevereiro de 2008, continha duas manchetes em uma mesma página, em tom eleitoral. A primeira notícia intitulada: “Um projeto político sobre os alicerces da união,” apresentou um resumo sobre o projeto político Pelo Bem Comum, da paróquia Nossa Senhora de Fátima informando o que é, e enfatizando que o intuito seria a união de forças em prol de escolher uma única pessoa para representar o bairro.

A notícia salientou características positivas da candidata como a profissão de empresária e contadora, além de destacar que ela possuía bom comportamento ético e moral, “tendo como destaque sua participação ativa junto à comunidade e pelo Movimento de Mulheres do Bairro Primavera, onde encontra sua verdadeira vocação”<sup>117</sup>. Através da notícia foi possível observar o modo como o jornal buscou o convencimento dos leitores através da imagem ocupada pelo gênero feminino por meio de sua posição social na comunidade, justificando a escolha como a mais apropriada para assumir a proposta do projeto político proposto pela igreja. Ao optar pela participação política em uma comunidade religiosa, era dentro dessa doutrina que a candidata deveria inserir-se como representante do gênero feminino. Nesse sentido, para Joan Scott os conceitos normativos expressos em doutrinas religiosas e outras doutrinas institucionais:

[...] tomam a forma de uma oposição binária que afirma de forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e do feminino. A posição que emerge como dominante é, apesar de tudo, declarada a única possível. A história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem o produto de um consenso social e não de um conflito.<sup>118</sup>

Na segunda manchete intitulada: “Movimento da mulher propõe valorização da pessoa”, foi possível perceber o destaque à 5ª edição da Romaria da Mulher, realizada no mês

<sup>117</sup>Jornal dos bairros de Guarapuava. Publicação independente ao serviço das associações de bairros de Guarapuava. Ano2, nº3. Fevereiro /2008.

<sup>118</sup> SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, vol. 16, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990. p. 21.

de março daquele ano, frisando a ideia da Romaria como a valorização da participação das pessoas nas organizações e na comunidade. A nota fazia referência ainda às reuniões do movimento em preparação à Romaria da Mulher, além de planejamento, discussão, ações e soluções para o bairro, acentuando alguns problemas apontados pelo movimento, como falta de atendimento na saúde, nas creches, necessidades em relação ao meio ambiente, falta de dignidade e participação popular.

Ou seja, além da imagem da representante do MMP como a pessoa apropriada para assumir o projeto da igreja, o segundo argumento, de convencimento ao eleitor, perpassou pela ideia da organização do movimento em relação a questões sociais gerais, ressaltando que este estava intrinsecamente atrelado à proposta política de participação dos indivíduos nas organizações e na comunidade.

Assim, as eleições municipais ocorreram no dia 05 de outubro de 2008, sendo eleita a representante do MMP com 1851 votos, ficando na 11ª posição entre os demais candidatos eleitos<sup>119</sup>. Ao questionar Judite, sobre a relação entre o MMP e o projeto político *Pelo Bem Comum*, ela afirmou: “o projeto é uma coisa o movimento é outra, as pessoas associam o projeto político ao movimento pelo fato de nós termos a Eva, mas o que deu visibilidade para o movimento é o fato de nós termos uma representante”<sup>120</sup>. Diferente da vinculação entre o projeto e o movimento em destaque no jornal, foi possível perceber a maneira como Judite reforçou a atuação do movimento, separada do projeto.

Outro fator merecedor de destaque foi à questão da representatividade do movimento, na visão das entrevistadas e da própria candidata. Segundo elas, foi no momento em que conseguiram inserir uma representante do MMP no cenário político que o movimento tornou-se visível perante a comunidade. Conforme a candidata eleita Eva, o mandato teria fornecido a elas “toda uma bagagem uma presença mesmo do movimento de mulheres, ele ajudou pra dar aquele *up* no movimento de mulheres, a visibilidade que o movimento precisava”<sup>121</sup>.

Nesse sentido, compreendemos que apesar de Judite ter colocado o Projeto do Bem Comum de maneira independente do MMP, foi a partir da atuação de Eva como membro da Igreja Nossa Senhora de Fátima, e da inserção desta em um projeto político religioso que ela foi eleita.

Assim, no ano seguinte ao início do mandato, a candidata eleita e posteriormente três representantes do MMP iniciaram seus estudos na chamada Escola Diocesana de Fé e Política

---

<sup>119</sup> Disponível em: <<http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>>. Acesso em: 02 set. 2016.

<sup>120</sup> Judite. Entrevista. Concedida em: 18/03/2014. Guarapuava - PR.

<sup>121</sup> Eva. Entrevista. Concedida em: 25/05/2014. Guarapuava - PR.

de Guarapuava-PR (EDFP). A Escola atuava em parceria com a Diocese da Igreja católica de Guarapuava e com a Universidade Estadual do Centro Oeste – Unicentro. De acordo com um dos entrevistados representante da Escola, a diocese cedia o espaço e a Universidade certificava<sup>122</sup>.

O entrevistado buscou situar a escola de maneira independente da diocese, porém ao consultar os materiais de trabalho de um dos professores da escola, foram encontrados planos de aula com base no ensino da Doutrina Social da Igreja. Além disso, no jornal da diocese havia informações de que os encontros de fé e política eram um Projeto de Extensão Universitária<sup>123</sup> indícios que fornecem dados a futuras pesquisas, tendo o objetivo de compreender a que finalidade uma instituição pública financia um projeto de extensão, atrelado a um órgão religioso. Nesse contexto, analisaremos a seguir o modo como as representantes do MMP buscaram legitimar-se dentro da doutrina religiosa.

#### 1.4 As representantes do MMP e o viés religioso

O movimento ele nasceu sim dentro da Igreja Católica, dentro daquela linha da Igreja Católica que acredita, ou acreditava na Teologia da Libertação, na opção preferencial pelos pobres na missão de Cristo, de transformação da realidade que a gente está inserida e sim, se a gente é totalmente ligada até hoje nessa crença, a motivação nossa em fazer o Movimento de Mulheres e principalmente essa nossa missão Cristã de melhorar a vida das pessoas (Pamela).<sup>124</sup>

Conforme a citação da entrevistada Pamela, o MMP possuía uma ligação com a linha da teologia da libertação. Será analisada, portanto, a partir deste ponto, a necessidade das representantes do MMP em atrelar-se aos princípios político religiosos.

No Brasil, a Teologia da Libertação conquistou uma influência decisiva a partir de uma adaptação político-social do Evangelho, principalmente relacionado aos movimentos populares brasileiros, em especial, os movimentos de trabalhadores rurais que surgiram a partir de 1975<sup>125</sup>. No cenário da América Latina, uma importante conferência para a causa dos defensores da chamada Teologia da Libertação foi realizada pelo Conselho Episcopal da

<sup>122</sup> Mario. Entrevista concedida em 15/05/2016. Guarapuava – PR.

<sup>123</sup> Disponível em: <[http://diopuava.org.br/?pg=fe\\_politica.htm](http://diopuava.org.br/?pg=fe_politica.htm)>. Acesso em: 31 mar. 2017

<sup>124</sup> Pamela. Entrevista concedida em: 10/08/2016. Guarapuava – PR.

<sup>125</sup> GUARIZA, Nádía. *Incorporação e (re)criação nas margens: trajetórias femininas*. Curitiba, 2009. p. 127-129. Tese (Doutorado em História) Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. p. 42.

América Latina (CELAM) e aconteceu em agosto de 1968, na cidade de Medellín (Colômbia)<sup>126</sup>.

Convocada pelo Papa Paulo VI, esta conferência apontou as injustiças sociais derivadas das ditaduras militares e da dependência econômica, deixando claro o objetivo de lutar contra as injustiças e as desigualdades sociais. O documento foi sistematizado por D. Hélder Câmara, Gustavo Gutierrez e José Grimillion<sup>127</sup>. Esta conferência foi um estímulo para a elaboração de uma perspectiva de realização de trabalhos com as comunidades mais carentes. No Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) promoveu a participação na conferência de Medellín, do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Comissão de Justiça e Paz (CJP). Assim, ocorreu entre o clero de esquerda e entre os novos militantes políticos uma relação entre ideais cristãos e marxistas, mesmo sem a aprovação da hierarquia do Vaticano<sup>128</sup>.

Nesse contexto, iniciou-se no Brasil uma atuação repressiva tanto pelo regime militar quanto pelo Vaticano, principalmente em combate a ala progressista da igreja, tanto militares como religiosos da alta hierarquia agiam na perseguição de alguns bispos que se encontravam nas principais capitais brasileiras, como D. Pedro Casaldáliga, D. Aluísio Lorscheider, D. Paulo Evaristo Arns e D. Helder Câmara<sup>129</sup>. Entretanto, no contexto do ano de 1978 assume o pontificado o polonês Karol Wojtyła (João Paulo II), representante desse momento. A partir disso, a preocupação do Vaticano com as questões políticas na América Latina começaram a se modificar e parte do documento da conferência de Puebla, em 1979, versa sobre os passos que deverão ser seguidos na evangelização, destacando-se orientações para o caminho da política.

No artigo 523<sup>o130</sup> o documento de Puebla direcionava católicos em grupos para a participação política, referindo-se a ideologias que deveriam estar atreladas à política de partido e que deviam basear-se na doutrina cristã, mas não poderiam representar todos os

<sup>126</sup> MENEZES NETO, Antônio Júlio. A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. *Cad. CRH* vol. 20 n°.50. Salvador, 2007, p. 5. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792007000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000200010)>. Acesso em: 27 set. 2016.

<sup>127</sup> MENEZES NETO, Antônio Júlio. A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. *Cad. CRH* vol. 20 n°.50. Salvador, 2007, p. 5. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792007000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000200010)>. Acesso em: 27 set. 2016.

<sup>128</sup> Idem.

<sup>129</sup> KNAPIK, Márcia Carneiro (org). *Movimento Popular de Mulheres no Paraná: 10 anos construindo vida*. Curitiba: Editora gráfica popular - Cefúria, 2005, p. 70.

<sup>130</sup> Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/family/documents/rc\\_pc\\_family\\_doc\\_20040212\\_trujillo-puebla\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20040212_trujillo-puebla_po.html)>. Acesso em: 17 jun. 2016.

fiéis. No artigo 524, a orientação era para que os leigos assumissem esse papel inspirados pela Doutrina Social da Igreja. Ao mesmo tempo em que o documento fazia essa orientação aos leigos, fazia também críticas às ideologias vigentes. O documento propunha ainda, por orientações nos artigos 542º e 543º, a participação política dos leigos, garantindo que esses não viessem utilizar as ideologias liberal ou marxista, pois estavam longe de alcançar os princípios pelos quais a Igreja pretendia seguir politicamente.

Em 1984, o Cardeal Ratzinger redigiu instruções em caráter de denúncia contra a Teologia da Libertação<sup>131</sup>. Ele enfatizou: “estamos, pois diante de um verdadeiro sistema, mesmo quando alguns hesitam em seguir a sua lógica até o fim. Como tal, este sistema é uma perversão da mensagem cristã (...)”<sup>132</sup>. O documento fazia denúncias em relação às práticas da Teologia da Libertação, que ameaçavam os padrões da Igreja e era uma ameaça à ordem. Segundo o documento, havia pessoas que seguiam esses teólogos inocentemente, seriam esses os indivíduos que a Igreja deveria “salvar” da perversão contra a mensagem cristã.

Em 1980, as CEBs e os movimentos que estiveram relacionados também às propostas da Teologia da Libertação tiveram fortes influências no Brasil, período em que se vivenciava a fase da abertura democrática e a reorganização política da sociedade civil<sup>133</sup>. Nesse mesmo período, de acordo com Antônio Júlio Menezes Neto no cenário da política externa um movimento conservador começou a se desenhar e assim, o neoliberalismo e a queda do chamado "socialismo real" repercutiu no Vaticano. As alas mais conservadoras do Vaticano II começaram a questionar as ações motivadas pela Teologia da Libertação<sup>134</sup>.

No Brasil, de acordo com Rodrigo Augusto Leão Camilo, o final do regime militar marcou um novo contexto político em que novas modalidades de religião foram surgindo; como exemplo, cita-se o forte crescimento da religião pentecostal, além de movimentos dentro da Igreja Católica menos comprometidos com a questão social, tais como a Renovação

---

<sup>131</sup>MENEZES NETO, Antônio Júlio. A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. *Cad. CRH*. Vol. 20 n.º.50. Salvador, 2007, p. 10. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792007000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000200010)>. Acesso em: 17 jun. 2016.

<sup>132</sup>Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19840806\\_theology-liberation\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html)>. Acesso em: 17 jun. 2016.

<sup>133</sup>MENEZES NETO, Antônio Júlio. A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. *Cad. CRH*. Vol. 20 n.º.50. Salvador, 2007, p. 10. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792007000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000200010)>. Acesso em: 17 jun. 2016.

<sup>134</sup> Idem, p. 10



Carismática, e, por fim, a ação neoconservadora do Vaticano, em que a Igreja brasileira diminui o envolvimento direto com a questão social<sup>135</sup>.

Como se observou, no entanto, o período de efervescência da teologia da libertação no Brasil concentrou-se nos anos 1980. As representantes do MMP, por sua vez, assim como na entrevista de Pamela, procuraram engendrar o grupo como seguidoras dos princípios da Teologia da Libertação a partir do ano de 2003.

O P.H.S., partido pelo qual a candidata do MMP se elegeu em 2008, era um partido de direita e da ala conservadora da Igreja Católica; no entanto, ao fazer coligação com os demais partidos de esquerda, as representantes do MMP viram a necessidade de dar uma nova conotação ao posicionamento político do grupo em relação ao Projeto do Bem Comum, e buscaram no próprio catolicismo setores que tivessem relação com os movimentos sociais. Dessa forma, a legitimação de um grupo que compactuava com os ideais da Teologia da Libertação se tornou necessária, posicionando-as em relação de diferença, aos demais setores da paróquia.

Verificou-se ainda que a Igreja Católica, no direcionamento de uma linha conservadora, impulsionou os leigos para a participação política, como apontamos no documento de Puebla em 1979. No Brasil essa participação foi motivada a partir de 1996, com o lançamento da Campanha da Fraternidade<sup>136</sup> pela CNBB. Paralelamente a esses fatos, deu-se o aparecimento das primeiras Escolas de Fé e Política no Brasil e, no ano de 2005 a CNBB fundou o Centro Nacional de Política Dom Elder Câmara<sup>137</sup>.

Nesse contexto, em Guarapuava a Escola Diocesana de Fé e Política (EDFP) surgiu no ano 2000 por incentivo do bispo diocesano Dom Antônio Wagner<sup>138</sup>. Atualmente essa escola

<sup>135</sup> CAMILO, Rodrigo Augusto de Leão. *A teologia da libertação no Brasil: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade*. Disponível em: [https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Rodrigo\\_Augusto\\_Leao\\_Camilo.pdf](https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Rodrigo_Augusto_Leao_Camilo.pdf). Acesso em 05 abr. 2017.

<sup>136</sup> A campanha teve como objetivo “contribuir para a formação política dos cristãos para que exerçam sua cidadania sendo sujeitos da construção de uma sociedade justa e solidária”. Tendo como tema: “Paz e justiça se abraçarão”, sobre o princípio do que a igreja chamou de fraternidade política foram expressas frases nos manuais de formação e livros de cânticos da campanha. A mesma justificou-se pelo fato de que o momento vivenciado pelo país era um momento de crise nas instituições, dessa forma, a igreja reagia em favor do “bem estar da comunidade”. Disponível em: <http://campanhas.cnbb.org.br/campanha/fraternidade1996>. Acesso em: 15 mai. 2016.

<sup>137</sup> ALVES, Antônio Aparecido. *Escolas de Formação fé e política: um estudo teológico a partir do ensino social da igreja e da teologia latino-americana*. 2010, p. 06. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

<sup>138</sup> LEMOS, Falleiros Tales. *Educação e Igreja: a experiência da Escola Diocesana de Formação Política de Guarapuava (2001-2002)*. Campus Santa Cruz, Guarapuava- Pr, 2002, p. 40. O bispo Dom Antônio Wagner foi procurado com o objetivo de entrevistá-lo sobre o envolvimento da igreja católica com a Escola Diocesana de Fé e Política e com a conjuntura política da cidade de Guarapuava no período de 2000 até 2012; através da secretária este ficou de nos retornar na finalidade de marcar entrevista, mas não obtivemos retorno.



é vinculada ao Centro Nacional de Fé e Política Dom Hélder Câmara (CEFEP)<sup>139</sup>. O Pe. Sérgio, que foi responsável pela criação do Projeto do Bem Comum, passou a atuar como professor na EDFP no ano de 2005. Posteriormente, em 2009, ano do início do mandato de vereança da representante do MMP, a vereadora Eva e mais três representantes do movimento que também se filiaram ao P.H.S., iniciaram seus estudos na EDFP. Assim, tornou-se perceptível que embora as representantes do MMP procurassem se diferenciar do Projeto do Bem Comum na condição de uma concepção religiosa, elas ampararam-se em uma formação política, que possuía um espaço consolidado politicamente na Igreja Católica, a fim de inserir o MMP nesta condição.

No entanto, com a finalidade de compreender se existiu uma ala específica da paróquia Nossa Senhora de Fátima, (Progressista, libertária ou conservadora) que influenciou o MMP, Pamela foi questionada, a mesma entrevistada que colocou inicialmente que o movimento nasceu acreditando na linha da Teologia da Libertação. Para o questionamento sobre qual das alas os membros da paróquia seguiam em geral, ela argumentou:

Há tantos pontos pra ser conservador, tantos pontos pra ser libertadores, você diz hoje ou na época? como a história muda. Então, na época a gente se considerava assim uma igreja libertadora. Libertadora em que sentido? Libertadora no sentido de união da classe trabalhadora, de reivindicação, seja lá pelos direitos de médico, de estrada, enfim, ela era libertadora nesse sentido<sup>140</sup>.

Pamela vinculou o aspecto da vertente sobre a noção de classe. Porém, conforme o relato dela: “Sob outros pontos, como a defesa da causa feminista e dos movimentos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis), os membros da igreja colocavam-se e ainda se colocam como conservador”<sup>141</sup>. Havendo a necessidade de atrelar o MMP à religiosidade, ela destacou o aspecto coletividade; no entanto, ao colocar as bandeiras levantadas pelos movimentos coletivos, ela considerou necessário separar os modos de pensar da comunidade em relação ao posicionamento dela, enquanto representante do MMP.

As entrevistadas, no entanto, buscaram legitimar o surgimento do MMP e a inserção de Eva como representante do mesmo, relacionando-o ao Projeto do Bem Comum, além de incorporar a imagem do movimento à religiosidade, pressupondo uma homogeneidade. Compreende-se que, entre elas, não existiu uma coesão a respeito do modo de pensar a relação do MMP em uma linha específica dentro da religiosidade.

<sup>139</sup> Disponível em <<http://www.cefep.org.br/escolasfeepolitica>>. Acesso em 02 abr. 2017.

<sup>140</sup> Pamela. Entrevista concedida em: 10/08/2016. Guarapuava – PR.

<sup>141</sup> Idem.

Portanto, depreende-se a identificação do MMP com a religiosidade através do conceito de hibridação<sup>142</sup>, o qual funde estruturas ou práticas sociais discretas para gerar novas estruturas e novas práticas. Ocorrendo de modo não planejado, a hibridação surge da criatividade individual ou coletiva, não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico,<sup>143</sup> incorporando traços de outras temporalidades e recriando suas próprias especificidades.

Além da busca do MMP em legitimar-se dentro do campo religioso, a partir do ano em que Eva assumiu o cargo de vereadora, observou-se que o grupo também passou a se identificar enquanto representantes de um Movimento Social de mulheres. Ao analisar os movimentos de mulheres na América Latina, Isabel Morant Deusa, destacou que o ativismo popular de base se desenvolveu em grande medida mediante a movimentação em torno das necessidades e identidades derivadas dos papéis femininos e da politização das mesmas<sup>144</sup>. No capítulo a seguir, analisamos a maneira como as participantes do MMP passaram a se reconhecer enquanto atuantes de um movimento social.

---

<sup>142</sup> Compreende-se o conceito de Hibridação de acordo com Nestor Garcia Canclini, para o qual os termos culturas híbridas podem compreender os espaços fronteiriços que rompem as barreiras que separam o tradicional e o moderno, analisando a heterogeneidade cultural presente no cotidiano do mundo moderno. CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2008, p. 330.

<sup>143</sup> Idem, p. 22.

<sup>144</sup> Tradução livre. DEUSA, Isabel Morant (org). *Movimento das Mulheres numa Perspectiva Internacional. América Latina e além*. Madrid, 2003, p. 268. Título original: *Women's Movements in International Perspective. Latin America and Beyond*.

## Capítulo 2

### O MMP COMO MOVIMENTO SOCIAL: DA RELIGIOSIDADE À PERCEPÇÃO DE AÇÃO

No capítulo anterior, analisamos a maneira pela qual as participantes do MMP buscaram legitimar o seu movimento, qual seja, dentro da doutrina social católica, inserindo-se em uma proposta de participação política junto à Igreja. Neste capítulo, será analisada a forma pela qual as participantes do MMP lançaram mão e se utilizaram daquele contexto político favorável para suas iniciativas, pautadas no sentido religioso das ações. A seguir, a análise se pautará no sentido da compreensão do modo como as integrantes do movimento se colocam como protagonistas de um movimento social, e por consequência, sobre as temáticas abordadas nas *Romarias da Mulher*, como pressupostos de conquistas de empoderamento feminino, baseados em ações coletivas que repercutiram no âmbito Municipal.

No contexto religioso, as participantes do MMP buscaram por meio de um processo de amadurecimento por meio de leituras e discussões de gênero, inserir no âmbito das Romarias da Mulher, premissas feministas das quais eram partidárias primeiro delas mesmas, no sentido de um autoaprimoramento, e, segundo, ao alcance de seus anseios a um público maior, sobretudo no campo feminino.

Uma das ações empreendidas pelo grupo das mulheres foi tentar uma aproximação com partidos políticos, com o intuito de interferir na agenda política, sobretudo no legislativo municipal. Para tanto, indicaram uma representante sua como candidata a vereadora. Assim, a representante do grupo, Eva, lançou seu nome como candidata a vereadora em 2008, saindo vitoriosa como filiada ao Partido Humanista da Solidariedade.

No percurso eleitoral daquele período, 2008, se faz importante observar a apropriação que houve da valorização dos movimentos sociais por parte de todos os partidos, não só daquele que elegeu a vereadora, como de outros considerados mais de esquerda. Obviamente que o enunciado do MMP em relação a políticas voltadas as mulheres muito contribuiu para o sucesso da candidata.

A vereadora, eleita em 2008, deu continuidade à sua caminhada política, ainda como representante do MMP, e, em 2012, filiada pelo Partido Popular Socialista (P.P.S.), partido este controlado por uma família de políticos tradicionais da cidade, sendo eleita como vice-prefeita do Município de Guarapuava.

## 2.1 MMP: movimento social, associativismo ou organização da sociedade civil?

Eu, por muito tempo pensava, será que nós somos mesmo movimento social? Será que na época, que a gente escolheu o termo movimento, não foi só porque, a gente não tinha outro nome, para escolher, eu fazia muitas vezes essas perguntas, e depois com o tempo, percebi, que o nosso papel de movimento social, era de articular essas mulheres de verdade, essas mulheres, que trabalham o dia inteiro, e tem filho pra cuidar, tem casa pra cuidar, e que ainda não consegue dividir o trabalho doméstico com o marido, porque os maridos são conservadores, são machistas, são antigos (...).<sup>145</sup>

O trecho da entrevista acima é de uma das representantes do MMP, em resposta à questão se ela caracteriza o MMP como um movimento social. Embora a crítica seja dirigida aos homens, é a concepção dela, do que é ser mulher que é ressaltada. A *mulher de verdade*<sup>146</sup> destacada por Pamela são aquelas que assumem as triplas funções: o trabalho, a família e o fato de serem donas de casa, são as mulheres trabalhadoras que fogem ao estereótipo *mulher de verdade*, são essas mulheres que são representadas pela entrevistada como aquelas que participam e fazem parte do MMP.

Em relação à compreensão do MMP como movimento social, Pamela ressaltou:

[...] então a gente fala e conversa e articula mulheres de verdade, fala de política com essas mulheres de verdade, mulheres da classe trabalhadora mulheres mesmo, e pressiona as políticas públicas então eu considero assim: é um movimento social, porque o nosso papel realmente é esse, de pressionar governos e tudo mais a realizar as políticas a favor das mulheres.<sup>147</sup>

Ao enfatizar o que ela denomina como “mulheres de verdade” ou “mulheres mesmo”, ela articula a noção do *MMP* como um movimento que, atua em favor da luta das mulheres trabalhadoras. Nesse sentido, de acordo com a análise de Chartier, a história cultural, ao trabalhar com as lutas de representação, sob a noção de hierarquização da estrutura social: “[...] centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam

<sup>145</sup> Pamela. Entrevista concedida em: 10/08/2016. Guarapuava – PR.

<sup>146</sup> O termo mulher de verdade, remete ao samba escrito por Mário Lago em parceria com Ataulfo Alves, na década de 40, com o nome de "Amélia", o qual em uma sociedade predominantemente machista, a composição referia-se à companheira ideal, ou seja, uma doméstica, serviçal, obediente, resignada e passiva. No ano de 2009, as compositoras Pitty e Martin Mendonça gravaram a música: Desconstruindo Amélia. PITY; MENDONÇA, Martin. Desconstruindo Amélia. In: Chiaroscuro. Faixa 7. Prod. Rafael Ramos. São Paulo: Deckdisc, 2009. A letra é dotada de discursos que oportunizam a leitura de valores referentes à mulher, que busca libertar-se de uma sociedade originalmente repressiva. Uma análise referente à composição textual da letra da música: Desconstruindo Amélia, pode ser consultada no texto: CRUZ, da Clériston Jesus (org). Construindo uma análise semiótica em desconstruindo Amélia. *Revista Hiperion*, n. 08. 2016. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistahyperion/article/view/17019>>. Acesso em 23 abr. 2017.

<sup>147</sup> Pamela. Entrevista concedida em: 10/08/2016. Guarapuava - PR..

posições e relações que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser, percebido constitutivo de sua identidade”<sup>148</sup>.

Assim, na representação da fala de Pamela, o grupo se insere como um fator identitário ser um movimento de classe, embora a composição referente à classe social não seja homogênea dentro do MMP. Note-se que, ao se perguntar se a maioria das pessoas da Igreja Nossa Senhora de Fátima eram favoráveis ao MMP, uma das participantes do movimento respondeu: “muitas pessoas, dentro da Igreja, não apoia, se houvesse apoio, o movimento seria bem maior”<sup>149</sup>. Nesse sentido, ao compreender os argumentos de Elaine, foi questionado: *o que acontece?* Esta, narrou:

Por eles verem a Eva uma pessoa rica, que ela é rica! Por mais que ela não demonstre muito que ela tem dinheiro, é de uma classe bem mais alta, e eles acham isso, acham que só as pessoas da classe mais alta que podem participar, mas, têm pessoas da igreja que não são eu não sou, tem uma maioria que não é, e elas também estão lá, e eu acho que se for pensar, que se for participar apenas uma classe, nem precisa ter movimento<sup>150</sup>. (Elaine)

A diferença de classe é observada por Elaine, por meio da participação de uma das fundadoras do MMP, que possui a função de contadora, e já foi vereadora, com o apoio do movimento e do *Projeto do Bem Comum*. Na visão dela, um motivo que colabora com o fato de algumas mulheres que frequentam a igreja não apoiarem o MMP é por acharem que o MMP é composto de mulheres ricas, embora elas tenham votado na vereadora pertencente ao grupo.

Outro documento analisado com a intenção de perceber a maneira como as representantes do MMP o compreendem enquanto movimento social foi o livro ata<sup>151</sup>, o qual traz a descrição de uma reunião datada no dia 02 de junho de 2009, mesmo ano em que foi eleita a vereadora do MMP. Nesse período elas passaram a utilizar a nomenclatura *Movimento de Mulheres da Primavera*, pois, até esse momento, de acordo com Marcela, “Nós chamávamos de reunião das mulheres, sempre o convite, quando uma convidava a outra, e orientava o horário, falava: reunião das mulheres”<sup>152</sup>.

Nesse documento observou-se ainda, o registro da participação de onze mulheres que: “(...) reuniram-se e assinaram o livro, com a finalidade de fundarem a Associação de

<sup>148</sup> Chartier, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, v. 5, n 11. 1991, p. 184. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>> . Acesso em: 17 abr. 2017.

<sup>149</sup> Elaine. Entrevista concedida em: 31/03/2017. Guarapuava - PR.

<sup>150</sup> Elaine. Entrevista concedida em: 31/03/2017. Guarapuava - PR.

<sup>151</sup> Livro Ata nº 01. Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava/Pr. 02/06/2009, p. 01.

<sup>152</sup> Marcela. Entrevista concedida em: 14/07/2017.

Mulheres do Bairro Primavera com o nome de: Movimento de Mulheres do Bairro Primavera”<sup>153</sup>.

Após seis anos de encontros e reuniões, elas tiveram a necessidade de oficializar esse grupo, em forma de Associação<sup>154</sup>, que foi registrada em cartório contendo um Estatuto Social<sup>155</sup> e estabelecendo regras de participação das integrantes. Embora, o registro conste como “Associação”, o termo utilizado por elas a fim de identificar a organização, é o de “Movimento de Mulheres”.

Nesse sentido, ao procurar compreender a utilização do termo “Movimento Social” por parte das representantes, utilizou-se o conceito de Ilse Scherer Warren<sup>156</sup>, enquanto rede de movimentos sociais, em que “a sociedade civil representa níveis, de como os interesses e os valores da cidadania se organizam em cada sociedade para encaminhamento de suas ações”<sup>157</sup>. O termo: movimento social “[...] se constitui: em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia, num contínuo processo em construção [...]” articulando-se, por meio dos níveis acima mencionados<sup>158</sup>.

---

<sup>153</sup> Idem.

<sup>154</sup> A pretensão aqui não é caracterizar o MMP em termos jurídicos, porém, faz-se necessário compreender que de acordo com o Código Civil brasileiro, o conceito de associação define-se, da seguinte forma: “A associação é uma pessoa jurídica de direito privado tendo por objetivo a realização de atividades culturais, sociais, religiosas, recreativas etc., sem fins lucrativos, ou seja, não visam lucros e dotadas de personalidade distinta de seus componentes”. O que difere do conceito de movimento social, definido a seguir no corpo do texto. Disponível em: <<http://efisc.com.br/materias/2007/122007societarios.htm>>. Acesso em 21 abr. 2017.

<sup>155</sup> Procurou-se analisar o Estatuto Social da associação, a fim de compreender o modo como as representantes do MMP elaboraram as normas do mesmo; porém, ao buscar informações junto a elas, foi concedido apenas a parte que trata da organização e atribuição dos cargos das representantes, a partir do capítulo V do Estatuto Social. Assim, foi necessária a busca do Estatuto Social completo, via cartório. Encontrou-se o registro, no livro A-006, na certidão de registro integral nº 94, folha 240. Registro de Títulos e documentos, 2º Ofício. Guarapuava - PR.

<sup>156</sup> Não se trata de enquadrar o MMP em um padrão teórico, mas compreender como os mecanismos de participação da sociedade civil, atuam na contemporaneidade. WARREN, Ilse Scherer. Dossiê Movimentos Sociais. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Soc. estado*. vol.21 n.1 Brasília Jan./Abr. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922006000100007>> Acesso em: 21 abr. 2017.

<sup>157</sup> Conforme Ilse Scherer Warren em um primeiro nível, encontra-se o *associativismo local*, como as associações civis, os movimentos comunitários e sujeitos sociais envolvidos com causas sociais ou culturais do cotidiano, ou voltados a essas bases, como são algumas Organizações Não-Governamentais (ONGs), o terceiro setor. Em um segundo nível, articulam-se as formas de organização interorganizacionais, destacando-se fóruns da sociedade civil, associações nacionais de ONGs, e as redes de redes, os quais se relacionam entre si, buscando o empoderamento de movimentos do associativismo local, em que os mediadores buscam a interlocução, ou parcerias entre a sociedade civil ou o Estado. Em um terceiro nível, ocorrem as mobilizações na esfera pública como fruto da articulação de atores dos movimentos sociais localizados, das Ongs, dos fóruns e redes de redes, buscando transcendê-los, por meio de grandes manifestações, com a finalidade de produzir visibilidade através de efeitos simbólicos, como uma forma de pressão política no espaço público contemporâneo.

<sup>158</sup> WARREN, Ilse Scherer. Dossiê Movimentos Sociais. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Soc. estado*. vol.21 n.1 Brasília Jan./Abr. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922006000100007>> Acesso em: 21 abr. 2017.

Compreende-se assim, que é possível analisar o MMP de acordo com a análise de Ilse Scherer Warren, enquanto organização da sociedade civil do primeiro nível, enquanto associativismo local, possuindo, porém, características de articulação com os demais níveis.

Ao analisar o Estatuto Social do MMP entre as finalidades da Associação, encontrou-se: “ser centro de integração entre as mulheres do bairro, realizar atividades sociais, culturais e assistenciais, de maneira específica a realização da romaria da mulher, tendo a finalidade, de divulgar os direitos da mulher”<sup>159</sup>. Entre outras funções foi possível destacar também o seguinte artigo: “Manter e administrar serviços assistenciais e cooperativos, inclusive através de convênios com associações congêneres, autarquias, entidades religiosas, órgãos federais, estaduais, municipais, governamentais ou não”<sup>160</sup>.

Ou seja, a vantagem de se criar uma associação era poder agir legalmente em nome dela, movimentando recursos e firmando convênios. Em relação ao movimento de recursos, foi possível a investigação de informações na Secretaria de Administração da Prefeitura Municipal de Guarapuava, com a finalidade de compreender se o MMP realizou algum projeto, com o objetivo de receber recursos financeiros desta instituição. Este órgão informou que “durante o período que compreende o ano de 2009 até o período de 2017, na contadoria geral do município, não foram encontrados pagamentos, em favor da Associação do Movimento de Mulheres do Bairro Primavera”<sup>161</sup>.

Outro órgão público consultado foi a Secretaria de Assistência Social do Município, com o objetivo de analisar, se como associação, que tem por finalidade prestar serviços assistenciais, o MMP teve participação nos Conselhos Gestores de Políticas Públicas<sup>162</sup>, uma vez que é por meio da participação nesses conselhos que as Organizações da Sociedade Civil (OSC)<sup>163</sup> atuam com a finalidade de obter recursos financeiros.

---

<sup>159</sup> Livro A-006, certidão de registro integral n° 94, folha 241. Registro de Títulos e documentos, 2° Ofício. Guarapuava/PR.

<sup>160</sup> Idem.

<sup>161</sup> GUARAPUAVA, Prefeitura Municipal de. Of. 080-2017SA. Secretária Municipal de Administração: Denise Abreu Turco. 27/03/2017.

<sup>162</sup> De acordo com Eduardo Granha Magalhães Gomes, os conselhos gestores de Políticas Públicas surgiram “a partir da Constituição Federal de 1988, os conselhos gestores tornaram-se instituições importantes no âmbito das políticas públicas. Decorrentes, sobretudo, dos princípios constitucionais que prescrevem a participação da sociedade na condução das políticas públicas, das legislações regulamentadoras que, invariavelmente, condicionam o repasse de recursos federais à sua existência e do processo de descentralização, eles se disseminaram pelos municípios e estados brasileiros”. GOMES, Eduardo Granha Magalhães. *Conselhos gestores de Políticas Públicas: aspectos teóricos sobre o potencial do controle social democrático e eficiente*. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/cebape/v13n4/1679-3951-cebape-13-04-00894](http://www.scielo.br/pdf/cebape/v13n4/1679-3951-cebape-13-04-00894)>. Acesso em 23 abr. 2017.

<sup>163</sup> A partir da lei 13019/2013, as organizações da sociedade civil e as denominadas Organizações não governamentais ONGs passaram a adotar a nomenclatura Organização da Sociedade Civil (OSC). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13019-31-julho-2014-779123-publicacaooriginal-144670-pl.html>>. Acesso em 23 abr. 2017.

Dessa forma, foi procurada uma das assistentes sociais<sup>164</sup> da Secretaria de Assistência Social de Guarapuava/PR, no intento de compreender se houve a participação do MMP nos Conselhos Gestores do Município. Esta se surpreendeu ao saber que a Associação do Movimento de Mulheres da Primavera existia, e de acordo com ela, “a associação do MMP possui todo aparato legal para a participação nos Conselhos Gestores de Políticas Públicas, portando, inclusive a nomenclatura correta, de acordo com a nova legislação”<sup>165</sup> que regula as Organizações da Sociedade Civil (OSC); no entanto, conforme a informação concedida, o MMP não possuía naquele momento participação nos Conselhos Municipais de Assistência Social.

Se as representantes do MMP se compreendiam atuantes de um movimento social e se adequavam nas regras da OSC, de acordo com a informação da assistente social, foi pertinente questionar as representantes do MMP referente à necessidade de registrar o movimento formalmente e qual seria a pretensão delas a respeito desse fato. Todavia, em um período de cinco meses, elas não concederam informações, o que expressou um silêncio do grupo.

Ao procurar algumas das representantes, com o objetivo de compreender o silenciamento, foi possível a resposta de Ana Terra: “elas nunca foram objeto de estudo, está sendo um pouco difícil para elas lidar com isso!”<sup>166</sup>. Isso demonstrou certo receio por parte delas no momento em que observaram que as informações estavam sendo disponibilizadas por elas individualmente, sendo possível quebrar a coesão da história a ser contada como grupo.

Após esse período, elas resolveram conceder entrevista coletiva, com a participação de três representantes do MMP: duas fundadoras e uma que faz parte da organização das reuniões. Durante a entrevista, indagou-se “o porquê elas sentiram a necessidade em criar uma associação em 2009, e formalizar de acordo com os princípios legais”. Uma das fundadoras denominada Judite, respondeu: “Então teve uma época, a gente fez isso com a intenção de se inscrever em algum convênio para ter recursos para dar continuidade, porque sabíamos que não iríamos continuar na política também, e aí pensamos nisso”<sup>167</sup>. Contudo, elas esclareceram que, devido às questões burocráticas, gasto com funcionárias, além do

---

<sup>164</sup> Informações disponibilizadas através Secretaria de Assistência Social de Guarapuava. Assistente Social Andressa em 20/04/2017.

<sup>165</sup> Conforme a lei nº 13019/2013.

<sup>166</sup> Ana Terra. Entrevista concedida em 10/11/2017. Guarapuava - PR.

<sup>167</sup> Judite. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava – PR.



tempo extra que deveriam disponibilizar para elaborar projetos, elas nunca fizeram projetos a fim de arrecadar recursos para o movimento.

Nessa conjuntura, tornou-se evidente que, além da conquista de recursos financeiros, o objetivo delas era manter-se na atuação institucional governamental, porém, com a atuação da vereadora como representante do MMP, esta atuação restringiu-se ao cargo da mesma na esfera municipal, e a utilização de políticas públicas em favor da conquista dos recursos ao movimento não se efetivou, de acordo com as informações prestadas. Apesar disso, Pamela ressaltou no trecho da entrevista, em destaque inicialmente, que o papel delas como mulheres atuantes seria de pressionar governos e realizar as políticas a favor das mulheres<sup>168</sup>. Esta declaração demonstrou a existência de uma tensão entre agir em parceria com os governos, ou exercer a função de pressioná-lo o que é característica dos feminismos e dos movimentos sociais em geral.

A entrevista concedida por Pamela ocorreu, portanto no ano de 2016, 13 anos após o surgimento do MMP, sete anos após fundação da Associação do Movimento de Mulheres da Primavera e quatro anos após o término do mandato da vereadora em questão.

Diante dessa temporalidade, é compreensível a heterogeneidade na forma de ressignificar os objetivos traçados pelo MMP, o qual se inseriu inicialmente em um contexto político marcado pela religiosidade, que se mostrou pretense a atuar em parceria com o governo, e ao mesmo tempo se colocava como um movimento de pressão ao mesmo.

Em relação aos objetivos traçados pelo MMP, outras fontes analisadas foram ainda as fotografias em destaque na página inicial de um *blog* criado em junho de 2011<sup>169</sup> pelas organizadoras do MMP na intenção de divulgar o movimento. De acordo com Kossoy<sup>170</sup>, ao analisar a fotografia como fonte histórica, é necessário levar em conta o seu processo de construção, porque a imagem é um documento criado e construído, no entanto ela não representa necessariamente a verdade histórica, e sim o registro expressivo da aparência.

Nesse sentido, foi imprescindível explorar a frase inicial do *blog* do MMP, a qual se apresentou da seguinte forma: *O objetivo do movimento é promover a emancipação das mulheres nas esferas financeira, emocional e política, com foco no equilíbrio de gênero na sociedade.*<sup>171</sup> Com a finalidade de compreender a seleção das imagens por parte da organização do MMP, a qual buscou construir, uma representação do movimento mediante o

---

<sup>168</sup> As ações em que elas destacam como forma de pressão serão analisadas no item referente às Romarias da Mulher.

<sup>169</sup> Informação disponível em: <<https://www.blogger.com/profile/04228171355952446216>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

<sup>170</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 38.

<sup>171</sup> Disponível em: <<http://mulheresdaprimavera.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

objetivo exposto acima na frase do *blog*. A seguir, serão analisadas três fotografias do *blog* do movimento.

**Figura 1** - “4º Encontro das Mulheres que Lutam e Sonham”<sup>172</sup>



**Fonte:** Página do Blog do Movimento de Mulheres da Primavera Guarapuava/PR, 2012<sup>173</sup>.

A fotografia da figura 1 é de um dos encontros de mulheres organizados pelo MMP que contou com o apoio financeiro do mandato da vereadora Eva e da Paróquia Nossa Senhora de Fátima<sup>174</sup>. O encontro foi realizado no último ano do mencionado mandato; desde o primeiro ano do mandato da vereadora elas organizaram um encontro de mulheres uma vez ao ano. Os temas das palestras do último encontro em destaque na foto foram: Autonomia e defesa pessoal e Participação política das mulheres, contando com a presença da prefeita eleita da cidade de Campo Mourão/PR no período, Regina Dubay, do Partido Republicano (PR), partido de centro direita<sup>175</sup>.

O destaque da seleção desta imagem, por parte das organizadoras do *blog* se deu pelo número expressivo de mulheres, demonstrando a maneira como o MMP realiza a organização das participantes em busca de alcançar o que elas denominam de “promoção emancipadora das mulheres”. Porém, as legendas não indicaram a organização do encontro em parceria com outras instituições como o Governo Municipal e a Igreja Católica.

<sup>172</sup> Encontro realizado pelas Mulheres do Movimento de Mulheres do Bairro Primavera em 24/11/2012.

<sup>173</sup> Disponível em: 29/04/2017. <http://mulheresdaprimavera.blogspot.com.br/> Acesso em 29/04/2017.

<sup>174</sup> Informações retiradas de um panfleto do encontro, do arquivo do MMP. De acordo com uma das entrevistadas, na organização desses encontros eram utilizados os 20% do salário da vereadora, que deveria ser revertido à comunidade, conforme o estatuto do *Projeto do Bem Comum*. Melody. Entrevista concedida em 22/08/2016.

<sup>175</sup> Disponível em <https://eleicoes.uol.com.br/2012/candidatos/2012/prefeito/pr/12101967-regina.htm>. Acesso em: 14 mai. 2017.

**Figura 2** - “10<sup>o</sup> Romaria da Mulher” <sup>176</sup>



**Fonte:** Página do Blog do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava-PR.

Na figura 2 é possível observar a fotografia da 10<sup>a</sup> Romaria da Mulher que foi realizada no ano de 2013, reforçando o número expressivo da participação de mulheres; destaque para a manifestação religiosa, pois parte das mulheres que participam das Romarias da Mulher são provenientes das Pastorais da Paróquia Nossa Senhora de Fátima. As bandeiras destacam a cor lilás, utilizada pelo MMP tendo a finalidade de enfatizar a consonância do MMP com o movimento feminista, na busca de construir a imagem de acordo com o objetivo proposto na frase inicial do *blog* sobre o equilíbrio de gênero na sociedade.

**Figura 3** – “Gerações no Movimento” <sup>177</sup>



**Fonte:** Página do Blog do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava-PR.

<sup>176</sup> Romaria realizada em Março de 2014.

<sup>177</sup> 7<sup>a</sup> Romaria da Mulher, realizada em março de 2011.

A figura 3 realça a relação de confiança estabelecida entre o MMP e as mulheres que participam das manifestações organizadas por elas, pois mediante a participação familiar foi que elas procuraram demonstrar o vínculo e a relação emocional estabelecidos no bom relacionamento entre o movimento e as mulheres de diferentes faixas etárias, avós, mães e filhas.

Dessa forma, foi possível analisar por meio das fotografias selecionadas pela organização do MMP, que a escolha das imagens apresentadas no *blog* orienta o leitor na representação da organização do movimento em prol de algumas ações que elas realizam, como o encontro das mulheres e as Romarias da Mulher, na perspectiva de legitimar os meios como elas trabalham no sentido de alcançar o objetivo definido no *blog*: “[...] promover a emancipação das mulheres nas esferas financeira, emocional e política, com foco no equilíbrio de gênero na sociedade”<sup>178</sup>, além de divulgar a imagem da confiança depositada nelas. Contudo, foi possível compreender que a participação das demais mulheres, nos eventos organizados pelo MMP, não ocorreu exclusivamente pela influência do movimento. A participação das demais mulheres advém do vínculo com as instituições do Governo Municipal, da Igreja Católica e, sobretudo por meio da popularidade conquistada pela figura da senhora Eva Schran de Lima.

Apesar da escolha da imagem da Romaria da Mulher em destaque no blog do MMP em 2011, foi possível analisar também que o movimento passou a adotar uma postura mais independente em relação à igreja Católica a partir de 2010, pois as descrições referentes às reuniões passaram a utilizar temáticas que transitavam no sentido de seguir um planejamento de uma organização exclusiva do MMP, a qual elas definiram como: “[...] três focos: Pessoal, Organização do Movimento de Mulheres e Mulheres em geral”<sup>179</sup>.

Nesse sentido, foi pertinente a indagação feita à Pamela, *sobre como foi à relação do MMP com a Paróquia Nossa Senhora de Fátima*. Pamela comentou que, no início o relacionamento institucional entre o movimento e a Igreja era bastante tranquilo e que “ele passou a não ser mais tranquilo, quando o movimento de mulheres começou a questionar algumas atitudes da Instituição Igreja”<sup>180</sup>.

De acordo com a entrevistada, isso ocorreu após a posse da vereadora eleita pelo *Projeto do Bem Comum* no momento em que teve a votação para presidente da Câmara Municipal de Vereadores da Prefeitura de Guarapuava/PR; o padre Sécio tinha uma

<sup>178</sup> Disponível em: <<http://mulheresdaprimavera.blogspot.com.br/>> Acesso em 29 abr. 2017.

<sup>179</sup> Livro Ata nº 01. Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava/Pr. 02/06/2009. p. 05.

<sup>180</sup> Pamela. Entrevista concedida em: 10/08/2016. Guarapuava - PR.

preferência por determinado (a) candidato (a). Conforme o presidente do PHS nesse período, o (a) candidato (a) indicado (a) à presidente da Câmara pelo padre Sérgio foi a candidata Maria José do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), base aliada do Prefeito Fernando Ribas Carli, do Partido Progressista (PP)<sup>181</sup>; base contrária, portanto, a da vereadora Eva eleita pelo *Projeto do Bem Comum*, que por meio do PHS fazia oposição à candidata indicada pelo padre Sérgio.

Segundo Pamela, foi realizada uma reunião com os representantes da comunidade e a vereadora votou no candidato à presidência da câmara escolhido pela comunidade. Esta foi, conforme o relato dela, uma atitude de desobediência da vereadora ao o pároco, mas não à a comunidade, pois esta seguiu as orientações do *Projeto do Bem Comum*.

Conforme o entrevistado Cláudio, o outro candidato à presidência da Câmara era Ademir Strechar, candidato do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), o qual havia procurado o entrevistado, que era presidente do P.H.S. no período e também a vereadora Eva, com o discurso de que faria da Câmara uma extensão do Poder Executivo, e os convenceu a dá-lo um voto de confiança. No entanto, o padre Sérgio, estava construindo a Igreja na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, e contava com o apoio do Empresário Odacir Antonelli, o qual queria que o padre levasse a vereadora Eva a votar em Maria José para a presidência da Câmara<sup>182</sup>.

Ao questionar a freira Lia, sobre esses fatos, o relato dela, esteve de acordo com o de Cláudio, ao comentar que o padre Sérgio recebia recursos financeiros do empresário Odacir Antonelli na intenção de auxiliar na construção da Igreja<sup>183</sup>. Rosinéia, outra entrevistada, relatou que a freira chamava a atenção das mulheres, dizendo que elas eram exploradas pelo padre ao trabalhar nas festas da igreja sendo que as festas eram somente para arrecadar dinheiro para a Paróquia, e que a freira não concordava com as doações do empresário à Igreja<sup>184</sup>.

Compreende-se que, ao comentar que o MMP passou a questionar atitudes da Igreja, a entrevistada Pamela referiu-se ao padre Sérgio. O Bispo da Diocese de Guarapuava, Dom Wagner, foi procurado para esclarecer o posicionamento da Igreja Católica referente a esses fatos, porém o mesmo não deu retorno, deixando uma lacuna sobre o envolvimento da Igreja Católica de Guarapuava e o Poder Público Municipal, um tema possível de análise em outro momento de pesquisa. De acordo com Pamela, após esse episódio, o padre começou a cortar

---

<sup>181</sup> Cláudio Cesar Andrade. Entrevista concedida em: 25/03/2017. Guarapuava - PR.

<sup>182</sup> Idem.

<sup>183</sup> Lia. Entrevista concedida em: 02/02/2017. Prudentópolis - PR.

<sup>184</sup> Rosinéia. Entrevista concedida em: 25/02/2017. Guarapuava - PR.

os espaços de inserção do mandato da vereadora na Igreja, como as reuniões, a prestação de contas e os avisos que eram dados ao final das missas. A partir daí, segundo ela, as mulheres perceberam que estavam sendo deixadas de lado, o que abalou a relação entre o MMP e a Paróquia Nossa Senhora de Fátima.

Percebeu-se dessa maneira que, nesse período, o MMP e o mandato da vereadora se confundiram, ao passo que as mulheres do movimento agiram em defesa da candidata eleita. Assim, foi possível analisar que a atitude do pároco também foi um fator determinante na iniciativa das mulheres do MMP em desvincular-se da Igreja e planejar objetivos específicos a serem traçados por elas, bem como fundar a *Associação do Movimento de Mulheres da Primavera*, pois, apesar do apoio que elas possuíam das mulheres que atuavam nas pastorais da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, o posicionamento político do padre e da vereadora destoaram.

Na perspectiva de compreender a relação entre o MMP e a Instituição Católica, tornou-se imprescindível questionar a freira Lia - até pelo lugar social religioso em que ela se encontrava - sobre a maneira como ela compreendia o uso da terminologia *Movimento Social* pelo MMP, pois como visto no capítulo anterior, no discurso fundador do movimento, a freira teve papel fundamental no surgimento do grupo. Assim, ao ser questionada, ela se surpreendeu: “Elas usam esse termo movimento?”<sup>185</sup> e ao ponderar sobre a terminologia, ela se referiu da seguinte forma:

[...] movimento é algo que move que está como é que se diz? Em constante movimento, acredito que não se pode dizer que elas são um movimento, elas ainda não tem autonomia, são ainda dependentes da Igreja, talvez fosse mais correto utilizar o termo coletivo, mesmo no Movimento dos Trabalhadores Rurais (MST), que é sim um movimento social, elas usam o termo coletivo de mulheres, e olha que aquelas mulheres trabalham, aquele sim é um movimento, pois são vários grupos se movendo dentro de um movimento maior, [...].<sup>186</sup>

Mesmo que a entrevista tenha sido realizada com a irmã bem depois do desligamento dela em relação ao MMP, ela compreendia claramente que as mulheres do movimento ainda eram dependentes da Igreja, no entender dela, esse fato que não se coaduna com os preceitos conceituais do que seja um *Movimento Social*.

<sup>185</sup> Lia. Entrevista concedida em: 26/02/2017. Prudentópolis - PR.

<sup>186</sup> Idem.

Por outro lado, em entrevista coletiva com o MMP, foi perguntado às mulheres: *O que é para vocês pertencer a um movimento social?* Uma delas, denominada neste trabalho de Roselaine, respondeu:

Eu acho que o movimento é resistência, estando em todo esse cenário difícil que é, tanto em participação política quanto em conjuntura nacional, ele é um movimento de resistência, que estuda que tenta ser a voz das mulheres, que faz denúncias [...].<sup>187</sup>

O posicionamento de Roselaine, em comparação com as entrevistas das demais representantes do movimento, se mostrou parecido com a entrevista concedida por Pamela, que relatou inicialmente que o MMP era um movimento de pressão.

Esta pesquisa partiu da perspectiva histórica de que são as conjunturas as determinantes das formas pelas quais surgem ou desaparecem os movimentos sociais e/ou populares, como alternativas de criação e recriação de estratégias de resistências. Assim, o MMP surgiu como a principal organização feminina no Bairro Primavera, mas com um limite de atuação definido pela sua própria origem, a religiosa. Logo, o Movimento ficou circunscrito nos limites da política social católica que o gerou.

Nesse sentido, o movimento construiu apenas pequenos avanços, como a indicação e eleição de uma vereadora. No entanto, as transformações e melhorias sociais, como a diminuição da violência contra a mulher e melhores condições de trabalho e salário para as mulheres, com todos os requisitos de redistribuição de renda e poder, que as caracterizam, tem sido uma conquista improvável dentro das limitações do MMP.

Assim, o modo como algumas das representantes procuraram destacar a Associação do Movimento das Mulheres da Primavera como um movimento de resistência, no entanto, foi paliativo, na medida dos limites impostos pela sua dependência da Igreja Católica e pela aproximação do poder público. Isso também foi visível pela própria exposição das fotografias na imagem do *blog* do MMP, fazendo um apelo de suas iniciativas ao público em geral, sobretudo àquele ligado à Paróquia Nossa Senhora de Fátima, como, por exemplo, na organização e realização da Romaria da Mulher.

Nesse sentido, será analisada a seguir, a maneira como se organizaram as primeiras Romarias da Mulher, bem como as temáticas abordadas pelo MMP e algumas das simbologias utilizadas pelo grupo entre o período de 2004, ano da primeira Romaria, até

---

<sup>187</sup>Roselaine, Movimento das Mulheres da Primavera. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava - PR.



2007, ano em que o *Projeto do Bem Comum* decidiu apoiar a candidatura de Eva ao cargo de vereadora na Câmara Municipal de Guarapuava nas eleições municipais de 2008.

## 2.2 As primeiras romarias da mulher: do místico ao religioso (2004 - 2007)

A Romaria da Mulher, realizada anualmente no bairro Primavera, em Guarapuava, sempre no mês de março, é uma manifestação de caráter político e religioso, organizado pelas integrantes do MMP, em parceria com as mulheres que atuam nas pastorais sociais da paróquia Nossa Senhora de Fátima. À época da pesquisa, as participantes consideravam as Romarias como espaços em que podiam falar sobre suas vivências e aproveitarem os momentos para “reivindicar as pautas das mulheres do bairro”<sup>188</sup>. Assim, a análise parte da primeira Romaria e a maneira como foi estruturada a sua organização, para posteriormente, se encaminhar no sentido de compreender a forma que elas vão tomando até o ano de 2007, ano da 4ª Romaria da Mulher e momento de escolha do (a) representante a vereador (a) no *Projeto do Bem Comum*.

A primeira Romaria da Mulher foi realizada no mês de março de 2004, com o tema: *No teu olhar mulher a Esperança de um novo dia*; de acordo com o registro do MMP<sup>189</sup> o foco dessa Romaria foi à rememoração da história do dia 08 de março de 1857, baseada no mito das 129 mulheres que morreram queimadas por reivindicarem seus direitos trabalhistas<sup>190</sup>.

As Romarias do bairro Primavera foram inspiradas nas *Romarias da Terra*, organizadas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) e pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Nesse sentido, foi entrevistada uma das mulheres que participava das pastorais e das romarias, a qual lembrou a maneira como foi pensada a organização da primeira Romaria da Mulher:

A gente tinha uma ideia por causa da Romaria da Terra, por causa dos momentos, a gente trouxe uma Romaria que a gente já havia participado que era a Romaria da Terra, então no nosso momento aqui urbano, uma romaria urbana, só sabendo que ela tinha um diferencial, nós tínhamos outro objetivo, mas a gente sabia a sequência que deveria ter e usamos como subsídio<sup>191</sup>.

<sup>188</sup> Pamela. Entrevista concedida em 10/08/2016. Guarapuava/PR.

<sup>189</sup> Ata nº 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava - PR, 2009. p. 01

<sup>190</sup> Vera Soares define a história como um mito que surgiu após greves operárias nos Estados Unidos e na Rússia que apagou da memória histórica das mulheres e dos homens outras datas de greves e congressos que haveriam determinado o Dia das Mulheres, sua data de comemoração e seu caráter político. Consultar: SOARES, Vera. *Mitos e realidades do dia 8 de março*. Revista Fundação Perseu Abramo, 2010. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/content/mitos-e-realidades-do-8-de-marco>. Acesso em: 26 out. 2016.

<sup>191</sup> Ester. Entrevista concedida em 09/10/2016. Guarapuava/PR.



Conforme Ester, a ideia de organizar a Romaria da Mulher também partiu de alguns representantes da pastoral operária, os quais faziam cursos ofertados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), duas ou três vezes durante o ano em Curitiba/PR. Dessa forma, as pessoas que participavam e faziam parte dos grupos de organização da Paróquia Nossa Senhora de Fátima se interessaram em participar das Romarias da Terra.

Também se pode inferir que o modelo da Romaria da Terra utilizado pelo MMP foi trazido pela freira que participou da organização do grupo, dado que ela era militante oriunda da CPT e do MST.

De acordo com a religiosa, a ideia sobre as Romarias da Mulher partiu da paróquia, e o que ela havia sugerido inicialmente que fosse uma caminhada, segundo Lia, ocorreu que: “todo aquele dinamismo das mulheres, em vez de fazer desconstrução, volta a fazer construção, porque tem que fazer tudo a partir de uma instituição”<sup>192</sup>.

Note-se que na crítica da religiosa, ela observou que a Romaria da Mulher, apesar de basear-se nas Romarias da Terra, mencionando que esta possuía outro propósito, foi uma ideia que, por ter partido do padre, inviabilizou a autonomia das mulheres, já reivindicada a partir dos encontros de estudos bíblicos.

Ainda se referindo às Romarias, é importante destacar que a partir daquele momento, a própria Paróquia passou a organizar viagens com até dois ônibus saindo da Igreja às Romarias da Terra em Assentamentos e Acampamentos do MST. O Padre Sérgio relatou que as viagens ocorriam para as Romarias e também para Santuários, como, por exemplo, de Aparecida do Norte/SP e Lunardelli -PR<sup>193</sup>. Isso indica que o costume das viagens dos fiéis, não era restrito às Romarias da Terra, mas também àquelas de caráter institucional para os referidos santuários.

É importante destacar que as primeiras Romarias da Mulher realizadas entre 2004 e 2008 foram fundamentais para o surgimento do MMP, primeiro pelo número sempre crescente de mulheres participantes e, principalmente, pela criação do discurso fundador do grupo.

A *liturgia* das caminhadas se constituía de leituras religiosas, por um lado, e, por outro, de utilização de textos políticos bem elaborados. Políticos, não no sentido partidário, mas sim de textos com conteúdos de denúncias de sua situação de vulnerabilidade, tanto no mundo do trabalho, ou pelo preconceito de que são vítimas, inclusive de violência doméstica.

---

<sup>192</sup> Léia. Entrevista concedida em 25/02/2017. Prudentópolis/PR.

<sup>193</sup> Sérgio. Entrevista concedida em 20/08/2016. Guarapuava/PR.

Conforme Tarcísio Vanderline, nas Romarias da Terra as pessoas se apropriam de elementos litúrgicos e celebram à sua maneira sem se preocupar com as consequências que isso possa acarretar. “Nesta forma peculiar de romaria, a peregrinação, a procissão e o culto são reinventados, criando-se um espaço livre da tutela institucional e da tradição litúrgica para escolher o que liturgicamente parece imprescindível aos romeiros”<sup>194</sup>.

Ao questionar sobre a Romaria da Mulher, tanto as entrevistadas e o próprio padre mencionaram que foi por meio das Romarias da Terra que as mulheres se apropriaram das metodologias da CPT e do MST, a fim de fazerem suas próprias Romarias.

A prática das Romarias da Terra se iniciou a partir do trabalho desenvolvido pela CPT, no interior do Brasil, pastoral esta que apoiou as lutas camponesas pela terra a partir de 1975, e que era vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)<sup>195</sup>. Observou-se também, a necessidade de encontrar formas litúrgicas que possibilitassem o encontro dos aspectos político-econômicos com os aspectos religiosos da luta pela terra.

As Romarias da Terra surgiram num processo de engajamento de parte da igreja progressista com as lutas populares, trazendo uma celebração que ligava a religiosidade popular aos anseios políticos de libertação<sup>196</sup>. De acordo com Ariel José Pires: “as Romarias são momentos de expressão política e religiosa, servindo como fator de integração dos povos excluídos do campo e da cidade, e nasceram a partir da ideia das caminhadas de peregrinação religiosa”<sup>197</sup>.

Ao ser perguntado à Pamela, uma das representantes do MMP, sobre a influência das Romarias da Terra na Romaria da Mulher, ela comentou que a influência foi no sentido de adaptação da metodologia utilizada nas Romarias da Terra à Romaria da Mulher: “então a gente acreditou que também dentro da Romaria, era possível rezar e ter uma ação de reivindicação dos nossos direitos”<sup>198</sup>. Em um dos arquivos de uma das fundadoras, denominada nesta pesquisa como Judite, foi possível encontrar escritos em uma folha sulfite, em que elas procuraram registrar tanto nesse papel, quanto na ata do MMP, o que elas denominaram de história do movimento; uma definição referente à Romaria da Mulher:

<sup>194</sup>VANDERLINDE, Tarcísio. *A Peregrinação por um novo território*. p. 92. Disponível em: <file:///C:/Users/5555/Downloads/236-912-1-PB.pdf>. Acesso em: 09 out. 2016.

<sup>195</sup> Disponível em: <<http://www.cptnacional.org.br/index.php/quem-somos/-historico>>. Acesso em: 04 out. 2016.

<sup>196</sup> CORSO, João Carlos. *A mística da terra: Um estudo sobre a Romaria da Terra* (Rio Bonito do Iguçu- PR-1997). Guarapuava, 1999, p. 67. 132 p. Dissertação (Mestrado em História). UNESP.

<sup>197</sup> PIRES, Ariel, J. *O Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra e a Política Social Católica - (1980-2000): Concepções, ambiguidades e permanências na luta pela terra agrícola*. Assis/SP, 2001, p. 117. 123fls. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

<sup>198</sup> Pamela. Entrevista concedida em 10/08/2016. Guarapuava/PR.

A Romaria é um ato de fé onde o movimento de mulheres busca incentivá-las a reescrever a sua história, a buscarem a ser protagonistas de suas vidas, a comemorar os direitos conquistados e a reivindicar muitos outros. Mas, acima de tudo, a realização da Romaria é um processo de formação que visa proporcionar a emancipação da mulher enquanto ser social, enquanto cidadã, por meio de seu papel no seio da sociedade <sup>199</sup>.

É possível perceber que o uso do termo *reivindicação* está constantemente presente nas entrevistas concedidas pelas representantes do MMP, termo que se refere tanto ao MMP como movimento social, observado anteriormente, como à Romaria da Mulher. Nota-se que a maneira de se escrever no texto encontrado no arquivo de Judite, atribui importância à mulher na coletividade, porém uma mulher que age como ser social age dentro dos limites da religiosidade, reforçando o papel normativo da mulher esperado pela sociedade. Por conseguinte, a análise segue no sentido de observar a organização das Romarias da Mulher e o que elas denominam como ações de reivindicação.

As mulheres organizavam, durante as reuniões que faziam a cada quinze dias, um planejamento sobre as questões que iriam abordar na Romaria da Mulher; definiam a temática a ser abordada, discutiam o trajeto a ser percorrido, além de cuidar da organização do som, da equipe de canto, da animação, da ornamentação, dos cartazes e das lembrancinhas. Foram trabalhos divididos com as mulheres que atuavam nas demais pastorais da Igreja Católica.

Ao perceber a relação entre o MMP e as mulheres que atuavam nas pastorais, foi pertinente investigar a existência de uma pastoral específica da mulher dentro da CNBB, visto que o principal objetivo declarado pelo movimento no *blog*, criado pelas organizadoras em 2011, era “promover a emancipação das mulheres nas esferas financeira, emocional e política, com foco no equilíbrio de gênero na sociedade” <sup>200</sup>.

Nessa perspectiva, foram encontradas informações referentes à Pastoral das Mulheres Marginalizadas (PMM), uma pastoral social em âmbito nacional, ligada ao setor de pastoral social da CNBB <sup>201</sup>. Ao entrar em contato com a coordenação da PMM em São Paulo, a Freira coordenadora informou que ainda não existe nenhuma sede desta pastoral no Estado do Paraná <sup>202</sup>.

Nesse caso, foi pertinente questionar uma das fundadoras do MMP se elas possuíam conhecimento da existência da PMM, uma vez que atuam em parceria com mulheres das

<sup>199</sup> Informação escrita concedida por Judite em 10/07/2016. Guarapuava/PR. Arquivo Pessoal.

<sup>200</sup> Disponível em: <[mulheresdaprimavera.blogspot.com/](http://mulheresdaprimavera.blogspot.com/)> Acesso em: 15 mai. 2017.

<sup>201</sup> Conforme informações no site de acesso da PMM: A partir de 1987 a CNBB reconheceu a Pastoral da Mulher Marginalizada (PMM), desenvolvendo um trabalho específico com mulheres em condições de lenocínio e vulnerabilidade; a pastoral existe em cinco regiões do Brasil, sendo 13 Estados e 46 Municípios. Disponível em: <<http://www.pmm.org.br/>> Acesso em: 15 mai. 2017.

<sup>202</sup> Ir. Elizangela Matos dos Santos. Informação concedida em 15/05/2017.

pastorais da Igreja Católica; Ainda assim, a fundadora Judite informou que elas não possuíam conhecimento sobre a existência desta pastoral<sup>203</sup>. Fato que demonstrou o descompasso das políticas assistenciais dentro da igreja Católica, e de certo modo um trabalho autônomo do MMP nas ações diárias com mulheres do bairro em condições de vulnerabilidade<sup>204</sup>, já que não dispunham de instrumentos que partissem das instancias superiores da igreja no Estado do Paraná a não ser que contassem com o apoio da Freira Lia.

Em relação aos recursos financeiros para os eventos, Pamela destacou que apenas o carro de som era pago com o dinheiro da paróquia; os demais materiais eram elaborados com os recursos de promoções realizadas pelo MMP nas dependências da Igreja<sup>205</sup>. De qualquer forma o movimento ficou refém da paróquia, isto é, sem autonomia.

Verificou-se o destaque de Pamela ao trabalho minucioso das mulheres na organização da Romaria da Mulher, enfatizando o quanto elas se preparavam e trabalhavam; a contribuição financeira da paróquia, no entanto, evidenciou o interesse na manutenção das Romarias da Mulher, como sendo um evento da Igreja.

As Romarias da Mulher eram preparadas com base em três elementos: a acolhida, a caminhada e a celebração; estes elementos eram divididos em momentos definidos pelas representantes do MMP, a cada ano, de acordo com a temática que abordavam. Conforme a entrevistada Melody:

Em cada romaria você faz uma reflexão diferente e você procura ter um momento de impacto para chamar mais a atenção da comunidade, e as mulheres que preparam a romaria elas que definem o que, que naquele momento, naquela ocasião está sendo mais gritante, então é o grito das mulheres<sup>206</sup>.

Melody também argumentou sobre o trabalho das mulheres nas Romarias da Mulher, de acordo com Pamela, todavia ela destacou as mulheres na organização do evento e não a Paróquia, pois eram estas que adquiriam uma posição de destaque diante da comunidade; consequentemente, havia a necessidade de abordar temas que chamassem a atenção de um público expressivo na intenção de alcançar visibilidade na comunidade.

---

<sup>203</sup> Judite. Informação concedida em 15/05/2017. Guarapuava - PR.

<sup>204</sup> Em uma das entrevistas Judite conta que após uma das Romarias da Mulher por volta de 2008, ela presenciou uma situação em que um rapaz corria atrás de uma moça com uma faca, e que no impulso ela enfrentou o rapaz armado, dando o tempo necessário para que a moça escapasse, ela seguiu o jovem até a casa de seus pais, contando aos responsáveis a situação, interceptando-o e apelando á força policial para dar conta da situação. O que demonstrou também que as condições de enfrentamento por elas iam além do apoio moral e psicológico o que se torna condição fundamental ás vítimas de violência, mas tornavam-se condições reais de enfrentamento cotidiano, as quais foram expressas nos dados da violência contra mulher no capítulo inicial. Judite. Entrevista concedida em 18/03/201. Guarapuava - PR

<sup>205</sup> Pamela. Entrevista concedida em 10/08/2016.

<sup>206</sup> Melody. Entrevista concedida em 12/02/2014. Guarapuava/PR.

A acolhida era o momento da Romaria em que as mulheres se organizavam para receber os membros da comunidade. É importante destacar que durante o evento, existiam divisões de tarefas entre as participantes do MMP. Algumas arrumavam a mesa com chá, café, bolo e salgados, tudo recebido de doações das mulheres das pastorais, ou que frequentavam vez ou outra o movimento. Outras ficavam responsáveis pela venda de camisetas, outras ainda pela ornamentação do caminhão que conduzia os fiéis durante a caminhada. Importante dizer que apenas as organizadoras do movimento usavam o microfone, desejando as boas vindas e convidando os fiéis a alimentarem-se, ato que elas denominavam de partilha. O que representava a composição das mulheres que compunham a organização do grupo e a situação de liderança dentro da paróquia Nossa Senhora de Fátima.

Na maior parte das Romarias esse momento era realizado nas dependências do salão da paróquia Nossa Senhora de Fátima, sendo este considerado por uma das organizadoras: “o momento mais impactante, assim que a gente deveria pegar todo mundo de surpresa”<sup>207</sup>. Esse era o momento em que elas denominavam de mística, o qual era utilizado também nas reuniões, mas que, de acordo com Ana Terra, nem sempre funcionava<sup>208</sup>.

Dentre as divisões das tarefas, apenas as organizadoras assumiam o compromisso de realizar a mística, e dentre elas, apenas as mulheres que possuíam relação de proximidade à representante Eva. Assim, elas buscavam inserir uma dinâmica que poderia ser uma música, uma poesia, e até mesmo um teatro, utilizados na maior parte das Romarias.

Algumas mulheres que não faziam parte diretamente da organização interna do MMP, ao serem questionadas sobre quais momentos elas consideravam mais importantes na Romaria, responderam que o momento que mais chamava a atenção era o teatro.

Nas peças de teatro, as organizadoras abordavam temáticas relacionadas à mulher diante do contexto familiar e as diversas formas de violência das eram vítimas cotidianamente, o que despertava a atenção das demais mulheres que de forma ou outra as vivenciavam. É possível analisar a maneira pela qual as organizadoras buscavam realizar ações dentro das Romarias da Mulher que tivessem visibilidade, alcançando a conscientização político religiosa da comunidade.

O segundo componente na preparação da Romaria da Mulher era a caminhada no bairro, o que elas denominavam como momento de denúncia. Ao sair do salão da Igreja, uma

---

<sup>207</sup> Ana Terra. Entrevista concedida em 04/10/2016. Guarapuava/PR.

<sup>208</sup> Conforme visitas a reuniões do MMP, observou-se o esforço delas em realizar o que elas denominam mística, o qual ocorria apenas quando as mulheres que faziam parte da comunidade em geral participavam; em reuniões de assuntos considerados por elas mais urgentes, ou que se encontravam apenas as fundadoras e coordenadoras, a mística não era realizada.

das organizadoras segurava o microfone em cima do caminhão de som, orientando as participantes e comentando em relação à temática estabelecida pelo MMP, levando as pessoas a cantar. Sobre as músicas, algumas eram adaptações de letras de canções religiosas, outras de autoria das próprias mulheres do grupo.

Durante a caminhada, paradas estratégicas e pré-determinadas eram feitas, as quais elas consideravam simbolicamente, como *ação de pressão*. Tal estratégia começou com a 3ª Romaria da Mulher, sobre a qual se abordará neste trabalho, a partir do desenvolvimento referente às temáticas específicas do MMP.

O terceiro componente da Romaria da Mulher era a celebração de uma missa, as quais no período de 2004 a 2013, com exceção da 9ª Romaria, que foi realizada no bairro Industrial, foram realizadas em uma chácara de propriedade da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, denominada Chácara São Carlos. Mais um exemplo de dependência das mulheres em relação à Paróquia, o que denota dificuldades do MMP em criar autonomia enquanto movimento social.

Nessa liturgia, realizada na Chácara acima mencionada, o comando das ações, inclusive de determinação das tarefas, partia das mulheres da organização interna do MMP. Segundo Ana Terra, em todas as celebrações “o padre entrava somente na parte da comunhão, quando, diferentemente da comunhão tradicional, o padre e uma mulher grávida realizavam uma bênção em cestas com vários pães. Essa era a comunhão que chamávamos de bênção dos pães”<sup>209</sup>.

Observa-se que Ana Terra destaca que tal momento foi organizado de maneira diferente do modelo tradicional, em que as mulheres grávidas e o padre eram as pessoas que se revestiam, naquele momento, de autoridade para desempenhar ações importantes dentro da celebração como a comunhão e a bênção final. Assim, a simbologia das grávidas, destacada por ela, possuía um significado importante, na medida em que atuavam como ajudante ao lado da figura masculina representando o poder institucional.

Ainda no aspecto das mulheres grávidas, se faz importante analisar uma imagem (FIG.4) de um livro, trazida para o MMP pela Irmã Léia, com o título *A Mulher Trabalhadora Rural*.

---

<sup>209</sup> Ana Terra. Entrevista concedida em 04/10/2016. Guarapuava/PR.

**Figura 4** – Capa da coletânea de materiais dos cadernos de formação da Pastoral da Juventude Rural do Brasil.



**Fonte:** VVAA. *A Mulher Trabalhadora Rural*. Pastoral da Juventude Rural do Brasil, 1995.

A imagem mostra uma figura de mulher grávida, que foi elaborada para a capa de uma coletânea de materiais destinada à formação de jovens, pela Pastoral da Juventude Rural do Brasil, apoiada pelo Conselho Episcopal Latino – Americano (CELAM). O desenho que ilustra a capa apresenta uma mulher grávida, de perfil, tendo na barriga protuberante, desenhando o mapa do Brasil com a inscrição *Terra Livre Brasil*.

O texto maior no cartaz, em forma de poesia diz: *Na ternura de quem gera, na sensibilidade de quem sente, no feminino do nosso corpo ousamos nos desafiar a sermos uma só carne, um só corpo mulheres e homens renascendo de um novo parto para uma nova vida.*

É possível analisar que a utilização desse material, tanto pela figura da mulher grávida, quanto pela poesia, pudesse ajudar a construir, junto às mulheres do MMP, uma força orgânica e política, sob a bandeira de lutas femininas, ou até mesmo, um sentimento de compaixão, fé e luta na colaboração solidária, para isso a simbologia da maternidade era por elas ressignificada como um elemento de valorização das mulheres. O discurso religioso e político utilizado pelas líderes para as mobilizações nas romarias e outras práticas do MMP

fazia parecer às demais mulheres a possibilidade de sua transformação social e econômica, em um mundo complexo e dominado pelos homens. A mística das romarias pode ter funcionado para as mulheres, como uma prática cultural com especificidade de produção de significados e de estruturação de sentidos para as práticas políticas.

No entanto, a imagem da mulher como *ser* que gera vida, de acordo com Maria José Rosado Nunes<sup>210</sup>, é a ideia da maternidade como expressão máxima do respeito à vida humana, defendida por fundamentalistas na defesa incondicional da vida. Esse mesmo sentido da vida também é pregado pela Igreja Católica, quando condena o aborto como negação absoluta da existência e prega que a missão da mãe está ligada à educação dos filhos, para a sociedade e para Deus.

Portanto, é necessária a compreensão de que o lugar social de transformação em que as líderes do MMP inseriram o seu discurso político, mesmo que por vias de uma prática cultural supostamente diferente, foi dentro da própria Igreja, que balizou historicamente o processo de atuação feminina.

Ainda de acordo com Maria José Rosado Nunes, essa prática não é exclusiva do catolicismo, pois: “As religiões têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculino e feminino”<sup>211</sup>.

Ou seja, muito do comportamento contemporâneo em relação a essa questão de gênero, também se compõe de um discurso católico, de construção de um imaginário popular francamente conservador/autoritário/discriminatório.

Em relação ainda às reuniões referentes à primeira Romaria da Mulher, uma das mulheres, professora, que atuava na pastoral operária, chamada Ângela, guardou uma agenda com anotações referentes às pautas de discussões, além de um caderno de formação sindical<sup>212</sup>. Ela também havia participado dos cursos de releitura bíblica com a freira Lia<sup>213</sup>.

Ao verificar as anotações da referida agenda e os conteúdos do caderno de formação sindical, além dos textos de formação (repassados pela freira Lia) de releitura bíblica<sup>214</sup>, foi possível observar o modo como elas utilizaram as temáticas desses materiais a fim de

<sup>210</sup> NUNES, Maria José Rosado. Gênero e Religião. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(2): 256 maio-agosto/2005. p. 363.

<sup>211</sup> NUNES, Maria José Rosado. Gênero e Religião. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(2):256 maio-agosto/2005. p. 363.

<sup>212</sup> *Gênero*. Caderno de Formação Sindical. Sindicato, APP - Sindicato dos trabalhadores em Educação Pública no Paraná (APP).

<sup>213</sup> Ângela. *Agenda do Arquivo Pessoal*. Consultada em 12/10/2016.

<sup>214</sup> VVAA. *Hermenêutica feminista e Gênero*. Centro de Estudos Bíblicos (CEBI). São Leopoldo – RG, 2000.



organizar a estrutura das primeiras Romarias da Mulher. Foi uma apropriação<sup>215</sup> das experiências políticas de organização das três entidades: pastoral operária, sindicato e textos bíblicos, que serviram aos propósitos do MMP.

Foram entrelaçadas as temáticas do caderno de formação sindical com a releitura católica bíblica, ao resumir os principais pontos, elas destacaram as representações femininas das personagens bíblicas, ressaltando as qualidades das personagens: Ester e Judite, que lutaram a favor do povo contra a opressão. É provável que a intenção delas fosse enfatizar a coragem das personagens como um fato histórico no universo religioso, além da valorização das suas atividades, além de, como respaldo histórico, demonstrarem como outras mulheres se sacrificaram na busca de direitos de igualdade.

Nessa perspectiva, a estrutura da primeira Romaria da Mulher foi elaborada a partir de quatro eixos: primeiro o contexto, com uma análise de conjuntura e uma reflexão sobre o significado da data de oito de março, com a finalidade de encorajar as demais mulheres se tornar atuantes, como o exemplo das mulheres da Bíblia; segundo, a alimentação, como um momento de sociabilidade em que as participantes deveriam interagir entre si; terceiro, a teatralização, espaço em que elas denominaram de mística, onde reforçaram o aspecto emocional das participantes, ao relatar o mito das trabalhadoras que morreram queimadas e quarto e último eixo, a musicalidade, utilizando-se de músicas com letras mais politizadas, ao olhar delas, que reforçavam valores de vivência em sociedade.

Dessa forma, ao se analisar o método de organização empregado na 1ª Romaria da Mulher, compreendeu-se o esforço e o interesse que as mulheres envolvidas tiveram em desenvolver um trabalho de autoestima e de politização das mulheres da comunidade. Logo, tornou-se importante retornar a fala da freira Lia, a qual relatou que foi necessário realizar um trabalho de estudo bíblico com as mulheres na comunidade porque:

Umás só ficavam em casa, algumas tinham trabalho fora, trabalho em casa, prestar serviço aqui, prestar serviço ali, só trabalhar. Elas não eram consideradas como pessoas participantes, integrantes e que têm valores no sentido de dar também as suas sugestões e viver na palavra (...) <sup>216</sup>.

---

<sup>215</sup> O termo apropriação é compreendido neste trabalho, de acordo com o conceito de representação em Roger Chartier para o qual “[...] As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalização de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam”. Assim como as representações são construídas, elas também podem ser apropriadas ao longo do tempo, por grupos que transitam o espaço social que em cada presente encontram marcas do passado. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: DIFEL, 2002. p. 17.

<sup>216</sup> Lia. Entrevista concedida em 25/02/2017. Prudentópolis/PR.

A crítica da freira foi a de que as mulheres não se empenhavam em atuar politicamente, apoiando-se na religiosidade. Assim, as primeiras Romarias da Mulher ocorreram também por um esforço religioso, tanto em despertar nas mulheres do bairro uma participação mais efetiva na comunidade, quanto em uma vontade política na formação de um grupo de mulheres que buscavam a reivindicação de direitos, como relataram inicialmente as lideranças do MMP.

Outra fonte analisada foi uma fotografia (FIG. 5) que a fundadora Judite selecionou de um arquivo digitalizado, referente à primeira Romaria da Mulher. De acordo com ela: “muitos materiais foram extraviados, porque algumas mulheres se mudaram, outras foram embora da cidade, e na época, segundo ela, não havia a preocupação em registrar muita coisa”<sup>217</sup>. Essa fala indicou que não havia uma preocupação em preservar uma memória do trabalho que elas realizavam.

Segundo Boris Kossoy, ao analisar uma reprodução de um objeto-imagem de segunda geração, se faz necessário a compreensão que “a reprodução de uma fotografia pelos mais diversos meios, ocorre em função da reprodução do seu conteúdo, fundamentalmente um instrumento de disseminação da informação histórico-cultural”<sup>218</sup>. É importante explorar o destaque dessa fonte por meio da seleção da fundadora.

**Figura 5** - 1ª Romaria da Mulher - Bairro Primavera



**Fonte:** Arquivo do Movimento de Mulheres da Primavera – Guarapuava–Pr. 2004.

A posição escolhida pela (o) fotógrafa (o) foi estar à frente da camionete que carregava a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Destacam-se os detalhes da condução, enfatizando o trabalho de produção das mulheres, os enfeites do carro, carregando a faixa com

<sup>217</sup> Judite. Entrevista concedida em 18/03/2014. Guarapuava – PR.

<sup>218</sup> KOSSOY, Boris. Fotografia & História. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista. p .42.

o escrito: *Maria Modelo de Mulher*. A profundidade espiritual da utilização da imagem sacra representa, para os andantes, um modelo de pureza e santidade, e que - no seu imaginário - está muito distante de ser atingida por eles. Ou, talvez, a representação do modelo de mulher a ser seguido pelas mulheres na comunidade. Nesse sentido, compreende-se a intenção da (o) fotógrafa (o) em registrar, principalmente, o caráter cultural religioso da Romaria da Mulher.

A fotografia também mostra a composição da procissão: atrás do carro alegórico, as crianças seguem à frente dos adultos, tanto homens, quanto mulheres.

Em relação às Romarias, é importante lembrar aqui, conforme já apontado anteriormente, que a Irmã Lia não concordava com aquele formato de Romaria. Na visão dela, o que era para ser uma caminhada política, se transformou em uma procissão religiosa. Segundo ela, “quando me mostraram as fotos eu quase desmaiei de susto eu dizia o que, como puderam fazer com isso? Isso daí já foi cooptação”<sup>219</sup>. Percebe-se que as organizadoras sentiram certo orgulho do trabalho realizado; ao mostrar as imagens para a freira, esta compreendeu a ação como um direcionamento machista do padre a fim de desmobilizar as práticas das mulheres.

A 2ª Romaria da Mulher ocorreu no dia 06 de março de 2005, sob o tema “*Mulheres e Homens, renascendo de um novo parto para uma nova vida*”. Nota-se que, por meio da temática elas procuraram enfatizar um tom de igualdade entre homens e mulheres, simbolizando um novo começo de vida. A participação dos homens em um evento organizado por mulheres foi entendida, a partir das entrevistas, como um fator importante de congregação, por um lado, e, por outro, de chamá-los às suas responsabilidades políticas e sociais perante a comunidade em que estavam inseridos, além de chamá-los como parceiros para suas iniciativas.

Nessa Segunda Romaria, as mulheres também convidaram para dar uma maior expressão à caminhada, além dos homens, as mulheres de uma cooperativa de costureiras de um bairro próximo, nominado de Bairro Boa Vista em Guarapuava, popularmente conhecido como Bairro Xarquinho. Assim, nessa Romaria elas observaram a importância da participação de outra comunidade com a finalidade de dar um maior destaque e visibilidade à sua organização.

Um desses textos estudados pelas mulheres sob a coordenação da Irmã Léia abordava um método de análise de reconstrução histórica, sociológica e antropológica de textos bíblicos, para se interpretar a identidade feminina. Uma questão que se impôs foi: como seria o rosto de Deus? Como a mulher pode se enxergar nesse rosto? É possível inferir que Irmã

<sup>219</sup> Lia. Entrevista concedida em 25/02/2017. Prudentópolis/PR.

Lia conduziu o debate para um rosto de Deus, como sendo também feminino. Conforme Neiva Furlin<sup>220</sup> foi na segunda fase da teologia feminista que as mulheres utilizaram a proposta da teologia da libertação, tendo o objetivo de fazer releituras da bíblia que resgatassem a imagem feminina de Deus. Apesar de perceberem que haviam produzido uma feminização da teologia, foi o momento em que conheceram melhor o pensamento feminista na América Latina e no mundo. Compreendeu-se, dessa forma, que a admiração que algumas das representantes do MMP possuíam pela Teologia da Libertação, como se observou no capítulo anterior, foi em grande parte, influência dos estudos da religiosa Lia sob a teologia feminista.

Portanto, com base na teologia feminista, nessa segunda Romaria, as líderes do MMP tentaram reforçar suas lutas em busca de um equilíbrio entre homens e mulheres.

A 3ª Romaria da Mulher realizou-se no dia 06 de março de 2006, e foi organizada com o tema: *O fogo matou o corpo, mas da chama ressurgiu a luta das mulheres*. Percebe-se que nesta temática elas procuraram rememorar a história da 1ª Romaria ao destacar o elemento do fogo, e voltaram a focar no encorajamento das mulheres. De acordo com a descrição em ata, o ponto mais importante da organização foi o momento de reflexão “sobre os anseios das mulheres, encenação de mulheres discriminadas, que foram acolhidas novamente pela sociedade”<sup>221</sup>.

Apesar da 1ª Romaria situar um modelo de mulher a ser seguido, nesta 3ª, todavia, a preocupação foi amparar as mulheres não aceitas na sociedade. A descrição não informou sobre a discriminação, entretanto, como foi analisado anteriormente na fala da entrevistada Pamela, “as mulheres dignas de serem chamadas de mulheres, seriam as mulheres da classe trabalhadora”, além do que a própria rememoração remete a essa temática.

Outra característica observada é a ideia de morte e renascimento, denotando uma proposta de fortalecimento das mulheres, com a finalidade de incentivá-las a agir, nos vários espaços da sociedade, bem como na comunidade.

A 4ª Romaria da Mulher realizou-se em 10 de março de 2007, com o tema *Feminino em Ação, gerando uma nova nação*<sup>222</sup>. Percebe-se que foi a partir dessa temática que elas começaram a utilizar o termo ação. De acordo com o registro feito por elas, sobre os momentos mais significativos nessa Romaria, destacam-se dois: a ênfase à *preservação*

---

<sup>220</sup> FURLIN, Neiva. *Teologia Feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico*. Revista de Estudos da Religião. V. 11, n°. 1 2011. Disponível em: [Parte superior do documento](#) Acesso em: 16 abr. 2017.

<sup>221</sup> Ata n° 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava/PR. 2009, p. 01.

<sup>222</sup> Idem.

*ambiental* e uma atenção mais efetiva para famílias com filhos que sofriam com dependência química.

As organizadoras (líderes do MMP) descreveram a *Quarta Romaria da Mulher* como um importante momento de avanço político. A frase que expressava isso, transcrito da ata foi “apresentado um passo mais ousado com as comunidades e a cidade através do Projeto Político”<sup>223</sup>. Até o ano de 2008, ano da eleição da vereadora Eva (já referenciada neste trabalho), o projeto que passou que a se denominar *Projeto pelo Bem Comum*, era chamado até então de Projeto Político<sup>224</sup>.

Ressalta-se ainda que o momento fosse propício e uma oportunidade única para que o Pe. Sécio apresentasse o seu próprio Projeto Político, usando de forma indireta o grupo de mulheres, fazendo parecer que fosse um projeto da comunidade. Obviamente que ele apoiou o nome de Eva, que foi a pessoa indicada pelo MMP.

É possível compreender que, os primeiros resultados políticos do que as representantes denominam de ações do MMP, começaram a aparecer em 2008, ano de eleição e que teve uma de suas líderes, a candidata Eva, como vereadora da cidade de Guarapuava, representando o bairro Primavera. Assim, uma das primeiras manifestações do grupo e da própria comunidade foi no sentido de exigirem melhorias para o seu bairro, como forma do que elas consideraram como ação direta e de pressão junto ao Poder Público Municipal. Análise esta que o presente estudo passará a realizar por meio das temáticas abordadas nas Romarias da Mulher e no denominado Encontro das Mulheres que Lutam e Sonham. Este encontro foi realizado através do mandato da vereadora no período compreendido entre 2009 e 2012.

### 2.3 O feminino como agente de pressão: das ações às reivindicações (2008-2012)

A 5ª Romaria da Mulher foi realizada no dia 09 de março de 2008, com o tema: *Lutar em defesa da vida, sem medo de ser mulher*<sup>225</sup>. Os principais momentos foram lembrados pelas organizadoras do MMP por meio das apresentações de cenas de vida e morte, além da ocasião do que elas descreveram como: “agradecimento por mulheres que se preocupam em ser exemplo de coragem, luta e dedicação, mulher, mãe esposa, idosa, companheira

<sup>223</sup> Idem.

<sup>224</sup> A frase também chamou a atenção, porque foi a partir daí que se começaram as discussões sobre política partidária, e, ao mesmo tempo, sobre a escolha de um nome para candidata a vereadora. Segundo Francisco Fernandes Marinho<sup>224</sup>, o nome de Eva só foi apresentado à comunidade em agosto de 2007. Até porque a Romaria, com apoio da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, era o acontecimento que mais chamava a atenção dos moradores do Bairro Primavera e dos bairros vizinhos.

<sup>225</sup> Ata n° 01 do *Movimento de Mulheres da Primavera*. Guarapuava/PR, 2009. p. 02.

trabalhadora, tal mãe tal filha... mulheres na política”. Percebem-se como novamente elas utilizaram os termos vida e morte sob a responsabilidade das mulheres, ou seja, era sobre mulheres reais as quais elas se dirigiam, mulheres de carne e osso.

Todavia, referente às ações mais importantes do MMP destacadas nas entrevistas, é significativo o apontamento em que todas elas evocaram como ação desempenhada pelo grupo, a denominada ação de limpeza do rio, que é popularmente conhecido como Rio Xarquinho<sup>226</sup>, o que esteve em destaque em um dos folhetos da campanha eleitoral da vereadora<sup>227</sup>. Entretanto, ao ser perguntado se haveria alguma imagem referente a esta ação, elas responderam que não havia nenhuma imagem desse momento.

Assim, por meio do folheto de distribuição da campanha eleitoral, encontrou-se uma imagem, provavelmente uma cópia da foto de uma das integrantes do MMP, referente ao que elas destacaram como uma das ações mais importantes do grupo. Desse modo, analisa-se o registro (FIG. 6):

**Figura 6** – Imagem das mulheres do *MMP* no dia em que foi realizada a limpeza do Rio Xarquinho.<sup>228</sup>



**Fonte:** Informativo de Campanha Eleitoral – Eleições 2008

<sup>226</sup>De acordo com a informação disponível nos mapas do Conselho do Plano Diretor de Guarapuava-Concidade, a terminologia correta é: Bacia hidrográfica do Rio Cascavel. Disponível em: <<http://concidade.com.br>>. Acesso em 21 mai. 2017.

<sup>227</sup> Informativo eleitoral, eleições 2008. Guarapuava – PR.

<sup>228</sup> O informativo não forneceu a data exata de realização desta ação e as entrevistadas também não souberam dizer a data. A imagem não é nítida por se tratar de um Xérox do folheto que uma das integrantes do MMP disponibilizou inicialmente, ao pedir novamente o folheto para que a imagem fosse digitalizada, esta respondeu que não sabia mais onde estava o folheto.

Observa-se na figura 6, que o foco da (o) fotógrafa (o) esteve voltado somente para as mulheres do grupo, onde a candidata Eva se sobressai à frente das demais mulheres, levantando a mão direita com o punho cerrado, em um gesto de vitória. Isso também pode ser interpretado como uma apropriação cultural da simbologia feminista, ou de grupos políticos de esquerda na luta contra o que chamam de opressão. Contudo, uma das entrevistadas relatou que a fotografia foi de um momento em que o MMP realizava uma ação em conjunto com a Escola Municipal Abílio Fabriciano de Oliveira – Bairro Primavera e com o Colégio Estadual Professora Dulce Maschio - Bairro Boa Vista. Interessante notar que essa parceria não foi relatada pelas demais entrevistadas, o que causou a impressão de que foi um ato exclusivo do MMP.

Outro caso relativo a esta ação foi relatado no jornal Guará Notícias, no ano de 2004, em que os membros da Igreja Católica denominada: Verbo Divino, Guarapuava – PR, com motivação a partir da Campanha da Fraternidade do referido ano, teriam realizado um projeto de ação com demais entidades como Rotary Clube, Comitê Gestor do Programa Fome Zero,<sup>229</sup> Associação de bairros e Diocese de Guarapuava<sup>230</sup>. A ação pareceu um ato em defesa das causas populares, em que foi modificado o nome de um rio que corta o bairro Boa Vista, popularmente conhecido como bairro Xarquinho, Rio Cascavelzinho, que foi denominado de Rio Xarquinho.

Ainda de acordo com o folheto, fonte da análise da imagem acima, a proposta de campanha assumia compromissos como a criação de uma casa, denominada *Casa da Cidadania*, que seria um local descrito como destinado a uma extensão do gabinete da vereadora, para atender a problemas dos bairros do interior e urgentes<sup>231</sup>.

As promessas de campanha focaram na elaboração de projetos de políticas públicas às comunidades do interior, tais como segurança, geração de renda, compromisso com a pastoral da criança, elaboração de leis, fiscalização do executivo, o que é atividade obrigatória de todo vereador, facilidade no relacionamento entre contador e contribuinte, diminuição de carga tributária dos contabilistas e a garantia da participação da sociedade civil. Promessas destinadas a atender o grupo de contatos próximos e/ou aliados à vereadora<sup>232</sup>.

Passado o período das eleições, no ano de 2009, a então vereadora assumiu o mandato. No dia 08 de março, foi realizada a 6ª Romaria da Mulher com o tema: “Sei o meu

<sup>229</sup> O Comitê Gestor do Fome Zero teve destaque da entrevistada Giovana, no capítulo 1, a qual relatou que foi devido a essa organização que as mulheres começaram a surgir como grupo no bairro Primavera.

<sup>230</sup> Disponível em: <<http://www.guaranoticias.com.br/noticias/ler/id/3925/projeto-o-rio-cascavelzinho-pede-socorro>>. Acesso em 21 mai. 2017.

<sup>231</sup> *Jornal Informativo de Campanha Eleitoral – Eleições 2008*.

<sup>232</sup> Idem.

valor, acredito nas mulheres”. Os acontecimentos realçados pelo grupo foram o reconhecimento do empenho de homens e mulheres, descrito como “comprometidos com a justiça social e caminhando com o Deus da vida”, na campanha eleitoral do Projeto pelo Bem Comum e da considerada atitude das mulheres da comunidade em adotar o Rio Xarquinho, reforçando também o comprometimento das mulheres do MMP, na participação da campanha<sup>233</sup>.

Logo, a *sexta* Romaria da Mulher, tornou-se um evento comemorativo das eleições, em que a vereadora se colocou enquanto representante das mulheres da cidade de Guarapuava-PR, por meio do cargo de vereadora, representante da Igreja Católica através do Projeto do Bem Comum, e das mulheres do MMP, enquanto membro do que elas consideravam um movimento social.

A partir daí a vereadora criou mecanismos de divulgação de atividades que exercia enquanto tal, como um *site* exclusivo com o nome da vereadora<sup>234</sup>, e um jornal informativo - semestral em parceria com a paróquia Nossa Senhora de Fátima, denominado Informativo pelo Bem Comum, o qual destacava eventos ou funções exercidas por ela, durante o mandato. O primeiro exemplar informava sobre a criação do espaço da casa da cidadania, uma das promessas de campanha, descrito como uma casa de propriedade da vereadora, tendo a finalidade de realizar cursos à comunidade<sup>235</sup>. Os cursos foram realizados em parceria com outras instituições; de acordo com o jornal, a casa se mantinha com 20% do salário da vereadora, destinados à compra de materiais de limpeza. Esta casa passou a se tornar sede do MMP, momento em que as organizadoras do grupo passaram a coordenar a atuação da vereadora, assim como o mandato de Eva passou a validar o MMP o que se tornou para elas uma via de mão dupla<sup>236</sup>.

Outra ação do MMP em parceria com o mandato da vereadora, importante a fim de compreender a influência nas posteriores Romarias da Mulher, e as ações do MMP, foi a realização do 1º *Encontro das Mulheres que lutam e sonham*. Esse encontro passou a ser adotado uma vez por ano, através do mandato da vereadora, destinado a reunir mulheres da

---

<sup>233</sup> Ata nº 01 do *Movimento de Mulheres da Primavera*. Guarapuava/PR, 2009. p. 02.

<sup>234</sup> O site não se encontra mais ativo na rede.

<sup>235</sup> Um dos cursos em destaque foi realizado em parceria com o programa Universidade Sem Fronteiras da Unicentro - Guarapuava - PR e com a Secretaria de Ciência Tecnologia e Ensino (SETI), que financia instituições públicas e privadas, tendo a finalidade de patrocinar projetos, conforme informações da Universidade Estadual do Centro - Oeste Unicentro: “em áreas consideradas estratégicas, ou seja, aquelas que privilegiam os municípios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM, bem como os bolsões de pobreza das periferias das cidades paranaenses”. Disponível em: <http://www2.unicentro.br/proec/usf/>. Acesso em 22 mai. 2017.

<sup>236</sup> Informativo pelo Bem Comum: pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher. *Jornal Informativo do mandato da vereadora Eva* (PHS). Ed. 02 jul/dez. 2009. Guarapuava - PR.



cidade; realizava-se, no entanto, nas dependências do salão da paróquia Nossa Senhora de Fátima, o que direcionava a participação das mulheres do bairro.

A seguir, será analisado o primeiro folheto (FIG.7) elaborado pelas coordenadoras do MMP com o objetivo de amparar o cargo da vereadora e chamar a atenção das mulheres à participação do 1º Encontro das mulheres que Lutam e Sonham, na intenção de validar o cargo da vereadora, enquanto representativo, fortalecendo-o assim, por meio da participação das mulheres.

**Figura 7** – Folheto do 1º Encontro das mulheres que Lutam e Sonham, realizado pelo mandato da vereadora Eva.



**Fonte:** Arquivo do Movimento de Mulheres da Primavera.  
Guarapuava - Pr, 21/11/2009.

Destaca-se no folheto, a imagem da mulher empoderada, carregando a bandeira do movimento feminista, bem como o uso da cor lilás porque, que de acordo com Pamela, “o lilás, não é nem rosa nem azul, então ela é uma cor que não é nem de menino nem de menina, ele é um lilás, já para lembrar a luta feminista”<sup>237</sup>.

<sup>237</sup> Pamela. Entrevista concedida em 11/10/2016. Guarapuava – PR.

O objetivo, a partir desse momento, foi o de expressar a atuação das organizadoras do MMP bem como do mandato da vereadora, como mulheres atuantes de um movimento feminista. Contudo, ao apresentar as palestrantes, o assunto é anunciado como sendo “*relativos ao papel da mulher no mundo de hoje*”, observa-se o a mensagem de um grupo se coloca tanto em uma conotação feminina como feminista. Conforme a Sempre Viva Organização Feminista (SOF):

Para nós, não existe uma separação ou hierarquia entre um movimento de mulheres e um movimento de feministas. É a partir de um forte movimento de base, popular, do campo e da cidade que poderemos construir uma prática feminista que seja parte das lutas por mudanças<sup>238</sup>.

Dessa forma, se compreendeu que foi como grupo representante da bandeira feminista, que as organizadoras do encontro se respaldaram, a fim de apresentar às mulheres, figuras do âmbito político como, por exemplo, a presidente do Partido dos Trabalhadores PT: Gleisy Hofmann e a líder do Sindicato de Trabalhadores da Educação Pública do Paraná: (APP – Sindicato) Janislei Albuquerque.

De acordo com o *Jornal do Bem Comum*: “o encontro reuniu 450 mulheres de diversos bairros da cidade e de outros municípios da região e refletiram sobre a história da luta e da discriminação das mulheres e sobre o direito de aposentadoria para as donas de casa”<sup>239</sup>. A discussão referente à aposentadoria das donas de casa foi também um dos fatores que pode ter colaborado na participação do número expressivo da participação de mulheres no evento, o que de certa forma, se tornou uma estratégia das representantes no MMP em reforçar a atuação do cargo da vereadora.

Assim, foi possível analisar a 7ª Romaria da Mulher, realizada no ano de 2010, com a seguinte temática: *Seguiremos lutando até que todas sejam ouvidas*.<sup>240</sup> Este tema se mostrou semelhante ao utilizado na Terceira Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres (MMM): *Seguiremos em Marcha até que todas sejam livres*<sup>241</sup>.

A MMM foi realizada em 2010 e teve a participação de três mil mulheres no Brasil, que marcharam entre as cidades de Campinas – SP e São Paulo, com base em: “quatro

<sup>238</sup> *Seguiremos em Marcha até que Todas Sejam Livres*. Publicação da SOF. São Paulo, junho de 2014. p. 14. Disponível em: <<http://www.marchamundialdasmulheres.org.br>>. Acesso em 24 mai. 2017.

<sup>239</sup> Informações pelo Bem Comum: pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher. *Jornal Informativo do mandato da vereadora Iva (PHS)*. Ed. 02 jul/dez. 2009. Guarapuava – PR.

<sup>240</sup> Ata nº 01 do *Movimento de Mulheres da Primavera*. Guarapuava/PR, 2009. p. 05.

<sup>241</sup> *Seguiremos em Marcha até que Todas Sejam Livres*. Publicação da SOF. São Paulo, junho de 2014. p. 14. Disponível em: <http://www.marchamundialdasmulheres.org.br>. Acesso em 26 mai. 2017.

campos de ação: Trabalho e autonomia econômica das mulheres; Violência contra as mulheres; Bens comuns e serviços públicos; e Paz e desmilitarização”<sup>242</sup>. Pelo menos três das primeiras temáticas e abordagens, passaram a ser utilizadas como bandeiras do MMP a partir desse período.

Observaram-se dessa maneira, como as organizadoras do MMP utilizaram nesta Romaria, algumas simbologias que se aproximaram aos campos de ação da MMM. O primeiro ato descrito em ata<sup>243</sup> destacou a entrada de um caixão e uma mulher acorrentada a ele, com a seguinte frase colada: *a nossa luta é pela libertação das mulheres*.

No segundo momento, elas utilizaram mais uma vez a imagem de um útero com a frase: *o homem deixa o machismo e a mulher deixa o silêncio*. O terceiro ato foi descrito por meio da entrada de mulheres que simbolizaram o fogo e a fábrica. No quarto momento, elas reforçaram a simbologia do pão e da mulher grávida, que desta vez dialogava com o homem, destacando que a mulher representava o fermento da massa. No quinto ato, entrou uma das mulheres levando uma cadeira de rodas, lembrando a lei Maria da Penha, momento que elas descreveram como lembrança do tema da quinta romaria: *lutar em defesa da vida, sem medo de ser mulher*. Finalmente, no sexto momento, entrou uma mulher com o símbolo da casa da cidadania e a expressão: *coisas que desvalorizam a mulher: músicas, propagandas e mídia em geral*<sup>244</sup>. Após a celebração em formato de missa, a cerimônia contou com um momento de ação de graças preparado pelo grupo de mulheres do Quilombo da comunidade Paiol de Telhas<sup>245</sup>.

Considerou-se, através do enfoque que o MMP deu através da sétima Romaria da Mulher, a maneira como elas buscaram trazer a rememoração referente às Romarias anteriores relacionando-as ao enfoque do Movimento Feminista, na intenção de demonstrar a importância e legitimidade da organização delas.

Em relação ao encerramento dessa Romaria, Melody comentou:

[...] elas dançaram a dança delas lá, as mulheres negras vestidas de preto tocando os tambores tal, daí foi o momento de ação de graças e cantavam as músicas dos quilombolas e tal, e aí o pessoal assim, achou que eram, aquelas danças de candomblé, sarava de não sei o que, *dentro da missa* (ênfase na voz).<sup>246</sup>

<sup>242</sup> Idem.

<sup>243</sup> Ata nº 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava/PR, 2009. p. 04 á 06.

<sup>244</sup> Ata nº 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 04.

<sup>245</sup> Idem.

<sup>246</sup> Melody. Entrevista concedida em 12/02/2014. Guarapuava – PR.

Melody relatou sobre a maneira preconceituosa como algumas pessoas da igreja criticaram o ritual, uma vez para eles era inaceitável que outras configurações religiosas se manifestassem dentro da celebração religiosa na Romaria da Mulher. Melody lamentou o ocorrido, porém na visão dela, o objetivo do MMP era contar como as mulheres se expressavam em outras culturas. A entrevistada acrescenta que, apesar das críticas, elas conseguiram o objetivo de mostrar que aquelas mulheres também tinham uma história e que era uma tradição, assim como elas acreditavam na tradição delas, se referindo ao catolicismo; o objetivo delas era o de celebrar juntas.

É possível observar que, na tentativa de inserção de outros elementos culturais, em um espaço delimitado pela religiosidade católica, abordando o assunto dos denominados papéis da mulher na sociedade, os mesmos são incompreendidos por parte do (a)s fiéis da paróquia Nossa Senhora de Fátima, à medida que não se identificaram como tais. No entanto, Melody colocou o grupo como o principal agente, na busca de inserir novos elementos na defesa das mulheres, capazes de tirar as vendas dos olhos das pessoas que participavam da igreja.

Outro fato importante a se observar durante o ano de 2010 foi a candidatura da vereadora Eva ao cargo de Deputada Estadual. De acordo com Cláudio<sup>247</sup>, a diocese abraçou a campanha naquele período, o padre Sérgio havia realizado um trabalho com vários padres, visitando várias paróquias e havendo até uma carta de apoio a candidatura de Eva Schran de Lima e de Leonardo Valenga aos cargos de Deputados Estaduais, que foi recomendada pelo Bispo Dom Wagner à comunidade católica guarapuavana<sup>248</sup>. Ainda de acordo com o entrevistado, havia no P.H.S. um combinado de que o candidato que fosse eleito a vereador não poderia se reeleger, então, ela saiu candidata à Deputada Estadual, obtendo o total de 4.831 votos; <sup>249</sup> essa votação, no entanto, não foi suficiente para eleger a candidata, mas apesar disso, o momento, segundo Cláudio, foi muito importante para o crescimento do P.H.S., pois ganhou apoio de outros empresários destaques da cidade de Guarapuava – PR.

Nesse sentido, compreendeu-se que na visão do entrevistado, não foi o MMP o principal motivador na atuação política de Eva, mas a principal influência no sucesso da vereadora foi o apoio da Igreja Católica.

---

<sup>247</sup> Cláudio Cesar Andrade. Entrevista concedida em 24/01/2017. Guarapuava – PR.

<sup>248</sup> Em relação à recomendação do bispo, questionou-se às representantes do MMP e aos líderes do PHS se algum deles havia guardado a carta; no entanto, as mulheres responderam que não; um dos líderes do partido destacou que teve conhecimento sobre a carta, porém não tinha guardado. Foi possível perceber com isso que algumas atitudes da Igreja são valorizadas por elas em determinados momentos, e outras não merecem tanta importância.

<sup>249</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/politicos-brasil/2010/deputado-estadual/>>. Acesso em 26 mai. 2017.

No ano de 2011 o MMP realizou quatro reuniões para discutir a organização da 8ª Romaria da Mulher. Na primeira reunião o destaque foi que: “[...] foi feita a discussão sobre o tema da Romaria que deverá envolver o tema da campanha da fraternidade, e outros, como: mais política para as mulheres, a imagem da mulher no carnaval, manifestação por melhorias no bairro [...]”<sup>250</sup>. Notou-se que, nesta Romaria, elas observaram a necessidade em enfatizar de maneira direta os assuntos, relacionados à Igreja; no entanto, o direcionamento continuou se focando politicamente em prol das mulheres e do bem estar da coletividade.

Com base no tema da campanha da fraternidade: *Fraternidade e a vida no Planeta*, o MMP definiu a temática da 8ª Romaria como: *Mulher e Terra: vidas que geram vidas*<sup>251</sup>. Observou-se que os apelos em defesa tanto da mulher quanto da natureza, ocorreram em torno da simbologia da maternidade como parte da essência feminina, através de discussões que foram feitas de acordo com a descrição em ata, após leituras referentes aos significados de ecofeminismo e Mulher e Terra<sup>252</sup>. Conforme Neiva Furlin<sup>253</sup>, as temáticas sobre o ecofeminismo e a relação Mulher e Terra foram características da terceira fase de produção da teologia feminista para a qual, Ivone Gebara definiu: “O movimento ecofeminista defende a posição de uma relação estreita entre a exploração e a submissão da natureza, das mulheres e dos povos estrangeiros pelo poder patriarcal”<sup>254</sup>. Assim, a proposição da ruptura com as relações de gênero, para a autora, seria baseada na lógica binária, pois considera que, da mesma forma que a mulher, a natureza também foi tratada por meio dos princípios da hierarquia e dominação patriarcal.

Nessa Romaria da Mulher ocorreu também a organização de outra ação lembrada nas entrevistas, como uma das ações mais importantes para a comunidade, conforme a entrevistada Judite: “teve uma das romarias que nós plantamos os lírios e reclamamos da avenida, dos buracos, e é claro que jamais vão dizer que é por isso que foi atendido, mas nós fomos atendidos”<sup>255</sup>. O ano de 2011 era também o terceiro ano do mandato da vereadora Eva, quando o MMP precisou se mobilizar a fim de mostrar à comunidade que a atuação da vereadora se fazia limitada pelo poder Executivo. Como não elegeram a candidata à Deputada Estadual e receberam críticas referentes ao mandato, esses fatos foram comentados em uma das reuniões do MMP às vésperas das eleições do ano de 2010:

<sup>250</sup> Ata n° 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 08.

<sup>251</sup> Ata n° 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 09.

<sup>252</sup> Idem.

<sup>253</sup> FURLIN, Neiva. Teologia Feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. *Revista de Estudos da Religião*. v. 11, n°. 1 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br>> Acesso em: 16 abr. 2017.

<sup>254</sup> GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de Mulher*. Coleção mulher: tema atual. São Paulo: Paulinas, 1994.p.6.

<sup>255</sup> Judite. Entrevista concedida em 18/03/2014. Guarapuava – PR.

[...] dizem que como vereadora não está fazendo muita coisa, mas é porque não entendem a função do vereador, a intenção é de que como vereadora não consegue benefícios, porque a maioria aceita a imposição do prefeito, mas como Deputada, ela consiga trazer mais benefícios<sup>256</sup>.

Foi por meio da oposição ao prefeito Fernando Ribas Carli, que elas encontraram uma maneira de chamar a atenção e situar-se no âmbito das reivindicações junto aos moradores. Assim, como movimento de mulheres, elas necessitavam legitimar ações de resistência dando visibilidade a essas ações. Dessa maneira, em uma das reuniões em preparação a essa Romaria, elas destacaram também a participação da imprensa<sup>257</sup>.

Em um roteiro de preparação à 8ª Romaria da Mulher<sup>258</sup>, a caminhada foi marcada por meio de uma parada estratégica, em frente a uma placa de propaganda da prefeitura, referente a obras em uma das principais avenidas do bairro; a parada foi descrita como ato simbólico, em que um dos participantes colocou um pano preto em cima da placa com uma faixa escrita *O bairro Primavera não quer placas e sim obras*<sup>259</sup>. Enquanto a placa era coberta com o pano, tocava-se como fundo musical *Cidade abandonada*<sup>260</sup>. Além da crítica aos buracos no asfalto do bairro, que foi lembrado pelas entrevistadas pelo ato de plantar lírios no final da Romaria, outros assuntos de reivindicação foram abordados por elas e inclusive pelo padre, descrito como um dos comentaristas do ato. Os assuntos foram: a reivindicação pela construção de uma escola Estadual<sup>261</sup>; a falta de uma delegada na delegacia da mulher a fim de atender a casos de violência doméstica; o acesso à saúde pública de qualidade; os gastos da arrecadação do município com obras e a falta de creches. Este último assunto foi também considerado pelas entrevistadas como uma das principais ações do MMP de pressão ao poder público mais importante no auxílio à comunidade.

<sup>256</sup> Ata nº 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 06.

<sup>257</sup> Ata nº 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 08.

<sup>258</sup> Roteiro da 8ª Romaria da Mulher. Arquivo do MMP, concedido por Judite em 28/09/2016.

<sup>259</sup> Idem.

<sup>260</sup> Idem.

<sup>261</sup> De acordo com um jornal local de propriedade da família Mattos Leão, no ano de 2013 foi realizada a licitação para a construção de obras do Colégio Ieni Jacob Marlene, gasto estimado em R\$ 3,9 milhões. No entanto em 2015, o Tribunal de Contas do estado do Paraná (TCE-PR) suspendeu a construção da escola, devido à suspeita de corrupção de superfaturamento da obra. Disponível em: <http://www.guaranoticias.com.br/noticias/ler/id/16398/>. Acesso em 27 mai. 2017. Disponível em: <http://folhacentrosul.com.br/regioes/8459/obras-superfaturadas-em-duas-escolas-sao-suspensas-pelo-tribunal-de-contas-do-parana>. Acesso em 27 mai. 2017.

Em relação à visibilidade da ação, foi possível analisar uma matéria no jornal *Diário de Guarapuava*<sup>262</sup> que a jornalista: Scheyla Horst evidenciou os atos da 8ª Romaria, realizados em forma de protestos, o que ela considerou uma passeata, destacando como pontos mais importantes das reivindicações a produção de um abaixo-assinado solicitando mais vagas nos centros Municipais de educação infantil, além do ato direcionado à infraestrutura do bairro Primavera, em que a jornalista descreveu sobre o pano que cobriu a placa do anúncio de obras da prefeitura e os lírios plantados nos buracos das ruas do bairro.

Após a realização da 8ª Romaria da Mulher, a primeira reunião do grupo de mulheres aconteceu no dia 21/04/2011, quando duas das organizadoras, Ana Terra e Pamela, 28 e 26 anos, respectivamente, conduziram o assunto sobre *relação familiar: Homem e Mulher*, no qual falaram sobre a construção de um discurso histórico de dominação masculina sobre as mulheres e o papel da igreja católica nesse processo. De maneira geral, elas colocaram desde a visão das mulheres como deusas na Grécia, como pecadoras pela igreja, como mão de obra necessária a partir do século XVIII até o surgimento dos movimentos feministas<sup>263</sup>.

Assim, foi possível compreender que a inserção do MMP em uma postura direcionada ao movimento feminista, principalmente após a 7ª Romaria da Mulher ocorreu, principalmente, por influência das representantes Ana Terra e Pamela, as quais no período eram acadêmicas dos cursos de graduação de Pedagogia e Jornalismo, respectivamente, estando mais próximas, portanto, das discussões a respeito das questões que envolviam as mulheres em contextos sociais para além dos bancos religiosos. No entanto, o próprio envolvimento do grupo com a igreja fez com que elas se focassem dentro desse campo de atuação, a fim de não desperdiçar a própria legitimidade do discurso de fundação.

Nessa reunião também foi destaque uma mobilização a ser realizada, na qual elas deveriam se dividir entre o calçadão da rua XV de novembro e em frente ao terminal da Estação da Fonte com o objetivo de coletar assinaturas em um abaixo-assinado, pedindo creches para o Município de Guarapuava.

No jornal *Diário de Guarapuava* foi encontrado um pequeno texto com a manchete: *Mulheres em ação*. A matéria chamou a atenção para a mobilização das mulheres no dia 17/11/2011 na arrecadação de assinaturas na Praça Nove de dezembro, destinadas às creches; até aquele momento o montante contava com mais de três mil nomes<sup>264</sup>.

<sup>262</sup>HORST, Sheila. Movimento de Mulheres organiza abaixo assinado pedindo vagas em Cmeis. *Jornal Diário de Guarapuava*, 19 a 20 de março de 2011. p. 04. Guarapuava – PR.

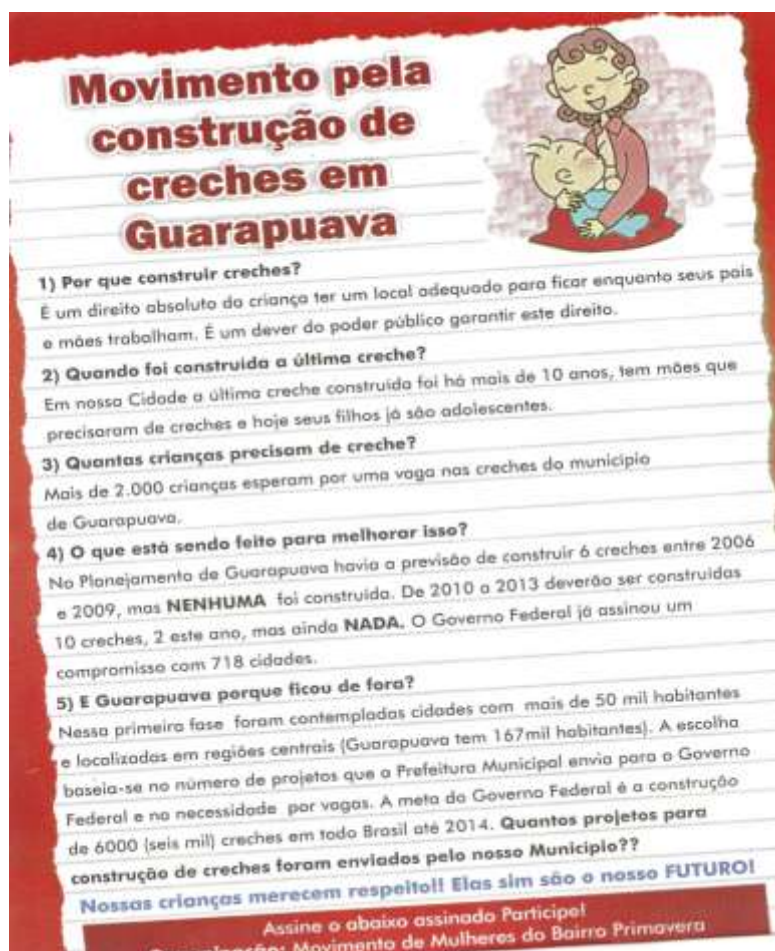
<sup>263</sup> Ata nº 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 10.

<sup>264</sup> Mulheres em ação. *Jornal Diário de Guarapuava*. 19 a 20 de novembro de 2011. p. 12. Guarapuava - PR.



Entre fotos e materiais de estudos arquivados pelas representantes do MMP, encontrou-se um panfleto elaborado por elas utilizado na coleta de assinaturas de reivindicação na construção de creches, o qual será analisado a seguir (FIG. 8):

**Figura 8** – Panfleto de coleta de assinaturas do abaixo assinado para a construção de creches em Guarapuava<sup>265</sup>



Fonte: Arquivo do *Movimento de Mulheres da Primavera*.

O panfleto chamava à atenção, na medida em que abordava a necessidade da construção de creches e a necessidade de cobranças a serem feitas pelo cidadão através do Poder Público Municipal. Observou-se que apesar de utilizar o nome do MMP, as cores do panfleto foram destacadas em vermelho e branco e não na cor lilás, utilizada pelo grupo na maioria das vezes. Havia naquele momento, recursos do Governo Federal, que por meio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (P.T.)<sup>266</sup>, havia sancionado no ano de 2010 a lei do Programa de Aceleração do Crescimento, PAC 2, disponibilizando portanto, verbas para a

<sup>265</sup> Elaborado pelo *Movimento de Mulheres da Primavera*, em 2011.

<sup>266</sup> Partido que em Guarapuava que, na época, fazia coligação com o P.H.S., partido da vereadora Eva.



construção das creches<sup>267</sup>. No entanto, o Poder Público Municipal de Guarapuava ainda não possuía projeto referente à construção de creches na cidade naquele período.

Outra conquista atribuída ao MMP foi o encaminhamento de um ofício<sup>268</sup>, com as assinaturas de um abaixo-assinado mandado por Judite, endereçado à Gleisy Hoffmann, Ministra-chefe da Casa Civil, em 16/04/2012. Judite fez questão de expor esse ofício a fim de mostrar o empenho delas na realização desta ação. Em 29/06/2012, Judite recebeu a resposta<sup>269</sup>, sobre a possibilidade da construção de creches, conforme o Programa de aceleração do Crescimento PAC2 do Governo Federal e orientando a representante do MMP para a solicitação de adesão ao programa, o qual era destinado aos municípios em todo o país.

O ano de 2011 ficou marcado também para o MMP, como o ano em que as representantes mais se envolveram com a União Brasileira das Mulheres (UBM), além da responsabilidade da organização da 1ª Conferência Municipal dos Direitos da Mulher, em que elas trouxeram a presença de Terezinha Pereira Beraldo, Secretária da Secretaria de Políticas para as Mulheres de Maringá<sup>270</sup>.

A 9ª Romaria da Mulher foi realizada no ano de 2012, último ano do mandato da vereadora Eva, a temática da Romaria foi *Mulheres e homens juntos pelo equilíbrio*<sup>271</sup>. Um dos destaques desta Romaria foi à apresentação de um teatro de uma trabalhadora que tinha dificuldades para estudar. Ela se envolveu com as lutas das pessoas da comunidade e acabou morrendo em uma tragédia, por morar em condições não ideais. Assim, a filha assume a luta, passando ideia de que a luta continua e ela ressurge na próxima geração<sup>272</sup>. A ênfase que elas procuraram repassar com o teatro foi o ideal de comunidade, reforçando o sentimento de união entre as mulheres.

Essa Romaria foi realizada em parceria com as mulheres que atuavam nas pastorais da Igreja São Pedro do Bairro Boa Vista<sup>273</sup>, local que foi o destino da caminhada. No segundo momento da Romaria, com a chegada ao Bairro Boa Vista, elas dedicaram-se a discutir sobre o hino da campanha da fraternidade, o qual tinha como tema *Fraternidade e a Vida no*

<sup>267</sup> Disponível em: <[www.fn.de.gov.br](http://www.fn.de.gov.br)>. Acesso em 28 mai. 2017.

<sup>268</sup> Ofício nº 1001/ Gab-C. Civil/PR. Presidência da Casa Civil. Brasília, 16 de abril de 2012.

<sup>269</sup> Ofício nº 501/2012- GABIN/PRESIDENCIA/FNDE/MEC. Brasília, 29 de junho de 2012.

<sup>270</sup> Ata nº 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 16.

<sup>271</sup> Ibid. p. 18-19.

<sup>272</sup> Entrevista de Ricardo Almeida no documentário: *8ª Romaria da Mulher*. Realização: Movimento de Mulheres da Primavera. Edição e Imagens: Cléber Molleta e Luãn José Vaz Chagas. Data de produção 06/03/2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h5VR9Tu7klw&feature=youtu.be>>. Acesso em: 21 out. 2016.

<sup>273</sup> O bairro localiza-se na PR 466. A distância a pé entre o bairro Primavera e o bairro Boa Vista é de aproximadamente 35 minutos com aproximadamente 2,8 km de distância.

*Planeta*<sup>274</sup>; foi realizada uma crítica em relação ao descaso das políticas públicas por uma das representantes do MMP. Após a preparação desta Romaria, elas reuniram-se com a finalidade de avaliar a organização do evento.

Discutindo sobre os pontos positivos e negativos da Romaria, avaliaram positivamente a divisão de tarefas entre elas e negativamente os momentos das encenações, além do formato da Romaria, uma vez que este, conforme a descrição em ata, não seria suficiente para atingir o público de outros bairros. Outro ponto descrito por elas como negativo, foi a abordagem do tema debatido pela igreja; na conclusão delas, para as próximas Romarias as temáticas deveriam se concentrar em temas que tivesse mais relação com o cotidiano<sup>275</sup>.

Posteriormente, elas se reuniram a fim de propor a segunda etapa de encaminhamento dos objetivos e ações do MMP, o qual se destinou no ano de 2012 a cumprir entre janeiro e março. Pensaram-se na organização e expansão da 9ª Romaria da Mulher nos meses seguintes, de abril a junho e como objetivo foi definido a participação da mulher em cargos de poder e decisão. De julho a setembro o foco se estabeleceu em abordar a autonomia financeira, e, de outubro a dezembro, a violência contra a mulher<sup>276</sup>.

Assim, foi possível analisar o modo pelo qual o MMP procurou alcançar o objetivo da expansão da 9ª Romaria da Mulher, no último ano de mandato da vereadora. A intenção do MMP foi atingir um público para além do bairro Primavera. Porém, ao repensarem e avaliarem a organização da Romaria da Mulher, uma característica que transpareceu nas discussões a respeito das temáticas foi à tentativa de algumas das representantes em repensar a vinculação de temáticas relacionadas à igreja. No entanto, como observado anteriormente, a configuração do grupo não permitiu essa separação, o que limitou as próprias ações denominadas pelo grupo como ações de pressão ao Poder Público, mas delimitadas pelo poder institucional da Igreja Católica.

Nesse sentido, ao observar a maneira como o MMP definiu os objetivos para o 2º semestre de 2012, foi possível, a partir do capítulo 3, analisar como elas buscaram alcançá-los, na medida em que o grupo de mulheres procurou traçar não mais ações denominadas por elas de enfrentamento ao Poder Público, mas de inserção na possibilidade de participação deste, o que tornou possível a candidatura da então vereadora Eva ao cargo de vice-prefeita de Guarapuava, naquele ano.

---

<sup>274</sup> Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/cnbb/hino-da-cf-2012/>> Acesso em: 17 out. 2016.

<sup>275</sup> Ata nº 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 23.

<sup>276</sup> Idem.

Este fato será analisado a seguir, em consequência de como se deu a organização da 10ª Romaria da Mulher, dentro dos limites do recorte temporal desta pesquisa. Essa Romaria foi considerada uma das mais polêmicas organizadas pelas mulheres do *MMP*.

A análise utiliza, por fim, principalmente das entrevistas no processo de compreender como as representantes do *MMP* se veem, se como militantes do que consideram conceitualmente como feminismo, ou se são usadas politicamente para fins específicos partidários.

### Capítulo 3

#### AS MANEIRAS DE SER E PERTENCER A UM GRUPO DE MULHERES

O MMP pode se configurar, como já exposto anteriormente, como um movimento social para alguns estudiosos; as entrevistadas, isso fica claro na pesquisa, se sentem participantes de um movimento social, algumas acreditam que este movimento tenha um viés feminista e/ou religioso. Contudo, a questão que se coloca é como um movimento social poderia continuar a sê-lo se assume um estatuto de ONG, uma candidatura e um mandato na câmara municipal e na vice-prefeitura? Este capítulo aborda tais questões no sentido de analisar a construção do percurso do MMP nas redes de relações de poder que se estabelecem no campo da política no município de Guarapuava e de como as participantes entrevistadas rememoram este processo; pretende verificar também a percepção subjetiva de cada uma sobre o MMP como movimento feminista na cidade.

Neste capítulo, portanto, serão analisadas as motivações que levaram a representante do MMP, a Vereadora Eva (P.H.S.), a realizar em 2012, parceria político/partidária com o candidato a prefeito, o qual vem de um dos referidos grupos políticos de famílias tradicionais da cidade de Guarapuava: Cesar Augusto Carollo Silvestri Filho (P.P.S.) e a compor com este, o cargo na Prefeitura. Neste capítulo também será observada a maneira como se estruturou a temática e organização da 10ª Romaria da Mulher e suas repercussões. Por fim, este estudo analisa algumas das entrevistas das mulheres que atuaram como participantes no MMP, a fim de compreender o modo pelo qual elas se identificaram com o grupo, e como se compreenderam como atuantes daquele movimento feminista, e como cada uma das entrevistadas se compreende ou não como feminista. Afinal, a atuação, seja desejada ou convocada, está no centro das definições culturais e históricas do feminismo.

#### 3.1 Uma aliança partidária sob as relações de poder<sup>277</sup>

Conforme visto no capítulo 1, a inserção e a eleição como vereadora de Eva Schran de Lima se deu especialmente pela defesa do Projeto denominado de Projeto do Bem Comum. Segundo a entrevistada, esse projeto só seria passível de aplicação em um partido político

---

<sup>277</sup>O conceito de poder é compreendido por meio da perspectiva de Foucault, definido no bojo desse texto de uma maneira abrupta, pois o conceito envolve inúmeras possibilidades de ações dos sujeitos envolvidos, assim coloca-se o poder como uma relação de forças que se encontram em todos os espaços sociais, gerando tensões. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.p. 50-60.

como o P.H.S.: “Porque eu vi nesse partido a possibilidade de não ter que me submeter a um coronel ou um mandatário, como ocorre em outros partidos ”<sup>278</sup>.

A despeito do que a vereadora disse em relação à submissão aos ditames coronelistas, o que se observou na sequência foi uma contradição, não só dela claro, mas do MMP como um todo, em virtude da aliança que estabeleceram com a família Silvestri, uma das mais tradicionais famílias de políticos que se alternam no poder no município, ao longo de décadas, juntamente com as famílias: Carli e Mattos Leão. Assim, o então candidato a prefeito Cesar Augusto Silvestri Carollo Filho (PPS) viu na aliança com o P.H.S. e com a vereadora Eva como sua candidata a vice, uma possibilidade eleitoral imperdível. Isso acabou se configurando na sua eleição em outubro de 2012.

Ao ser indagada sobre as ações concretas que ela teria realizado no cargo de vereadora em parceria com os partidos PT e PC do B, Eva respondeu que foi “a oposição ao prefeito Fernando Ribas Carli, juntamente com o vereador do PT”, na época Antenor Gomes de Lima. Ou seja, a principal exercício dela como vereadora foi realizar o compromisso de ser oposição. Ainda de acordo com ela, o P.H.S. fez muitas reuniões de formação com o PC do B, mas chegou um momento em que o presidente do P.H.S., falou que apenas o seu partido poderia representar o Projeto do Bem Comum<sup>279</sup>. Assim, o PC do B parou de participar do processo de formação e das discussões políticas de alianças.

Em 2012, as mulheres do MMP se sentiram traídas pelo P.H.S., principalmente por dois motivos: primeiro, por não serem mais convidadas para participar das reuniões do partido; segundo, quando descobriram que Vitor Hugo Zanette, à época reitor da Unicentro e filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), tinha sido convidado a participar das reuniões do PHS, com vistas a sair candidato a vice-prefeito de Cesar Augusto Silvestri Carollo Filho. Ou seja, sentiram que o Projeto do Bem Comum, por elas concebido, naquele momento tinha sido apropriado por pessoas que, histórica e ideologicamente não comungavam de seus princípios fundadores<sup>280</sup>.

Percebe-se que, quando da elaboração do Projeto do Bem Comum, o mesmo era tido como um projeto da comunidade, e não mais do MMP, ou de qualquer partido político. Porém, no momento em que o projeto passou a chamar a atenção de outros grupos políticos, e elas perceberam que o estava perdendo, o projeto voltou a ser associado novamente como

---

<sup>278</sup> Eva. Entrevista concedida em: 28/05/2014. Guarapuava/PR.

<sup>279</sup> Eva, Movimento das Mulheres da Primavera. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava/PR.

<sup>280</sup> Eva, Movimento das Mulheres da Primavera. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava/PR.

sendo delas. Afinal, conforme as entrevistadas, para eleger Eva vereadora, foram elas que trabalharam a ideia do projeto na sua origem.

Outro fato que merece ser observado, conforme Eva é o de que Vitor Hugo Zanette, naquele período, já possuía proximidade com a família Silvestri, o que levava o nome dele, a ser uma das maiores possibilidades de escolha do grupo Silvestri. Ela apontou que a escolha em favor do candidato Cesar Augusto Silvestri Carollo Filho, teria sido uma pressão que ocorria dentro do próprio partido, e não uma escolha individual dela.

De qualquer forma, pode-se imaginar também, que o processo de inclusão das mulheres no mundo da política guarapuavana, necessariamente, passou pelo binarismo de gênero, através de representações que mantiveram, ou ainda mantêm a ideia que política é coisa de homem<sup>281</sup>.

De acordo com Judite, foi aí que elas se decepcionaram com o P.H.S., que só teve visibilidade depois de assumirem o projeto delas. Segundo ela, “quando foi para tomar a decisão nas eleições, os homens se reuniram com grandes grupos a portas fechadas, então, foi um momento que elas discutiram, e se tinha alguém que tinha a pauta feminina e precisava estar lá, era a Eva e não os homens”. Foi então que elas decidiram falar e convencer o candidato Cesar a admitir Eva como sua candidata a vice. Ressalte-se que elas fizeram isso sem consultar Eva, e que foi uma ação de decisão coletiva<sup>282</sup>.

No bojo desse processo todo, segundo Claudio, houve uma corrida dos partidos atrás de Eva. O P.H.S. foi procurado pelo P.T., pelo partido de Fernando Carli e pelo próprio Silvestri. Isso porque a vereadora: “fez um mandato realmente bem diferenciado, dos outros vereadores e que credenciou o P.H.S. em uma posição de destaque”<sup>283</sup>. Na visão do entrevistado, foram os líderes dos demais partidos que procuraram o P.H.S.

Já na visão de um dos líderes do PC do B no período: Lisandro, a escolha do nome de Eva por parte de Cesar Augusto Silvestri Carollo Filho, era uma escolha natural, pois,

[...]Por ser vereadora, e estar à frente desse movimento de mulheres que havia se expandido pela cidade, já tinha no bairro Morro Alto, já tinha outros bairros da cidade, sim não foi uma escolha do PHS, o PHS apresentou os nomes, a escolha foi da família Silvestre, eles que fizeram a opção pelo vice, é assim que as oligarquias funcionam (risos)<sup>284</sup>.

<sup>281</sup> Como observa Joan Scott sobre a ideia de que a alta política fosse apenas à esfera do masculino, contudo trata-se na generificação do discurso, no qual se projeta a dicotomia de gênero na política. SCOTT, J. Gênero... Op. Cit.

<sup>282</sup> Judite, Movimento das Mulheres da Primavera. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava/PR.

<sup>283</sup> Cláudio. Entrevista concedida em 24/01/2017. Guarapuava, PR.

<sup>284</sup> Lisandro. Entrevista concedida em 31/01/2017. Guarapuava, PR.

Segundo Lisandro, a escolha e interesse da vereadora ao cargo de vice-prefeita partiu do próprio grupo Silvestri, em consequência da influência do MMP em outros movimentos de mulheres na cidade. Além do mais, porque quem mais fazia oposição contra o prefeito Fernando Ribas Carli, naquele período, era o movimento de mulheres. Outra consequência, segundo o entrevistado seria o fato da pressão feita por elas para construção das creches. Para Lisandro, o Candidato Cesar Silvestri Carollo Filho “deu um belo de um torniquete em todo o movimento de mulheres, ele simplesmente engessou aquela oposição que tinha ao Carli”<sup>285</sup>.

Ao perguntar à Eva sobre a reivindicação do MMP e a luta pela construção das creches, ela respondeu que, no período de 2011, a presidenta Dilma mandou uma resposta em relação às creches e o município precisava dar uma contrapartida, que seria a doação de terrenos, o que foi feito pelo Prefeito Fernando Carli. Todavia, em alguns terrenos desapropriados não havia condições de construir, então, segundo a entrevistada, “depois o Cesar teve que adequar os terrenos, e as obras ainda estão em andamento”<sup>286</sup>.

Observou-se que até o momento em que a vereadora fazia oposição ao Governo Municipal, a não construção das creches era colocada como má vontade administrativa, no entanto, após assumir o cargo de vice-prefeita, a falta de conclusão das obras foi justificada através dos erros da administração anterior.

Em uma matéria no *jornal g1.globo.com*<sup>287</sup>, em 15/03/2015, a denúncia era que até aquele período, a construção do total das dez creches ainda não tinha se efetivado, e ainda algumas obras estavam paradas, causando prejuízos às construções já realizadas. Em resposta, a prefeitura Municipal de Guarapuava, informou que o fato ocorreu porque o Governo Federal não havia mandado verbas destinadas à construção.<sup>288</sup> Por seu turno, os representantes do prefeito Cesar Augusto Silvestri Carollo Filho, ao não realizarem as obras, jogaram a culpa no Governo Federal do P.T., por não repassar as verbas, como dito na matéria. Já Eva, agora no

---

<sup>285</sup> Idem.

<sup>286</sup> Eva, Movimento das Mulheres da Primavera. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava/PR.

<sup>287</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/videos/v/dez-creches-estao-com-obras-paradas-em-guarapuava/4036088/>>. Acesso em 31 mai. 2017.

<sup>288</sup> No entanto, de acordo com Lisandro, em 2011 o governo federal havia anunciado a construção das 10 creches, em Guarapuava, mas o governo não chegou e depositar todo o valor; a verba era liberada conforme a obra acontecia, então havia algumas justificativas técnicas da prefeitura em relação aos terrenos, e as obras foram atrasando; a prefeitura deixava de alimentar o sistema, aonde o sistema era alimentado com pagamentos corretamente, como o caso de uma creche do Planalto, conforme ele: “A GTA, do vereador Germano Toledo Alves é da família, ele abandonou a obra, ele não, desculpa, (risos) a GTA abandonou a obra da Vila Planalto”. De acordo com ele, a obra foi abandonada com 97% do pagamento realizado. Lisandro. Entrevista concedida em 31/01/2017. Guarapuava, PR. Notou-se que ao contrário de Eva, o entrevistado, destacou as falhas na construção das creches por parte da prefeitura, e principalmente por uma das empreiteiras de um dos vereadores que pertencia a família do prefeito Cesar Silvestri.

poder, colocou a responsabilidade na gestão anterior, embora enquanto vereadora, o PT era um dos partidos que fazia coligação com ela, além da vereadora ter um bom relacionamento com a senadora Gleisy Hoffman, do PT; foi por meio dela que o pedido referente às creches teria sido encaminhado à Presidenta Dilma.

Voltando à questão do P.H.S. ter escolhido apoiar Silvestri em 2012, Eva disse que a escolha do referido candidato se deu em função do seu partido, ideologicamente, se aproximar mais do P.P.S. do que do P.T. Nesse sentido, outra pergunta se fez necessária: por que ela não continuou a aliança com o P.T.? Já que, como vereadora, ela atuou na oposição em conjunto com o partido. Ela disse que o sonho delas, do MMP, era criar uma terceira via com o P.T., e acrescenta:

Quase avançamos na ideia, pois apesar do presidente do PHS ter cogitado a coligação do partido com o Partido Popular Socialista (PPS), de Cesar Silvestri, eu e o MMP ainda éramos as mandatárias dentro do PHS”. Tentamos a terceira via, porém, na última hora, o PT decidiu sair com o PMDB porque era um partido mais forte financeiramente<sup>289</sup>.

Em uma entrevista do ano de 2012, Eva destacou e comentou o relato do presidente do P.H.S., em relação a este episódio:

Nós queremos ser cabeça de chapa. E o P.T. também veio dizendo: nós queremos ser cabeça de chapa. (Claudio) Eles não dialogaram e, assim, as forças foram divididas. E nós fomos com um grande grupo e, provavelmente, eles também irão com um grande grupo. Por isso digo: nós estamos em baixo do braço deles (Eva)<sup>290</sup>.

Embora Eva tenha destacado que, naquele período, elas eram as mandatárias do partido, na entrevista de 2012, ao relatar sobre a divisão de forças entre o P.H.S. e o P.T., a noção que se passou do grupo foi de impotência, na qual elas teriam que seguir as determinantes majoritárias no partido. No entanto, apesar de Eva ter colocado em 2012 que a união entre os partidos não ocorreu pela falta de diálogo, em 2017, ela assumiu que a aliança não ocorreu devido às condições econômicas, motivo principal que levaria o enfraquecimento da campanha eleitoral de ambos.

Outro fato comentado por ela na entrevista concedida no ano de 2017, em relação ao partido foi: “eu não achava que a gente viria com o grande grupo, que afinal toda a nossa

<sup>289</sup> Eva, Movimento das Mulheres da Primavera. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava/PR.

<sup>290</sup> AUGUSTO, Daniel Cirilo. Eleições, grupos de poder e partidos políticos: Considerações sobre a Geografia do voto no município de Guarapuava/PR. *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, v.7, n.19, p. 51-72, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.observatorium.ig.ufu.br>>. Acesso em 20 fev. 2017.



história era de ser uma política pelas beiradas e não essa política de grandes grupos e éramos contra”<sup>291</sup>. Ela disse ainda que chegou a desistir da política, mas o partido cobrou o fato de ela ser a mandatária e pediu para que ao menos ela colocasse o seu nome à disposição.

Segundo o Presidente do P.H.S. na época, Cláudio Cesar Andrade, ele colocou quatro nomes à disposição da escolha do candidato Cesar Silvestri para candidatos a vice: o dele mesmo – Cláudio Cesar Andrade - da vereadora Eva Schran de Lima, o de Vitor Hugo Zanette e o de Madalena Nerone. No entanto, como que se contradizendo, ele relata que não seria necessariamente o P.H.S. beneficiado na escolha como partido, mas o candidato da família política Silvestri, Vitor Hugo Zanette. Aliás, é importante destacar também que Zanette já tinha sido filiado ao PMDB, mas sem voz dentro daquele partido, se filiou ao P.H.S., por influência da Família Silvestri. Claro, não somente por isso, mas também por seus projetos pessoais de ascensão política.

Na esteira de todo aquele processo, ocorrera um fato importante, segundo Cláudio para o andamento da escolha do vice de Silvestri: a interferência do Padre Sécio, na véspera do dia da definição do nome para o cargo, que ligou para o pré-candidato Cláudio e pediu para que ele desistisse da candidatura, porque a candidata da Igreja tinha que ser a Eva.

Segundo Cláudio, no dia seguinte ao aviso do padre, “houve uma reunião a portas fechadas, na casa do Bispo Dom Wagner, da qual participou ele, o padre, o bispo e o senhor Cesar Augusto Silvestri Carollo Filho”, na qual o candidato a prefeito falou que o cargo a vice sairia do P.H.S. Disse ainda o entrevistado Cláudio:

Eu estava lá a fim de saber quem seria a pessoa indicada, foi nesse momento que o bispo olhou para mim e disse: “O senhor não me leve a mal, mas o senhor não é um leigo engajado na Igreja, então a nossa preferência, não leve a mal é a Eva”<sup>292</sup>.

No relato de uma escolha política entre quatro homens: um líder de partido, um padre, um bispo e um dito coronel, que em muito se assemelha aos novelescos contos do período oligarca no Brasil, a fala de Cláudio é colocada como se a decisão de escolher a primeira mulher ao cargo de vice-prefeita da cidade estivesse ainda, nas mãos do sistema patriarcal na cidade de Guarapuava - PR. No entanto, compreendeu-se que a formação da aliança partidária entre Eva Schran de Lima e Cesar Augusto Silvestri Carollo Filho, tenha sido uma conquista do MMP em que pela primeira vez foram consideradas como sujeitos políticos, levadas a

---

<sup>291</sup> Eva, Movimento das Mulheres da Primavera. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava/PR.

<sup>292</sup> Cláudio. Entrevista concedida em 24/01/2017. Guarapuava, PR.

condição de disputa eleitoral, e não uma decisão exclusiva dos homens como relatou Cláudio, o qual não admitiu o protagonismo das mulheres do MMP nesse processo.

É importante ainda fazer um parêntese e destacar que, desde que a Câmara Municipal de Guarapuava se instalou, em 1853, a primeira mulher candidata ao cargo de vereadora em Guarapuava foi Alba Keinert somente em 1951, a qual teve a derrota justificada pelos jornais da época com a fala de que a política seria uma competência não feminina, e que a mulher ao trabalhar fora, fugia de suas obrigações como dona de casa, além do mais, não dava conta de cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos<sup>293</sup>. Finalmente, em 1976, foi eleita a primeira mulher vereadora de Guarapuava, a Sra. Carmem Isidoro<sup>294</sup>.

Ao ser perguntado sobre como foi que as mulheres do MMP, (algumas usaram o termo: *intimaram*) conversaram com o candidato a prefeito, a fim de inserir a vereadora na campanha, uma das entrevistadas mostrou uma foto daquele momento, com cerca de cinco mulheres do MMP mais próximas da vereadora abraçando o candidato em frente à paróquia Nossa Senhora de Fátima. Ela disse que o encontro ocorreu após a missa, em frente à igreja<sup>295</sup>. Porém, ao pedir a foto, elas relataram não saber quem a guardou.

No dia 10 de outubro de 2012, o MMP recebeu<sup>296</sup>, em suas dependências, a então vereadora, agora eleita vice-prefeita, na coligação denominada Aliança para o Progresso, juntamente ao então Deputado Estadual Cesar Augusto Silvestri Carollo Filho, os quais receberam 51.425 votos, tendo o dever de cumprir o exercício do mandato de 2013 a 2016<sup>297</sup>.

Nesta reunião, a então Vice - Prefeita foi parabenizada pelas mulheres do MMP pela conquista do cargo e pela representação que fez do grupo de mulheres, nos quatro anos de vereança e pela defesa do Projeto do Bem Comum. Eva aproveitou a ocasião e relatou sobre uma visita que fez à Ministra da Casa Civil e Senadora Gleisy Hoffman, a qual sugeriu que, como vice-prefeita, ela criasse um corpo técnico para agilizar o recebimento de recursos federais e para elaboração de projetos<sup>298</sup>.

Assim, definiu-se entre elas, que no quarto Encontro de Mulheres que Lutam e Sonham, trariam a então prefeita de Campo Mourão, Regina Dubay para falar da importância da criação de uma Secretaria da Mulher no município. Além disso, organizaram uma

<sup>293</sup> VICENTIN, Sonia Antonovicz; HEROLD JUNIOR, Carlos. O Corpo da docência: a mulher e a construção do ensino normal em Guarapuava (1930-1960). Guarapuava: UNICENTRO, 2012. p. 102 a 107.

<sup>294</sup> Disponível em: <<http://www.correiodocidadao.com.br/guarapuava/representatividade-feminina-e-de-apenas-duas-vereadoras/>>. Acesso em 01 jun. 2017.

<sup>295</sup> Ana Paula. Entrevista concedida em 08/06/2016. Guarapuava, PR.

<sup>296</sup> Ata n° 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 26.

<sup>297</sup> Disponível em: <<http://maringa.odiario.com/eleicoes-2012/2012/10/guarapuava-cesar-silvestri-filho-e-eleito-prefeito-para-o-mandato-2013-2016/608158/>> Acesso em: 02 jun. 2017.

<sup>298</sup> Ata n° 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 26.

campanha denominada “16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher”, a ser realizada a partir do dia 20 de outubro, em que elas organizariam 16 dias de atividades, em parceria com a Associação Comercial de Guarapuava – ACIG. Também fariam uma ação com a Organização da Sociedade Civil – OSC, com um abaixo-o assinado solicitando a vinda de uma delegada para prestar atendimento à delegacia da mulher; com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná; com o clube Soroptimista; com a Faculdade Guairacá e com a Igreja Católica. Todos seriam parceiros para dar visibilidade à pauta da violência contra as mulheres e para justificar a criação de uma Secretaria da Mulher em Guarapuava.

Nesse sentido, se compreendeu que a atitude do MMP em inserir a representante delas na atuação de vice- prefeita ocorreu por meio de negociações políticas que serviu tanto aos interesses da família Silvestri, ganhando uma aliada que possuía certa visibilidade diante as ações de resistência, quanto aos interesses da Igreja Católica, que colocava no poder uma representante leiga. Servia também aos interesses do próprio MMP que, enquanto se autodenominou como movimento social, a partir de 2009, utilizou-se das Romarias da Mulher, bem como das nominadas ações de resistência, a fim de chamar a atenção da população guarapuavana, para a situação de opressão vivenciada pelas mulheres na sociedade e, com isso, ganhar a atenção do público feminino na possibilidade de conquistar votantes.

No entanto, foi por meio da participação do Estado que elas visualizaram a possibilidade de buscarem a solução na tentativa de conquistas de políticas públicas no bairro, o que contradiz a estratégia do grupo enquanto agente de pressão. Contudo, de acordo com Ilse Scherer-Warren<sup>299</sup>, as mobilizações e/ou movimentos que atuam em redes são multiformes e aproximam atores diversificados dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores.

Também ficou evidente que os papéis privados das mulheres encontraram uma cidadania que lhes resiste, mas que foram progressivamente conquistando. Para se entender o lugar das mulheres no espaço público, se faz necessário ver uma política embrenhada nos lugares, através das imagens, palavras, frentes de lutas, resistências e contradições. Há que se perceber os deslocamentos das fronteiras.

### 3.2 A 10ª romaria da mulher: aquela que é posta sob as cores do arco-íris

---

<sup>299</sup> WARREN, Ilse Scherer. Dossiê Movimentos Sociais. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Soc. estado*. vol.21 n.1 Brasília Jan./Abr. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922006000100007>> Acesso em 21 abr. 2017.

A 10ª Romaria da Mulher marcou para o MMP, os dez anos de realização e organização das caminhadas. No dia 10/03/2013 foi realizada a 10ª Romaria com o tema *Direitos da Mulher na lei e na Vida: 10 anos de historia*.

Às vésperas da preparação desta Romaria, uma das organizadoras propôs que o nome da Romaria fosse modificado para marcha ou caminhada, no sentido de que o evento fosse aberto a outras denominações religiosas, conforme a freira Lia as teria orientado. Porém, dentro da própria organização, elas descreveram a preparação de um momento exclusivamente dedicado ao lema da campanha mundial da fraternidade, que naquele ano foi “Fraternidade e Juventude”.

Ou seja, mesmo que a mulher tivesse tido êxito em seu pedido de mudança, de Romaria para caminhada, elas não se desvincularam do religioso que, desde a fundação do MMP foi o efeito mais sensível. No entanto, como se observou no caso do MMP a religiosidade e o político foram valores que se fundiram.

Esta Romaria da Mulher contou com um momento importante para seus objetivos, que foi a encenação de uma dança na qual os adolescentes cantaram o hino da campanha da fraternidade do ano de 2013 <sup>300</sup>. Não diferente do evento de 2009, esta também teve uma conotação comemorativa, em que elas fizeram um bolo para comemorar os 10 anos da Romaria da Mulher, além de prestar homenagem à freira Léia, a quem o MMP nominou como a grande responsável pelo surgimento do grupo.

A Romaria teve a colaboração de muitos participantes das pastorais das paróquias São Pedro e Dom Bosco, além de outras pastorais e do movimento de mulheres do Bairro Alto da XV, as quais carregaram uma faixa alusiva ao seu movimento de mulheres. O café da manhã foi servido nas dependências do salão da Igreja Nossa Senhora de Fátima e teve a realização de um teatro, que abordou a trajetória de mulheres que eram donas de casa, que estudavam e estavam sujeitas aos mais variados tipos de violência, desde a psicológica até a física. Este teatro, conforme descrição das entrevistadas tentou mostrar simbolicamente a opressão que a mulher sofre que, em alguns casos a leva à morte <sup>301</sup>.

Naquela Romaria, as mulheres do MMP organizaram um círculo com as crianças, em um campo de futebol, em que cada uma entrava com um *banner*, lembrando as temáticas anteriores. Ao final, entrou uma das participantes do movimento, conforme figura 9 a seguir, que, de acordo com elas, representava Têmis, a deusa da justiça da mitologia grega.

---

<sup>300</sup> Ata n° 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 29.

<sup>301</sup> Ata n° 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 29

**Figura 9** - 10ª Romaria da Mulher: Direitos da Mulher na lei e na Vida - 10 anos de história <sup>302</sup>.



**Fonte:** Arquivo: Karina de Fátima Visentin Bochnia.

A imagem da mulher negra simbolizando deusa Têmis – aquela que é posta, ou colocada - com a balança da Justiça, foi uma das mais representativas do evento <sup>303</sup>. Conforme Pamela, “a ideia foi justamente utilizar uma deusa negra, para simbolizar os últimos dez anos em que nós avançamos na conquista de direitos para todas as mulheres, mas ainda precisamos avançar muito mais” <sup>304</sup>. Naquele momento, foi preciso chamar a atenção das mulheres para a imagem de Deus relacionada à forma feminina, diferente do modelo mariano, utilizado anteriormente.

Importante observar que na foto, a deusa profana Têmis colocou de um lado da balança, placas relacionadas aos direitos conquistados pelas mulheres nos últimos anos, como, por exemplo, a Lei Maria da Penha, e, do outro lado, direitos que ainda precisavam ser conquistados. O cinto com as cores do arco-íris, segundo elas, simbolizava as cores do movimento: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTTT).

Ainda observando a figura 9, vê-se que logo atrás estavam colocados os *banners* em que elas procuraram valorizar a organização, por meio das temáticas das Romarias anteriores.

<sup>302</sup> Chácara São Carlos, Guarapuava PR, 10/03/2013.

<sup>303</sup> A palavra “Têmis” vem do verbo grego tithénai e significa *estabelecer como norma*, donde a lei divina ou moral, a justiça, a lei, o direito (em latim fas), por oposição à [...] (nomos) lei humana; a balança carregada por Têmis indica o equilíbrio das forças desencadeadas, correntes antagônicas, a ponderação e imparcialidade da justiça, já a espada significa a capacidade de exercer o poder de decisão da justiça e o rigor da condenação. GABOARDI, Ediovani A. Os significados ocultos da deusa da justiça. *Revista Pragmateia Filosófica* - Ano 2 – n. 1 - Out. 2008 - ISSN: 1982-1425. Disponível em: <[www.nuep.org.br/site/.../rev-pragmateia-v2-n1-out-2008-os-significados-ocultos](http://www.nuep.org.br/site/.../rev-pragmateia-v2-n1-out-2008-os-significados-ocultos)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

<sup>304</sup> Pamela. Entrevista concedida em 11/10/2016. Guarapuava – PR.

Nota-se que foi a partir do ano de 2009 que os símbolos e as cores utilizadas nos banners se aproximaram de simbologias utilizadas pelo movimento feminista, como a união das mulheres, a Marcha Mundial das Mulheres, o que elas denominaram como incentivo a uma autonomia das mulheres.

Outra característica observada na Romaria foi à abordagem utilizada por elas, a fim de relembrar e até mesmo informar as mulheres das conquistas já efetivadas, além da inclusão da luta pela equidade de gênero. Assim, foi possível compreender que, já na intenção de se conquistar uma Secretaria Municipal da Mulher, seria necessário que o grupo se firmasse e fosse reconhecido como movimento, e não apenas um grupo que compactuava com o modelo de mulher representado pelo conservadorismo católico. Desde sua fundação as mulheres do MMP vivenciaram um processo social, histórico, político e religioso no qual tomaram da consciência da necessidade de reafirmar espaços e direitos conquistados pelas mulheres ao longo da história.

O uso da vestimenta de deusa Têmis foi um dos fatos que gerou polêmica entre a comunidade católica na preparação desta Romaria; conforme Elaine, ao pedir patrocínio a uma das mulheres que atuavam nas pastorais da Igreja Católica, a qual era dona de uma loja de tecidos, esta lhe respondeu de forma preconceituosa, lhe dizendo que não seria conivente com “esse tipo de coisa”. De acordo com Elaine, ela sentiu que a ofensa na resposta dada foi tanto pelo fato da sua cor ser preta, quanto pelas cores que ela pediu para o cinto. Elaine disse ainda que lembrava bem das palavras ofensivas a ela dirigidas, mas que não sentia mais vontade em repeti-las<sup>305</sup>. Conforme Judite narrou, foi uma situação muito triste para elas, “pois a mulher que ofendeu Elaine levantava a bandeira do movimento pró - vida, sempre que ela precisava falar ou se manifestar na igreja, elas sempre a apoiavam e não imaginavam que uma pessoa como ela, que estava sempre na igreja poderia agir daquela forma”<sup>306</sup>.

O assunto em apoio à causa LGBT não foi mencionado pelas representantes do MMP durante a Romaria, no entanto, o uso das cores do arco-íris no cinto, e a representação da deusa negra, foram causa de discussões antes da Romaria da Mulher entre algumas pessoas que atuavam nas pastorais da Igreja. Conforme Marcela,

Teve uma mobilização ridícula da liderança da Igreja que se posicionou contra a Romaria, fez comentários maldosos, para não dizer outra coisa a respeito, e tanto é que eles pressionaram bastante o sacerdote para não se fazer presente e isso foi o grande ponto negativo da Igreja<sup>307</sup>.

---

<sup>305</sup> Elaine. Entrevista concedida em 02/06/2017.

<sup>306</sup> Judite. Entrevista concedida em 18/03/2014. Guarapuava – PR.

<sup>307</sup> Marcela. Entrevista concedida em 14/07/2017.

Ao final da celebração dessa Romaria, o Padre Sérgio, que estava vestido com uma camiseta preta com inscrição *luto*, pegou o microfone e comentou que vestia a camiseta a fim de mostrar a sua decepção com a atitude de algumas pessoas da comunidade, em tentar impedir a participação dele e de outro padre no evento. As mulheres do MMP buscaram demonstrar uma indignação coletiva, referente ao fato. O padre não citou quem da comunidade não gostaria da sua participação.

A discussão referente ao padre foi feita na primeira reunião após o evento. Apesar do imbróglio elas avaliaram a organização da 10ª Romaria da Mulher de modo positivo, e que a deusa Têmis teria chamado muito a atenção da comunidade, atingindo o objetivo que elas almejavam que era o de fazer as pessoas refletir sobre os preconceitos de toda ordem. O final da Romaria foi na chácara São Carlos, de propriedade da paróquia.

Assim, o conjunto de conteúdos programáticos organizado pelo MMP para essa Romaria pode ser considerado ousado, diante de uma comunidade possuidora de um comportamento conservador.

Tanto as mulheres do MMP como o padre se colocaram, naquele momento, com um discurso da linha católica progressista, ainda que na sequência dos fatos as suas atitudes político/partidárias tenham se mostrado contraditórias. Aliaram-se a um partido conservador, e que, também fez aliança com partidos de esquerda. Ressalte-se que tal partido político conservador, ao qual se aliou o MMP e o padre, pertence a um grupo político de uma das famílias tradicionais, dita pela própria vice-prefeita, como praticantes de uma política coronelista. Ou seja, o grupo de mulheres continuou valendo-se de argumentos em favor dos movimentos sociais, legitimando-se dentro de uma política conservadora.

No dia 28/03/2013 a vice-prefeita inaugurou a sede da Secretaria da Mulher, atuando como Secretária Municipal de Políticas Públicas para a Mulher de Guarapuava; De acordo com uma entrevista cedida por Eva Schran naquele período: “Para conseguirmos trabalhar, buscamos doação de equipamentos junto a outras secretarias já que a sede só ficaria pronta com recursos vindos do governo do Estado, o que levaria tempo, pois a verba não estava prevista no orçamento”<sup>308</sup>.

Então, é possível perceber que a partir do momento em que ela assumiu o cargo de vice-prefeita, o próprio discurso se modificou. Anteriormente a crítica voltava-se contra a

---

<sup>308</sup> Secretaria da Mulher inaugura sede própria em Guarapuava. *Jornal Rede Sul Guarapuava* – PR. 28/03/2013. Disponível em: <<http://www.redesuldenoticias.com.br/home.asp?id=50860>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

administração Municipal, agora mesmo justificando a questão orçamentária, a crítica se fez em torno da administração Estadual. Outro fato a se destacar é a fala do prefeito:

Esse é o resultado de uma luta de muito tempo e nosso objetivo é trazer felicidade para as mulheres, protegendo e valorizando todas elas, não no sentido paternalista, e sim que se torne independente financeira e profissionalmente<sup>309</sup>.

O prefeito, em sua fala, se apropria do esforço das mulheres, sendo esse um dos indícios da necessidade de se ter uma aliada que tinha bom relacionamento com a oposição, pois, como observado anteriormente, no próprio registro em ata, foi por meio da proximidade de Eva com a Ministra da Casa Civil, Gleisy Hoffman do PT, que surgiu a ideia de criação da Secretaria da Mulher<sup>310</sup>.

Assim, foi em meio às suas ações e contradições que o MMP organizou a estrutura da 10ª Romaria da Mulher, como o caso de Elaine, aquela que sofreu preconceito individual por representar uma luta coletiva, seu sofrimento foi tomado pelo MMP com o objetivo de demonstrar a preocupação do grupo com o coletivo, bem como as contradições políticas tanto de representatividade das mulheres, quanto de atuação partidária do MMP nesse período.

A sociedade religiosa passou a ser o local do fazer político, para criar espaços e formas diferentes de relações cotidianas. No entanto, a 10ª Romaria da Mulher foi emblemática no sentido de evidenciar o caleidoscópio em que o MMP se tornou, no emprego de termos religiosos, pagão (Têmis), LGBTTT e feminista.

Nesse sentido, as análises seguiram no sentido de compreender a maneira como algumas das participantes do MMP se compreenderam como atuantes em um grupo de mulheres que se declarava como feminista. O que elas compreendem por feminismo? Quais motivações que as levaram a participar do MMP? E o que fez com que elas continuassem participando do grupo?

### 3.3 Do pluralismo feminista às vozes femininas

Todas elas querem esse empoderamento, todas elas promovem esse empoderamento das mulheres, todas elas querem ver as mulheres donas de suas vidas, praticando a sororidade, todas elas querem uma revolução feminista, mesmo não sendo as mesmas pautas feministas, mas todas querem.<sup>311</sup>

<sup>309</sup> Idem.

<sup>310</sup> Ata nº 01 do Movimento de Mulheres da Primavera. Guarapuava – PR, 2009. p. 27.

<sup>311</sup> Pamela. Entrevista concedida em 10/08/2016. Guarapuava – PR.



Segundo Pamela, foi como organizadora do grupo que ela buscou utilizar esses termos citados: empoderamento<sup>312</sup> e sororidade<sup>313</sup>, para expressar uma opinião plural do grupo. Na verdade é exatamente isso que as mulheres buscam no interior do MMP, além de reconhecimento e visibilidade. Ademais, Pamela coloca as mulheres como protagonistas de um processo que ela denomina de revolução.

Assim, foi necessário analisar, por meio das falas de algumas das mulheres que atuaram no MMP entre 2004 e 2013, sobre o que elas compreendiam pelo termo *feminismo* e a maneira como elas se identificavam como tal. Além disso, foi possível compreender, sobretudo, quais foram os principais motivos que as levaram a participar do MMP, bem como as principais mudanças observadas na vivência delas, por meio da integração ao grupo, observando ainda, o que seria a “revolução feminista”, apontada pela organizadora Pamela. É importante se destacar também que a aplicação das questões foi realizada no período compreendido entre 2014 e 2017, o que significa que a compreensão delas pode ter se alterado durante esse espaço temporal, conforme o processo político em dadas as ações.

No entanto, faz-se necessário empreender o conceito de subjetividade, com a finalidade de se observar a singularidade de cada entrevistada, remetendo a uma coletividade enquanto zona de multiplicidade e impessoalidade<sup>314</sup>. Na ótica de Guattari, a subjetividade é considerada como uma produção essencialmente social, assumida e vivida pelos indivíduos em suas existências particulares<sup>315</sup>. Sendo assim, compreende-se que os posicionamentos múltiplos das entrevistadas sobre o MMP se deve à forma subjetiva que cada qual interpretou o movimento e produziu experiências como participantes deste.

A primeira entrevistada foi Cláudia. Uma das primeiras perguntas feita a ela foi sobre o que as mulheres buscavam no MMP. A fim de compreender a visão dela sobre as demais, ela respondeu: “às vezes vai a mãe, porque a filha sofre, pra ver as vezes o que, que eu posso fazer [para ela], a porque a minha vizinha tá passando isso, ela tá indo pra contar pra vizinha

<sup>312</sup>De acordo com Cecília M.B. Sardenberg, embora o termo *empoderamento* tenha sido usado indiscriminadamente e adquirido novos significados, “para as feministas latino-americanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com o a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero.” SANDENBERG, Cecília M. B. *Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista*. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista>. Acesso em: 05 jun. 2017.

<sup>313</sup>O termo sororidade pode ser definido no movimento feminista como “um aspecto de dimensão ética, política e prática deste movimento de igualdade entre os gêneros”. *Significado de sororidade*. Disponível em: <https://www.significados.com.br/sororidade/>. Acesso em 05 jun. 2017.

<sup>314</sup> ALLIEZ, E. (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 157 a 160.

<sup>315</sup> GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 31.

[...] <sup>316</sup>. Ao relatar sobre as demais mulheres, ela colocou situações em que umas participavam a fim de se compreender e apoiar as outras. Nesse sentido, se questionou se *as reflexões feitas por elas chegavam a atingir algum objetivo*.

Digamos assim, o movimento ele traz assim que a mulher tem que ter sua independência então, a mulher fica mais motivada. Então ela tem aquele problema e agora? O movimento é aonde você tem que recorrer, então é uma porta aberta, uma porta aberta assim, que as pessoas vão e às vezes, elas dizem: ah eu vim pra assistir mas, se sabe que na vida dela lá, a filha tá sofrendo, e o que ela pode fazer pra ajudar, entendeu? A filha tá namorando um cara que é violento, então ali faz com que ela se abra, as pessoas que participam do grupo, elas ficam com uma visão mais ampla, ela começa a visualizar mais o próprio namoro, o próprio casamento, o que está acontecendo isso, isso e isso lá no grupo. Digamos ele abre pra você, você tem que ser independente, não depender dos homens, tem que ter o teu trabalho, tem que ser respeitada dentro de casa, então são coisas assim que você aprende muita coisa num grupo é muito gostoso. <sup>317</sup>

Percebe-se, a maneira como Cláudia destacou a reflexão que fazia por meio da integração entre elas, a modo como deveriam agir ou se portar diante da família, e o modo como elas compreendiam a si mesmas, através das outras em um processo cognitivo, em que se afirmavam dentro do grupo, partilhavam as violências silenciadas e passassem a atingir o que ela considerou como objetivo do grupo, que seria o de tornarem-se independentes financeiramente. De um modo geral, foi perguntado como os homens da comunidade apoiavam o movimento. Segundo ela, os que conheciam o movimento apoiavam, no entanto,

não são todos e muitos assim, o meu próprio, quando eu ia para o grupo tinha um pouco de rejeição, ficava bravo e tal, só que eu ia, porque mesmo contra a vontade dele, eu sabia que era uma coisa boa, porque que eu não vou? Não é uma coisa ruim, se fosse ruim eu sairia, mas é uma coisa boa, não vou desistir e eu fui insistindo e o homem hoje me apoia, e até quando eu não vou, ele diz assim: Ah, você não vai no grupo hoje? <sup>318</sup>

Para Cláudia a decisão de participar do grupo dependia somente dela, e dessa maneira ela seria a responsável por influenciar a visão do marido sobre ela, e não o contrário. Ainda em relação à opinião das pessoas da comunidade em geral sobre o MMP, ela relatou:

sempre criticam sem saber o que é o movimento e vêm as críticas, “ah aquelas mulheres”, “são isso”, mas não, nós não somos feministas, porque se não, não tínhamos casado, então a gente só quer nossos direitos para que

<sup>316</sup> Cláudia. Entrevista concedida em 18/02/2014. Guarapuava – PR.

<sup>317</sup> Idem.

<sup>318</sup> Cláudia. Entrevista concedida em 18/02/2014. Guarapuava – PR.

ninguém sofra, nem homem e nem mulher nem os filhos, ninguém deve sofrer todo mundo tem que viver igual, você chega e toma o café, que as vezes na nossa família é difícil, na minha casa por exemplo, cada um toma o seu café sozinho, e lá é família mesmo, todo mundo se reúne tomando café.<sup>319</sup>

A utilização do termo feminismo não é aceita por Cláudia naquele momento para designar o grupo. No entanto, ao se referir ao coletivo, os direitos que ela diz serem exigidos estes sim vão ao encontro com a pauta do movimento feminista. Porém, ao falar sobre a individualização da família conjugal, esta não lhe favorece o mesmo sentimento que é partilhado no grupo, onde ela realmente o reconhece como família.

Outra questão dirigida a ela foi, em relação ao que modificou na vida dela, a partir da participação dela no MMP:

Querendo ou não o movimento me abriu portas para um monte de coisa, (nesse momento os olhos dela se encheram de lágrimas) se não fosse o movimento, (pausa, enxuga às lágrimas) hoje eu não estaria aqui falando com você, entendeu? (pausa) Pois eu tinha trauma de falar, trauma de falar com as pessoas, trauma de falar em público, tenho ainda esse trauma, (pausa) eu sofri violência sexual, então o movimento, ele me fez realizar coisas assim que... Porque o que trata no movimento, foi o que eu passei [...] (Cláudia).

As lágrimas de Cláudia refletiram o sentimento que muitas das mulheres que se envolveram com MMP demonstraram nas entrevistas: que as violências vivenciadas por elas são desconsideradas no âmbito conjugal, e que foi no coletivo, na identificação com as demais e na valorização entre elas, que elas buscaram se amparar.

No entanto, é importante ser cauteloso em relação às considerações a serem feitas quanto ao momento histórico produzido e às falas das entrevistadas. Principalmente quando suas entrevistas permeavam critérios de violência social doméstica. Afinal, as falas acabam determinando um modo de pensar, formulando juízos de valor nas relações de classe, pelo seu posicionamento político.

Vanderléa foi uma das participantes que atuou no MMP em sua fase inicial, foi perguntado a ela: *o que a teria motivado a atuar no MMP:*

A gente queria mostrar que o homem e a mulher eles podem ser iguais os dois, tanto o homem pode fazer o papel da mãe na casa lá e resolver o problema dos filhos como a mulher pode fazer o papel do pai e resolver os seus problemas, a gente queria mostrar isso que existe a igualdade, mas uma

---

<sup>319</sup>Idem. Grifos meus.

igualdade perfeita e não uma igualdade em que ainda o homem se sobressai sobre a mulher, a gente quer que exista isso, e também gritar para o povo ouvir que existe muita mulher ainda sendo injustiçada, massacrada, morta, por causa de coisas, até mesmo ciúme porque a mulher saiu trabalhar fora, o marido não admite que ela trabalhe fora, ela pode ficar mais bonita ela tendo o seu dinheiro<sup>320</sup>.

Para Vanderléa, a motivação de participar no movimento partiu do momento em que elas começaram a organizar as Romarias da Mulher, que era o momento em que elas tinham a oportunidade de mostrar às pessoas que elas não estavam contentes em seus espaços cotidianos e com as relações de submissão. Contudo, sobre a participação dela no MMP, ela declara que “depois como teve mais esse cunho político, daí eu me afastei”.<sup>321</sup> Após o *Projeto do Bem Comum*, Vanderléa que fazia parte do PT, se desligou do grupo, principalmente pelo fato da política partidária. Em relação ao *o que ela pensava sobre o uso do termo feminismo no MMP*, ela relatou:

Bastante gente tem rejeição, bastante gente, é eles verem assim, você é na realidade eles dizem assim, são mulheres que não estão de bem com a vida e querem aparecer, tem bastante gente que falou isso já, e daí a gente tenta explicar que não, que não é assim, não é dessa forma, que pode ter uma outra linha de pensamento, vai encontrar um outro objetivo para a caminhada da mulher, mas tem muita gente que ainda pensa ao contrário<sup>322</sup>. (Vanderléa).

O destaque que ela deu foi sobre o que as pessoas da comunidade falavam sobre as mulheres do MMP, e não necessariamente sobre o feminismo. O que pode ser um dos motivos pelo qual o MMP foi aos poucos demonstrando, uma aproximação com as pautas do Movimento Feminista, uma vez que o principal público do grupo e que deu apoio às campanhas das mulheres eram provenientes deste bairro. Outro fato que se notou na entrevista com Vanderléa foi à compreensão dela sobre a utilização do termo feminismo; no seu entendimento o termo assustava as pessoas, assim como:

Então, tem outra palavra que também vem de encontro às romarias, mas não as nossas, que é a marcha das vadias<sup>323</sup>, então a gente, eu mesma questioneei

<sup>320</sup> Vanderléa. Entrevista concedida em 09/10/2016. Guarapuava – PR.

<sup>321</sup> Idem.

<sup>322</sup> Idem.

<sup>323</sup> De acordo com a nota da Organização da Marcha das Vadias em Guarapuava 2014: em cada Marcha das Vadias que ocorre no mundo todas as pessoas que apoiam o debate marcham se denominando “vadias” para dar um basta na violência contra a mulher e dizer que o corpo dela pertence apenas a ela própria e a mais ninguém, prezando sempre pela sua liberdade a partir da simbologia de que “se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias”. Disponível em: <http://www.superinformado.com.br/guarapuava/guarapuava-tera-2a-edicao-da-marcha-das-vadias-neste-sabado-8>. Acesso em 10 jun. 2017. O termo passou a ser adotado na primeira Marcha

o nome, porque esse nome? Porque eles, o povo, os homens mesmo dizem: Nossa! É assustador, é pejorativo se for ver é uma coisa assim que faz denegrir o nome da mulher, então eles já verem por outro lado e aí começa toda uma ironia em cima, é bem complicado. (Vanderléa).

Compreendeu-se que, ao destacar a motivação dela ao participar do MMP, ela o fazia em nome das injustiças sobre as mulheres, não obstante, mesmo ao buscar validar que a conotação negativa em relação ao feminismo viria das pessoas da comunidade, ela se colocou contrária, tanto ao dizer que o termo feminismo seria assustador, quanto ao questionamento sobre a utilização das terminologias na Marcha das Vadias.

Dessa forma, outra entrevista que tornou passível de análise foi a de Roselaine, pois, ao ser perguntado: *em que o movimento auxiliava as mulheres?* Ela destacou que uma das principais características era a *autoestima*: “a autoestima é muito importante, também porque a mulher que vai ao movimento de mulheres, ela acaba vendo que existe outro mundo, que não é aquilo que toda vida ela pensou que era, tem outros meios<sup>324</sup>”. No mesmo sentido da resposta de Cláudia, Roselaine colocou que a coletividade diz respeito à valorização das mulheres, e que o MMP se fez importante. Em relação ao aprendizado que o MMP teria proporcionado, ela argumentou:

Várias coisas que eu voltei a estudar, eu acho assim que tudo, as mulheres são capaz de tudo que elas pensarem em fazer elas conseguem fazer, só que às vezes as mulheres não tem apoio em casa, não tem apoio do esposo e elas acabam ficando quietinha no seu cantinho, não é verdade? E procuro ficar muito esperta assim também quando tem alguma decisão entre homens e mulheres, porque os homens infelizmente ainda, eles querem é passar a perna nas mulheres sabe, sempre assim, então nisso, eu aprendi a ter, como que chama a palavra? No movimento de mulheres eu fiquei uma pessoa mais... não é astuta o nome não é isso, é como que eu posso te dizer, com uma visão diferente, assim tipo assim mais é atenta, mais atenta sabe, então eu aprendi várias coisas no movimento de mulheres. (Roselaine).

Para Roselaine, a motivação que a levou a atuar no grupo foi a de sentir-se amparada a tomar suas próprias decisões, além da percepção sobre as imposições de uma sociedade machista em determinação às escolhas das mulheres. No que se refere à aceitação do uso da terminologia feminismo no movimento ela respondeu que, sobre a questão da igualdade entre

---

da Vadias em 2010 em Toronto no Canadá, após um policial ter afirmado que as mulheres eram estupradas por vestirem-se como vadias.

<sup>324</sup> Roselaine. Entrevista concedida em: 18/02/2014. Guarapuava - PR.

homens e mulheres ela era favorável, no entanto, ao se tratar de questões como a defesa do aborto, ela era contrária, pois:

Se for um aborto porque a mulher não quer o filho e ela quer abortar eu sou contra o aborto, agora se for um aborto que seja, por exemplo, que a criancinha vai nascer deficiente, que tem um nome específico também mas eu não sei qual é, aí eu sou a favor, então eu não sou uma pessoa totalmente a favor do aborto entende? Então eu sou uma pessoa que depende do caso entende? Se for uma mãe, por exemplo, é uma mãe que seja prostituta, ou seja, o que ela for, ela engravidou e ela vai querer abortar? Não, eu sou contra aí, eu sou contra, mas se for pra nascer um filhinho deficiente, com probleminha pra sofrer daí eu sou a favor. (Roselaine).

Na visão dela, o termo feminismo, poderia ser aceito na função da defesa da equidade binária, todavia, ao se tratar do aborto, ela se coloca em defesa da vida. Entretanto, o feto teria que possuir perfeitas condições físicas para que fosse merecedor dessa vida. Já a mulher, seria a responsável pela gravidez, logo, teria que arcar com as consequências de qualquer forma. Para a entrevistada, ao se tratar da questão de direitos, o uso do termo feminismo se faz importante, no entanto, ao se tratar das responsabilidades sobre a maternidade, esta deve ocorrer, sobretudo a partir das mulheres.

Ao perguntar a Melody sobre a utilização do termo feminismo no MMP, esta argumentou que a utilização foi considerada muito positiva, segundo ela, em todos os sentidos<sup>325</sup>, no entanto em relação ao aborto:

Olha a gente não conseguiu falar sobre este assunto, ainda abertamente dentro do nosso grupo, que as nossas mulheres na verdade elas não tão preparadas para falar sobre isso, a gente fala muito sobre vários assuntos assim, mas, a questão do aborto é por ter essa ligação com a igreja, então para nós é muito complicada, então a gente tenta não abordar esse assunto ainda, a gente não conseguiu achar um mecanismo de chegar até as mulheres, porque nós assim, nós trabalhamos outras coisas pra um dia nós conseguir chegar nisso aí, sabe, eu não sei se isso vai ser logo, vai ser já mas nós sabemos que nós... Temos que falar<sup>326</sup>. (Melody)

Melody teve uma preocupação maior em demonstrar que elas se inseriam dentro da pauta dos Movimentos Feministas, contudo, mesmo tendo o objetivo de debater o aborto, a religiosidade as silenciava. Ao se dizer a favor da autonomia das mulheres em relação aos homens, como se observou nas falas de Cláudia e Roselaine, Melody confirma o cerceamento imposto a elas por meio da condição religiosa das participantes.

<sup>325</sup> Melody. Entrevista concedida em 20/02/2014. Guarapuava – PR.

<sup>326</sup> Idem.

Elaine foi uma das entrevistadas que se sentiu à vontade em falar sobre as motivações que a levaram a participar do MMP:

Eu penso que quando uma mulher procura algo, é sinal que ela quer mudar, ouvir outras pessoas falando, pois às vezes, você não tem uma decisão própria, às vezes você tem que ouvir, eu ouvi, vou ter coragem, eu tinha medo, quando eu comecei a ouvir eu pensei, não, eu posso, porque eu tinha medo? Por ser considerada negra do cabelo ruim igual dizem, mas é verdade e por mais que digam: “não você não é negra”, eu não gosto mais que falem que eu não sou, porque para mim já é, eu sou e ponto. Então quando eu comecei a ver isso, quando falaram negro, eu falei, nossa eu sou negra e eu passei por isso, então agora vou lutar por isso e eu comecei, falava e brigava mesmo, se eu ouvisse falar, por quê? O sangue que corre aqui é o mesmo que corre ai<sup>327</sup>.

Para Elaine, foi através das reuniões no grupo que ela se identificou em debates sobre a representatividade da mulher negra, pois, a autonomia que ela buscava, passava pela limitação social étnico-racial. Foi possível perceber também o quanto Elaine foi valorizada no grupo, pois sendo a única mulher negra entre as participantes, ela foi escolhida a fim de legitimar mais uma vez o MMP na pauta dos Movimentos Feministas, o que valorizou tanto a individualidade, quanto sua participação dela na coletividade.

Outra entrevista que se tornou importante destacar nessa análise a fim de compreender o aspecto da “revolução feminista” mencionada por Pamela, foi a de Judite, a qual foi entrevistada em dois momentos: o primeiro, no ano de 2014, pelo método da entrevista individual, e o segundo, 2017 em entrevista coletiva, tendo a participação dela e mais duas organizadoras do MMP. Dessa forma, destaca-se a sequência das falas primeiramente em 2014 e posteriormente em 2017.

Ao ser perguntada sobre as motivações que a levaram a participar do MMP e o que fez com que ela se mantivesse na atuação deste, Judite respondeu:

Não tem como você parar, quando você vê que têm mulheres assim que se libertam daquela opressão, que se liberta daquela submissão, que até então as mulheres eram: - olha você é... tem que fazer - , sabe? Você vai á luta, então as conquistas, a união faz com que você se motive, as bandeiras que a gente levanta, e se conquista faz com que você diga: - Eu não vou ficar em casa dormindo, enquanto eu estou dormindo tem mulheres sofrendo, enquanto eu estou dormindo tem mulheres precisando, a vida tá perecendo; então por isso a gente levanta no domingo de manhã e vai pra luta<sup>328</sup>.

<sup>327</sup> Elaine. Entrevista concedida em 07/06/2017. Guarapuava – PR.

<sup>328</sup> Judite. Entrevista concedida em 12/02/2014. Guarapuava – PR.

Judite coloca a libertação das mulheres como uma das motivações que a levou a atuar na participação do grupo. Ao observar as falas das entrevistadas e o reconhecimento de que o MMP as auxiliou nesse processo libertário, foi possível compreender também, por meio da entrevista com Cláudia, que a independência almejada ocorria por meio das ações e dinâmicas realizadas no interior do grupo. Dessa forma, por meio das expressões vivenciadas durante as entrevistas foi possível compreender a externalização das violências, mesmo que doloridas é a maneira como elas conseguem se colocar como sujeitos políticos, que de uma forma ou outra conseguiram ser ouvidas coletivamente.

Em relação a essa libertação das mulheres apontada por Judite, foi perguntado se ela identificava o MMP como um grupo que atuava em favor dos Movimentos Feministas, para o que ela respondeu:

E é eu penso assim ó, quando olha o lado os movimentos feministas na radicalidade, eles são muito radicais, então tem situações que eles são radicais mesmo, nós não, nesse sentido pra nós não interessa, nós somos sempre a favor da vida, então nós somos movimento, porque somos mulheres, você pode dizer que somos feministas, mas nós não somos radicais nem ao extremo, então, tem situações que a gente diz: - Olhe que bonito! Mas tem situações que nós não concordamos, quando vai nessa parte assim de radicalidade, dá impressão que nós nem somos femininos, porque nós não apoiamos nesse sentido, mas quando é coisas boas nós concordamos<sup>329</sup> (grifos meus). (Judite, 2014)

A radicalidade criticada por ela em relação ao feminismo é na visão dela uma defesa que vai contra ao que ela considera como mulher. Logo, a radicalidade não fazia parte do que ela denominou como coisas boas para as mulheres, as coisas boas seriam a conquista de direitos que as libertasse em relação à dependência relativa à vida econômica e conjugal.

Em 2017, em entrevista coletiva com o MMP, se questionou sobre *o que elas achavam sobre o termo feminismo e o Movimento de Mulheres*. A posição de Judite foi a de que ela considerava que o termo tinha tudo haver com o movimento, porque no grupo elas não tinham como não falar das críticas feitas pelo feminismo:

Mas eu era bem mais feminista, eu era radicalmente feminista no começo, nas romarias do começo, eu criticava sempre as atitudes dos homens, pois isso me indignava e eu era uma das primeiras a levantar as bandeiras do radicalismo, como feminista mesmo, e as meninas foram me corrigindo com o passar do tempo<sup>330</sup>.

<sup>329</sup> Idem.

<sup>330</sup> Judite. Movimento das Mulheres da Primavera. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava/PR.



Em um primeiro momento, em relação a aceitação do termo feminismo, colocado inicialmente como os de cunho radical, ela se colocou contra, no entanto, no coletivo ela viu a necessidade de afirmar-se como feminista, pois era assim que a imagem do grupo deveria ser repassada, como mulheres que atuavam em defesa de causas feministas.

Foi possível observar também que o uso do termo revolução, presente tanto na entrevista de Pamela no ano de 2016, quanto na entrevista de Judite em 2017, demonstrou que nesse período temporal a utilização da palavra foi sendo apropriada pelo MMP.

Dessa maneira, ao retornar a entrevista de Pamela, no sentido de compreender a noção de *revolução feminista* empregada por ela inicialmente, ela comentou, que ao participar do MMP ela passou a “entender que a libertação da mulher é nas pequenas coisas também, seja de ela voltar a estudar, isso também é revolucionário, parece que eu queria coisas muito grandiosas, e eu percebi que é nas pequenas coisas que muda”<sup>331</sup>.

A revolução feminista mencionada por Pamela está de acordo com o que se analisou por meio das entrevistadas quando mencionaram a busca por autonomia e de certa forma empoderamento, o que pode ser compreendido como uma revolução que ocorre a partir da coletividade, em uma dinâmica que se faz de dentro para fora, em que as mulheres que participaram do *Movimento de Mulheres da Primavera* protagonizaram um desabrochar, assim como as flores da primavera. Assim se compreendeu que o MMP bem como os Movimentos Feministas não são homogêneos, localizam-se entre fronteiras em um devir, não sendo fixos.

---

<sup>331</sup> Pamela. Entrevista concedida em 11/08/2016. Guarapuava – PR.

### Considerações finais

Apesar de inserção tardia no Brasil, os debates de relações de gênero têm ocupado um importante espaço no cenário nacional, sobretudo no meio acadêmico, com representativa produção de textos sobre o tema. Em relação à participação política feminina usando espaços religiosos, caso deste trabalho, a produção acadêmica ainda é um pouco tímida. Dos discursos às práticas das relações de gênero, as mulheres ainda não conseguiram resolver seus inúmeros problemas cotidianos, quer seja de violência de toda ordem, ou de preconceitos arraigados historicamente no imaginário social.

As dificuldades em solucionar esses problemas têm causas históricas, de constituição de práticas cognitivas que influenciam os processos libertários, quanto das lutas das mulheres nas mais diversificadas áreas de atuação. Os movimentos feministas vêm se sucedendo no cenário político e social, ao longo das décadas, como motivações, possibilidades e limites de uma igualdade que ainda lhes é negada.

Na história recente do Brasil, as mulheres problematizam o futuro do país com suas reivindicações por direitos e igualdade e pela inserção de políticas de Estado que as contemplem. Por outro lado, permeando essas lutas, ainda que discretamente, esteve presente a Igreja Católica, através de algumas de suas pastorais sociais, ora com um discurso e uma prática favorável às mulheres, ora cerceando-as em seus avanços. Assim como fez também em relação aos movimentos sociais de um modo geral. Porém, esta Igreja aparece sempre com uma linguagem revestida nas palavras de seus porta-vozes hierárquicos.

Essa pesquisa procurou evidenciar, num primeiro momento, as iniciativas de um grupo de mulheres do Bairro Primavera, em Guarapuava, Paraná, que se organizaram no MMP - Movimento de Mulheres da Primavera, para lutar por voz política e por reformas sociais em seu bairro, utilizando-se do espaço religioso, na paróquia Nossa Senhora de Fátima, no mesmo bairro. Bem como dentro das condições impostas pelas relações de poder que as cercaram, buscaram nas relações políticas e partidárias mesmo que contraditoriamente, a tentativa de inserir condições consideradas por elas revolucionárias, tanto em aspectos individuais, quanto coletivos.

O Pároco da referida Igreja, por sua vez, atuou paralelamente ao MMP e em um Partido Político, o P.H.S. como norteador de um projeto que respondia ao seu interesse, projeto este que viria a ser uma referência ao próprio MMP. Atuou principalmente com a finalidade de estabelecer limites ao avanço das mulheres, que, pelas suas táticas de lutas, já amalhavam muita simpatia. A atuação do pároco, tanto quanto do Partido Político (P.H.S) e

da sua representante no mesmo, como vereadora e vice-prefeita, acabou desarticulando muito das iniciativas do MMP, mantendo, no entanto, a sua estrutura.

As análises seguintes foram conduzidas para o surgimento do MMP, sob os auspícios da Igreja Católica, através da paróquia Nossa Senhora de Fátima. Um dos motivos da existência do MMP foi favorecido pelo contexto nacional daquele momento, de surgimento de vários movimentos sociais de contestação, com grande visibilidade na mídia. Também, claro, pelo aprimoramento do debate de relação de gênero.

Num outro momento, buscou-se analisar as táticas de organização e de visibilidade do MMP, através da efetivação das diversas Romarias da Mulher, sempre com as bênçãos da Igreja Católica, do bairro Primavera. Impossibilitadas de prosseguir com a política de criar e exercer influência através da promoção de Romarias, por exemplo, as mulheres passaram a executar projetos sociais e de melhorias materiais para o referido bairro. Uma das medidas tomadas foi realizar a limpeza do Rio Cascavel, que corta o bairro, como ato concreto de preocupação com questões ambientais.

Situava-se, pois, em um contexto de atuação junto a um movimento que discutia questão de gênero, porém dentro dos limites institucionais, sendo órgão da Igreja Católica. Nesse sentido, o MMP, por sua vez, ficou igualmente preso nos limites determinados pela política social da paróquia que serve, ou seja, a Igreja que criou possibilidades de ação política feminina.

Além da ajuda da Igreja Católica, o MMP surgiu também pela experiência de outros movimentos no Paraná, exemplos do Movimento de Mulheres do Paraná, das mulheres do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e de movimentos feministas de um modo geral. Mas, o seu grau de aprimoramento deu-se a partir dos debates internos, estudos e efetivação de Romarias e outras manifestações.

As reflexões foram conduzidas no sentido de evidenciar posicionamentos e contradições no interior do MMP. A autogestão de seus princípios organizativos, que no seu início previa o direito à diversidade de ideias e uma tentativa de não institucionalização do movimento nos moldes "tradicionais" de sindicatos e outras associações, acabaram com o passar do tempo, se transformando em comportamentos de ações verticais.

Em outro momento, procurou-se destacar as subjetividades das mulheres estabelecidas nas fronteiras das experiências pessoais, familiares e coletivas, por meio das entrevistas, como representações sociais que contribuíram para o desenvolvimento de uma cultura de valores com orientação horizontal nas relações cotidianas.

Apesar dos conflitos internos, principalmente na tomada de decisões de estratégias das lideranças, pôde-se verificar uma dinâmica nas relações de solidariedade e sociabilidade entre as envolvidas. A relação comunitária foi desenvolvida, principalmente pela carência coletiva manifestada no seu cotidiano, quer nas relações interpessoais próprias da organização como movimento de mulheres, quer na preservação de relações pessoais necessárias à manutenção do equilíbrio do grupo.

Tal aspecto foi bem explorado pelas dirigentes do MMP, no sentido de estimular uma religiosidade e sua simbologia em uma mística, como instrumentos de comunicação, exercício de poder e de justificação da realidade das mulheres. Isso tudo constituiu parâmetros importantes na construção social de uma parte da população de mulheres do bairro, integrando-as no dia a dia dos afazeres e da "ordem" interna dirigida pelas líderes.

Para finalizar este trabalho, pode-se dizer que o MMP, eventualmente articulado com a paróquia, teve a simpatia de uma parcela da população no desenvolvimento de seu projeto, conquistando pautas políticas que deram visibilidade às mulheres guarapuavanas. A Igreja, tanto quanto o Estado, tem tido em seus discursos de reformas sociais e de questão de gênero, algo que não se realiza. Nessa ausência de realização, os movimentos sociais e outros grupos de ação, caso do MMP, partem para políticas alternativas, na inserção de atitudes políticas e emocionais poderosas e surpreendentemente variadas, o que por si só, desencadeiam contradições com desfechos imprevisíveis para sua própria sobrevivência.

Na tentativa de refazer essa trajetória das questões de gênero e agentes envolvidos, essa pesquisa constitui-se na certeza de que muitos temas abordados contribuirão para estudos mais amplos e mais ambiciosos.

**Fontes Orais:**

Ana Paula. Entrevista concedida em 08/06/2016. Guarapuava, PR.

Ana Terra. Entrevista concedida em 10/11/2017. Guarapuava - PR.

Cláudia. Entrevista concedida em 18/02/2014. Guarapuava – PR.

Cláudio Cesar de Andrade. Entrevista concedida em: 24/10/2017. Guarapuava – PR.

Elaine. Entrevista concedida em: 31/03/2017. Guarapuava - PR.

Ester. Entrevista concedida em 09/10/2016. Guarapuava/PR.

Eva Schran de Lima. Entrevista concedida em: 25/05/2014. Guarapuava.

Eva, Movimento das Mulheres da Primavera. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava/PR.

Judite. Entrevista. Concedida em: 18/03/2014. Guarapuava - PR.

Judite. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava – PR.

Lia. Entrevista concedida em 25/02/2017. Prudentópolis/PR.

Lia. Entrevista concedida em: 01/02/2017. Prudentópolis – PR.

Lisandro Vieira. Entrevista concedida em: 31/01/2017. Guarapuava – PR.

Marcela. Entrevista concedida em: 14/07/2017.

Mario. Entrevista concedida em 15/05/2016. Guarapuava – PR.

Melody. Entrevista concedida em 12/02/2014. Guarapuava/PR.

Pamela. Entrevista concedida em: 10/08/2016. Guarapuava – PR.

Roselaine, Movimento das Mulheres da Primavera. Entrevista coletiva concedida em: 02/04/2017. Guarapuava - PR.

Rosinéia. Entrevista concedida em: 25/02/2017. Guarapuava - PR.

Sércio. Entrevista concedida em 20/08/2016. Guarapuava/PR.

Vanderléa. Entrevista concedida em 09/10/2016. Guarapuava – PR.

### Referências:

ALLIEZ, Eric. (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Coord. da tradução: Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ALVES, Antônio Aparecido. *Escolas de Formação fé e política: um estudo teológico a partir do ensino social da igreja e da teologia latino-americana*. 2010, 250 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

AUGUSTO, Daniel Cirilo. Eleições, grupos de poder e partidos políticos: Considerações sobre a Geografia do voto no município de Guarapuava/PR. *OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia*, v.7, n.19, p. 51-72, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.observatorium.ig.ufu.br>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. A Percepção do eleitorado de Guarapuava-PR a cerca dos grupos de poder: Transformações e continuidades. *Revista Percurso – NEMO*, Maringá, v. 7, n. 2, p.117-133, 2015, p.122. Disponível em: <[www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/download/28541/15761](http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/download/28541/15761)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CAMILO, Rodrigo Augusto de Leão. *A teologia da libertação no Brasil: das formulações iniciais de sua doutrina aos novos desafios da atualidade*. Disponível em: <[https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Rodrigo\\_Augusto\\_Leao\\_Camilo.pdf](https://anais.cienciassociais.ufg.br/up/253/o/Rodrigo_Augusto_Leao_Camilo.pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2017.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CAVALCANTE, Alcilene, XAVIER, Dulce (orgs). *Em defesa da vida: aborto e direitos humanos*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2006.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista das revistas*. São Paulo, V. 11, nº 5, Jan/abril, p. 173 a 191, 1991.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n 11. 1991, p. 184. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>> . Acesso em: 17 abr. 2017.

CORRÊA, Roberto Lobatto. *A periferia urbana*. Geosul, n. 2, 2º sem. 1986. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/viewFile/12551/11859>>. Acesso em 14/08/2017.

CORREIA, Victor. A dicotomia Público - Privado. *Poliética*. São Paulo, v. 3, n. 1, pp. 7-44, 2015, p. 07. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/PoliEtica/article/download/19492/1810>>. Acesso em: 19 mai. 2017.

CORSO, João Carlos. *A mística da terra: Um estudo sobre a Romaria da Terra (Rio Bonito do Iguacu- PR-1997)*. Guarapuava, 1999. 132 fls. Dissertação (Mestrado em História). UNESP.

CRUZ, Clériston Jesus da (org). Construindo uma análise semiótica em desconstruindo Amélia. *Revista Hiperion*, n. 08. 2016. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistahyperion/article/view/17019>>. Acesso em 23 abr. 2017.

FERREIRA. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v. 94, n.3, p.111-124, maio/jun.2000, p. 10.

FORTUNA, Sandra Lourenço de Andrade. As estratégias de enfrentamento da violência doméstica: um estudo sobre Guarapuava. *Ex aequo* n.24 Vila Franca de Xira 2011. Disponível em: [www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874)>. Acesso em: 20/03/2017. 20 mar. 2017/20 jun. 2017.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FRANCISCO, Crislaine Valério de Toledo. “Um novo jeito (conservador) de ser igreja” *Revista USP*, São Paulo (37): 232-235 Março/Maio. 1998, p. 232. Disponível em: [www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28383/30241](http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/28383/30241)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

FURLIN, Neiva. Teologia feminista: uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. *Revista de estudos da religião*. Ano 11, nº 01. Jan/Jun 2011, p.146. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6034>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

GABOARDI, Ediovani A. Os significados ocultos da deusa da justiça. *Revista Pragmateia Filosófica* - Ano 2 - Nº 1 - Out. 2008 - ISSN: 1982-1425. Disponível em: [www.nuep.org.br/site/.../rev-pragmateia-v2-n1-out-2008-os-significados-ocultos](http://www.nuep.org.br/site/.../rev-pragmateia-v2-n1-out-2008-os-significados-ocultos)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

GARCIA, Loreley. Era uma vez... o uso da história oral nos estudos de gênero. *Mneme revista de Humanidades*. Caicó. V. 05. nº . 11, jul./set. de 2004. p. 552.

GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de Mulher*. Coleção mulher: tema atual. São Paulo: Paulinas, 1994.p.6.

GOMES, Eduardo Granha Magalhães. *Conselhos gestores de Políticas Públicas: aspectos teóricos sobre o potencial do controle social democrático e eficiente*. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/cebape/v13n4/1679-3951-cebape-13-04-00894](http://www.scielo.br/pdf/cebape/v13n4/1679-3951-cebape-13-04-00894)>. Acesso em: 23 abr. 2017.

GOULART, Mônica Helena Harrich Silva. *O Coronelismo e a transição republicana do Paraná*. IX Simpósio Internacional do Processo Civilizador. Tecnologia e civilização. Ponta

Grossa/PR. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/mesa\\_debates/art24](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/mesa_debates/art24). Acesso em 20 mar. 2017.

GUARIZA, Nádia. *Incorporação e (re)criação nas margens: trajetórias femininas*. Curitiba, 2009. 273 f. Tese (Doutorado em História) Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. p. 340

\_\_\_\_\_. *Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 31.

HORST, Sheila. Movimento de Mulheres organiza abaixo assinado pedindo vagas em Cmeis. *Jornal Diário de Guarapuava*, 19 a 20 de março de 2011. Guarapuava – PR.

KNAPIK, Márcia Carneiro (org). *Movimento Popular de Mulheres no Paraná: 10 anos construindo vida*. Curitiba: Editora gráfica popular – Cefúria, 2005.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEAL, Vitor. Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. 5. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. p. 366.

LEMOS, Tales Falleiros. *Educação e Igreja: a experiência da Escola Diocesana de Formação Política de Guarapuava (2001-2002)*. Campus Santa Cruz, Guarapuava- Pr, 2002.

LERBACH, Brena Costa. Movimentos Sociais: Percursos Práticos e Conceituais. *Anais do Seminário Nacional da Pós - Graduação em Ciências Sociais – UFES*. v.1, n. 1, 2011. Disponível em: [www.periodicos.ufes.br > Capa > v. 1, n. 1 \(2011\) > Lerbach](http://www.periodicos.ufes.br/Capa/v.1,n.1(2011)/Lerbach)>. Acesso em: 22 mar. 2017.

LIMA, Ricardo de Almeida. “*Juventude Universitária em Guarapuava - PR: Circuitos musicais e mediação*”. Curitiba, 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/48000/R%20-%20D%20-%20RICARDO%20DE%20ALMEIDA%20LIMA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 14/08/2017.

MARINHO, Francisco Fernandes (org). *História da paróquia Nossa Senhora de Fátima*. Guarapuava: Celeiro do Livro, 2012.

MAY, Tim. *Pesquisa Social: questões e métodos*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MENEZES NETO, Antônio Júlio. A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. *Cad. CRH* vol. 20 n°.50. Salvador, 2007, p. 5. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792007000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792007000200010)>. Acesso em: 27 set. 2016.



NUNES, Maria José Rosado. Gênero e Religião. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(2): 256 maio- agosto/2005. p. 363.

PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PIRES, Ariel, J. *O Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra e a Política Social Católica - (1980-2000)*: Concepções, ambiguidades e permanências na luta pela terra agrícola. Assis/SP, 2001, 123 fls. Tese (Doutorado em História) Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

POLLAK, Michel. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. p. 204.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Revista Projeto História*. São Paulo. v.14, fevereiro, 1997.

SANDENBERG, Cecília M. B. *Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista*. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista>. Acesso em: 05 jun. 2017.

SANTOS, Júcélia Bispo. Novos Movimentos Sociais: Feminismo e a luta pela igualdade de gênero. *Revista Internacional de Direito e Cidadania*, n.9, p. 81 a 91, fevereiro, 2011. p. 85.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: Alguns problemas teóricos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - v. 13 n. 38. p. 7 a 13. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300010). Acesso em 26/08/2017.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol. 16, n.2. Porto Alegre, jul./dez.1990. p. 21 - 22.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. 20 (2), p.71-99, 1995. p. 86.

SILVA, Marcia da. *Noções Introdutórias da formação de “territórios conservadores de poder”*: o exemplo de Guarapuava/PR- Brasil. X Colóquio Internacional de Geocrítica. Diez años de câmbios em el mundo, em la geografía em y em las ciencias sociales, 1999-2008. Barcelona, 26 - 30 de mayo de 2008 Universidad de Barcelona. Disponível em: [www.ub.edu/geocrit/-xcol/220.htm](http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/220.htm). Acesso em 20/08/2017.

\_\_\_\_\_. *Territórios conservadores de poder no centro-sul do Paraná*. 263 f. Tese de doutorado em Geografia. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, maio de 2005, p. 116.

SOARES, Vera. Mitos e realidades do dia 8 de março. *Revista Fundação Perseu Abramo*, 2010. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/content/mitos-e-realidades-do-8-de-marco>. Acesso em: 26 out. 2016.

TEDESCHI, Losandro Antônio. *Alguns Apontamentos sobre Historia Oral, Gênero e História das Mulheres*. Dourados, MS: UFGD, 2014.

TOMAZINI, Carla Guerra (org). Programa Fome Zero e o paradigma da segurança alimentar: ascensão e queda de uma coalizão? *Rev. Sociol. Política*. vol. 24 n°.58 Curitiba Junho, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1678-987316245801>>. Acesso em 17 mar.2017.

VANDERLINDE. Tarcísio. *A Peregrinação por um novo território*. Disponível em: <file:///C:/Users/5555/Downloads/236-912-1-PB.pdf>. Acesso em: 09 out. 2016.

VICENTIN, Sonia Antonovicz; HEROLD JUNIOR, Carlos. *O Corpo da docência: a mulher e a construção do ensino normal em Guarapuava (1930-1960)*. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

VVAA. *Hermenêutica feminista e Gênero*. Centro de Estudos Bíblicos (CEBI). São Leopoldo – RG, 2000.

WARREN, Ilse Scherer. Dossiê Movimentos Sociais. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Soc. estado*. vol.21 n.1 Brasília Jan./Abr. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922006000100007>> Acesso em: 21 abr. 2017.

WOODHEAD, Linda. *REVER, Revista eletrônica de Estudos da Religião*, nº 4, 2001. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2001/t\\_woodhead.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2001/t_woodhead.htm)>. Acesso em 19 jan. 2017.

- Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.
- Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.

Irati(PR), 25 de Setembro de 2017.

  
Karina de Fátima Visentin Bochnia